Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Fernanda Felisberto da Silva

Escrevivências na diáspora:
escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston

Rio de Janeiro
2011

Fernanda Felisberto da Silva

Escrevivências na diáspora:
escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Aparecida Andrade Salgueiro

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S586 Silva, Fernanda Felisberto da
Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston / Fernanda Felisberto da Silva. - 2011.
154 f.: il.

Orientadora: Maria Aparecida Andrade Salgueiro.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Escritoras negras - Teses. 2. Mulheres intelectuais - Teses. 3. Afetividade - Teses. 4. Literatura comparada – Americana e brasileira - Teses. 5. Literatura comparada – Brasileira e americana - Teses. 6. Amor na literatura – Teses. 7. Feminismo e literatura – Teses. I. Salgueiro, Maria Aparecida Andrade. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.091

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Fernanda Felisberto da Silva

Escrevivências na Diáspora:

escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 30 de setembro de 2011.

Banca Examinadora:

_____
Profª. Dra. Maria Aparecida Andrade Salgueiro (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

_____
Profª. Dra. Maria Conceição Monteiro
Instituto de Letras da UERJ

_____
Profª. Dra. Fernanda Lemos de Lima
Instituto de Letras da UERJ

_____
Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte
Faculdade de Letras da UFMG

_____
Profª. Dra. Luciane Nunes
Faculdade de Letras da Universidade Estácio de Sá

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

Dedicado

À Maria da Conceição Felisberto e à Maria Lúcia da Silva (in Memorian), sem muitas palavras, minhas avós.

Ao clã dos Felisbertos: Benedito, Antonio, Francisco e Sebastião, Tia Fia (in Memoriam), cheguei!

A Milton Roberto (in Memoriam), meu pai, e a Humberto Giannini (in Memoriam), meu padrasto, não deu tempo de vocês assistirem a mais esta vitória, mas deu tudo certo.

À Maria Consuelo Cunha (in Memoriam), professora e amiga, pena que você não está aqui!

À Maria Aparecida Andrade Salgueiro, orientadora e companheira incansável nesta jornada.

À Heloisa Marcondes, minha outra metade Kitabu.

À Célia Felisberto, minha mãe, por seu amor incondicional, este título também é seu, agora você tem um filha Doutora.

A Raul Cláudio, meu marido, obrigada por viver meus sonhos sempre.

À Zora Felisberto, minha pequena filha, meu mundo agora é outro.

AGRADECIMENTOS

Quando iniciei os agradecimentos me dei conta de fato que este ciclo chegava ao fim, para que isso pudesse realmente acontecer, não seria possível sem a ajuda incansável de Analu Silva amiga, companheira, leitora e cúmplice, meu muito obrigada, ao Ricardo Riso, revisor, amigo e leitor absolutamente atento, à Maria Julia, minha *personal Designer*, e Mário César Augusto, que entrou no "bonde" no último momento, mas contribuiu de forma definitiva para tudo.

Às professoras Luciane Nunes e Fernanda Lima, que entenderam minhas escrevivências e colaboraram decisivamente. Ao professor Eduardo de Assis Duarte, sempre disponível em colaborar e ao professor Victor Hugo, pelas conversa iniciais.

Aos familiares e amigos próximos, agradecimento mais que especial a todas(os) que em algum momento dividiram comigo a maternidade durante a tese para que eu pudesse produzir, as minhas cunhadas Rogéria e Raquel, a minha enteada Renata, aos amigos Duda e Marta, e Luiz e Joseane Chelles, que acabaram de chegar, mas já dividiram comigo a responsabilidade.

À Marta Oliveira, que me ensinou a fechar os ciclos.

À família Kitabu, sem vocês nada disso seria possível, Heloisa, Henrique, Claudinho e Eduardo.

A todos os amigos que em algum momento participaram desta grande engenharia que é produzir uma tese, colaborando com bibliografia, emprestando a impressora, entregando cópias à banca, facilitando na biblioteca, ou simplesmente na torcida, que são Nelson Inocêncio e Claudia, Azoilda Loretto, Marcio André e Maria Claudia, Jaqueline Azevedo, Aurino Batista, Giovana Xavier, Atayde Motta, Flávio Gomes, Ana Flávia, Ana Luiza Flauzino, Cidinha da Silva, Renato Nogueira Jr. e Valéria Bastos, Jurema Werneck, Wellington Silva e Andréia, Tia Jurema e Isabela, Ione Vieira, a minha prima Maria Lucia, meus primos Julio Cesar e Roberto Mendes, e meu afilhado Vinicius e minha tia Zilá Magalhães. Sei que posso ter esquecido de alguns, me perdoem, mas o meu mais sincero muito obrigada.

Aos autores(as) que me deram inspiração e apoio para continuar, Conceição Evaristo, Cuti e Landê Onawale.

E às secretárias da pós-graduação de Letras, pela atenção.

Com o verbo na carne

Este texto deve ser aberto com bisturi
Para refletir sonhos alheiros
Nas palavras, deixarei pistas de salvação
Letras e abrir caminhos
Sílabas de decisão

Este texto dever ser aberto com bisturi
O verbo cheio de carne
Vai derramar sangue negro em seu rosto
Suas mãos branca serão salpicadas
De um vermelho quente e vivo
Nas palavras deixarei pistas de salvação

Este texto deve ser aberto sobre a mesa
Para refletir toda a sua luz
Depois, que seja oferecido como o melhor tecido
Da última estação
Valorizando como pérola
Nunca distribuído aos porcos
Depois da refeição

Cristiane Sobral

RESUMO

SILVA, Fernanda Felisberto. *Escrevivências na Diáspora:escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*. 2011. 154 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A pesquisa apresenta um inventário das obras literárias produzidas por romancistas negras afro-americanas e afro-brasileiras, publicadas no mercado editorial brasileiro. Investiga como autoras afro-americanas Maya Angelou e Zora Neale Hurston e as afro-brasileiras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, representam em suas obras as suas escolhas afetivas. Examina as experiências individuais das autoras, analisa como o tema da afetividade é tratado em suas produções usando como eixo central o trabalho comparativo entre as autoras escolhidas e investiga sobre a relação de gênero, raça x autoria na construção de intelectuais negras, tendo como fio condutor a perspectiva comparatista na narrativa literária.

Palavras-chave: Escritoras negras. Mercado editorial. Afetividade. Intelectuais negras

ABSTRACT

The research summarizes the works of some African-American female writers published in Brazil, in Brazil's editorial market, and compares them to some Afro-Brazilian female writers. It analyzes how authors Maya Angelou and Zora Neale Hurston, on the one hand, and Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo, on the other, introduce their affective choices in their writings. It looks at each author's experiences and how affection as a subject is dealt with in their literary work. The author does so by using comparative literature theory and by exploring how gender and race influence authorship in the making of black female intellectuals.

Keywords: Black female writers. Brazil's editorial market. Affection. Black intellectuals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto Alice Walker ……... 53

Figura 2 - Foto Chimamanda Ngozi …… 54

Figura 3 - Foto Edwiges Danticat 55

Figura 4 - Foto Iylana Vanzant..... 56

Figura 5 - Foto Maya Angelou 58

Figura 6 - Foto Sapphire 60

Figura 7 - Foto Sobonfu Somé..... 61

Figura 8 - Foto Terry Mcmillan 62

Figura 9 - Foto Toni Morrison..... 63

Figura 10 - Foto Zora Neale Hurston 65

Figura 11- Foto Ana Maria Gonçalves 66

Figura 12 - Foto da capa do livro de Anajá Caeatano..... 67

Figura 13 - Foto Carolina Maria de Jesus 68

Figura 14 - Foto Cidinha da Silva 69

Figura 15 - Foto Conceição Evaristo 70

Figura 16 - Foto Elisa Lucinda 71

Figura 17 - Foto Maria Firmina dos Reis 72

Figura 18 - Foto Ruth Guimarães 73

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1	**ESCREVIVÊNCIAS NA DIÁSPORAS**	20
1.1	**Encruzilhada de Partida**.....	20
1.2	**Encruzilhadas das escrevivências**.....	21
1.2.1	A Autobiografia.....	23
1.2.2	O Diário	24
1.2.3	O Romance	26
1.3	**Encruzilhada do objeto: a literatura afro-brasileira ou literatura negro-brasileira**.....	27
1.4	**Encruzilhada de origem**.....	31
1.5	**Encruzilhada Metodológica**	34
1.6	**Vozes Afro-americanas**	35
1.6.1	Outras vozes	38
1.6.2	As vozes Afro-brasileiras	39
2	**ENCRUZILHADAS EDITORIAS**	43
2.1	**Nosso ponto de partida: Franciso de Paula Brito**	44
2.2	**Encruzilhadas do Mercado Editorial Negro-Brasileiro**	49
2.3	**Relicário de Imagens**	53
2.3.1	Alice Walker	53
2.3.2	Chimanda Ngozi	54
2.3.3	Edwiges Danticat	55
2.3.4	Iylana Vanzant	56
2.3.5	Maya Angelou.....	58

2.3.6 Sapphire..... 60

2.3.7 Sobonfu Somé..... 61

2.3.8 Terry Mcmillan..... 62

2.3.9 Toni Morrison..... 63

2.3.10 Zora Neale Hurston..... 65

2.3.11 Ana Maria Gonçalves..... 66

2.3.12 Anajá Caetano..... 67

2.3.13 Carolina Maria de Jesus..... 68

2.3.14 Cidinha da Silva..... 69

2.3.15 Conceição Evaristo..... 70

2.3.16 Elisa Lucinda..... 71

2.3.17 Maria Firmina dos Reis..... 72

2.3.18 Ruth Guimarães..... 73

3 **TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS, EXPERIÊNCIAS COLETIVAS**..... 74

3.1 **Deslocamento das vozes**..... 74

3.2 **Descolocamento Acadêmico.**..... 76

3.3 **Tempo de recordar**..... 77

3.4 **Tempo da memória de Zora Neale Hurston**..... 78

3.4.1 Harlem Renaissance..... 79

3.4.2 Ativista, Escritora e Intelectual..... 81

3.5 **Tempo da memória de Maya Angelou**..... 82

3.5.1 Ativista, Artista e Escritora..... 84

3.6 **Minerices e Migrações**..... 86

3.6.1 Tempo da memória de Carolina Maria de Jesus..... 86

3.6.2 São Paulo..... 89

3.7 **Conceição Evaristo**..... 90

3.7.1 Tempo da memória de Conceição Evaristo..... 90

3.7.2 Chegada da Consciência Racial..... 92

3.7.3 Literária..... 93

3.7.4 Fechando o círculo..... 96

4 **ENFIM O AMOR**..... 98

4.1 **O tema do amor**..... 98

4.2 **Amor e erotização: os descaminhos de eros**..... 99

4.3 **Falando de amor**..... 103

4.4 **O amor na perspectiva da afrocentricidade**..... 104

4.5 **Situando nossas narrativas**..... 106

4.5.1 Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo..... 106

4.5.2 Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus..... 107

4.5.3 Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus..... 107

4.5.4 Eu sei porque o pássaro canta na gaiola, de Maya Angelou..... 108

4.5.5 Seus olhos viam Deus de Zora Neale Hurston..... 109

4.6 **De que amor você está falando?**..... 109

4.6.1 Amor e escravidão..... 110

4.6.2 Amor conjugal..... 111

4.6.3 Amor paixão..... 114

4.6.4 Outros amores e amantes..... 116

4.6.5 Amor familiar..... 118

4.7 **Palavras finais**..... 119

5 **NARRATIVAS LITERÁRIAS E A EMERGÊNCIA DE INTELECTUAIS NEGRAS** 121

5.1 **Afeto e solidão: percursos prováveis**..... 121

5.2 **Muito antes do papel**..... 122

5.3 **Mulheres afro-americanas demarcando espaços** 123

5.4 **Ilhas de saber** 125

5.5 **A escrevivência intelectual** 127

5.6 **Fala de Preto** 130

5.7 **(Não)Bota qualquer nome** 133

5.8 **Literatura feminina negra e ativistas negras** 138

5.9 **Palavras Finais** 140

6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 141

REFERÊNCIAS 143

INTRODUÇÃO: O PERCURSO DAS MINHAS ESCREVIVÊNCIAS

Parece-me que a melhor arte é política
e você deve ser capaz de produzi-la
de forma inquestionavelmente política
e irrevogavelmente bela ao mesmo tempo
Toni Morrison

No ano de 2010 fiz parte do comitê editorial da revista eletrônica da ABPN, Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, nesta época consegui indicar e ter aprovado pelo comitê um artigo de Mayra Santos, escritora, contista e feminista negra da ilha de Porto Rico e fiz uma pequena introdução para situar um pouco do que se desdobrou depois que recebi o artigo, "Mais mulher que nunca", uma reflexão sobre a representação feminina no conto "A menor mulher do mundo", de Clarice Lispector. O artigo de Mayra é recheado de imagens e análises sobre a condição da mulher negra e do feminismo negro, que cria um vínculo muito forte unindo a realidade caribenha e a brasileira. Assim que acabei de ler o texto, imediatamente enviei para a comissão editorial e uma das integrantes me falou: "O texto é maravilhoso, mas precisamos de algo em formato acadêmico. Aí, eu pensei: 'ué, mas este é!', e a resposta foi enfática: "Não, precisamos de um formato acadêmico, obedecendo as citações, formatações, veja se ela pode mandar outro, pois o trabalho dela é muito bom, mas precisamos de outro formato".

Obedecendo a um imediatismo, sem refletir, reportei-me à autora que ficou surpresa com a minha demanda, respondeu carinhosamente "o que eu faço em meus ensaios são indissociáveis literatura e ativismo à minha maneira, e sobre o outro formato há muito que o abandonei"... O texto publicado na revista da ABPN está na versão original da autora.

Quando comecei a organizar o que queria colocar na introdução de minha tese esta passagem foi a primeira que emergiu, talvez por indicar que todas as angústias que vivi durante esta travessia de produção do texto, tinham exatamente a ver com o que a autora chamou de "outro formato", o que na verdade coloca uma interrogação, pois, Mayra Santos é uma acadêmica de referência não só dentro do seu país como no exterior, e questiono: é possível lecionar em uma universidade, com todos códigos que regem este espaço/sistema e possam ousadamente ser chamado de "outro formato"?

A meu ver está intimamente ligado ao empoderamento que as mulheres negras já conseguiram dentro dos espaços acadêmicos fora do nosso país, e não por acaso Porto Rico,

local de origem da autora citada, é um “Estado Livre Associado” aos Estados Unidos, país onde as mulheres negras já conseguiram atingir e garantir uma visibilidade acadêmica, cultural e política que servem de inspiração para outros pontos da diáspora africana.

Este pequeno relato se fez necessário para situar, também, a minha fala dentro do nosso sistema acadêmico, e a minha própria escrevivência, tomando como préstimo o conceito criado por Conceição Evaristo, que estará presente ao longo de toda esta tese, para abordar o tema do *amor* que motivou toda esta pesquisa.

A minha escrevivência parte da minha percepção de como devo narrar, mesmo dentro de um espaço formal de produção de saber, pois narrar aqui passa por escolhas de interlocutoras(es) que tivessem também em seu norte de produção acadêmica, uma perspectiva pela afrocentricidade, ou seja, que levassem em conta o indivíduo africano como sujeito, no centro do debate, (SANTOS, 2011) e que o período da escravização é um fator determinante, histórico, que explica condutas, posturas e condição da população negra, hoje em diáspora.

Alguns questionamentos iniciais foram norteadores para que fosse possível pensar a concepção desta pesquisa. Como ativistas, e frequentadoras de alguns fóruns dentro do movimento social negro brasileiro, a solidão da mulher negra é um tema recorrente, a ausência de relações estáveis, a erotização do corpo feminino negro, é algo que sempre me chamou a atenção, além de algumas vozes serem enfáticas ao afirmar: “até desisti de encontrar alguém, está coisa de gostar não foi feita para mim”. Então, fica a pergunta: o sentimento do amor é algo inatingível para as mulheres negras? Ou mulheres negras não estão preparadas para receber amor? Este sentimento de “incapacidade” afetiva tem algum fundamento histórico e psicológico para acontecer?

Reuni um conjunto de inquietações e resolvi perceber como as autoras afro-brasileiras trabalhavam esta questão, encontrei nas narrativas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, a força e a pujança que necessitava para poder falar de afeto. Como faço parte do programa de Literatura Comparada, era o momento ideal perceber como outras mulheres negras escritoras constroem esta temática dentro de suas narrativas, a escolha por vozes afro-americanas foi a solução imediata. Mas, meu objetivo não era simplesmente fazer um levantamento de autoras afro-americanas, e daí escolher uma ou duas obras e já dar o trabalho por terminado. Havia um outro desafio, gostaria de poder ler estas obras em português, já que a minha leitura em inglês poderia em algum momento deixar a desejar. Então, outra perspectiva se abriu dentro desta tese, que foi inventariar o mercado editorial brasileiro para tentar identificar quais as vozes afro-americanas que tínhamos traduzidas em português, que

conseguisse identificar em suas narrativas o tema do amor e que pudesse construir um trabalho comparativo com as autoras brasileiras. Tive a grata surpresa de encontrar duas das grandes escritoras afro-americanas, Maya Angelou e Zora Neale Hurston. Apresentarei agora como concebi as divisões de capítulos pensando nas trajetórias afetivas construídas por estas mulheres em suas personagens, e pensar a produção literária destas mulheres como uma importante ferramenta ativista de intervenção.

No capítulo um, resolvi construir cruzamentos partindo do conceito de Leda Martins sobre a encruzilhada em nossa cultura (1997), e a partir daí forjei vários cruzamentos, o primeiro em si próprio, o comparativismo como metodologia de interseção autoral, pois as mulheres que nortearam esta pesquisa são de origens geográficas distintas, além disto tivemos que colocar em perspectiva alguns estilos literários, já que ao reunir as narrativas percebemos que estávamos diante de dois romances, dois diários e uma autobiografia.

O capítulo dois foi dedicado ao inventário editorial, ao levantar todas as vozes afro-americanas e negro-brasileira e refletir sobre este cruzamento entre mercado editorial e autoria negra no Brasil. Para isso, pensar a questão das editoras que produzem obras sobre a temática afro-descendente e as livrarias de mesmo teor. Além disso, a questão da invisibilidade das escritoras negras dentro do mercado editorial é frequente e optei em fazer nesta tese exatamente o caminho inverso, ou seja, visibilizando imagem e produção bibliográfica desta mulheres.

No terceiro capítulo, a partir das autoras selecionadas, (re)construo suas trajetórias pessoais, observo como a questão literária e racial despontam em seus trabalhos.

O quarto, finalmente, é o capítulo que dedico a pensar o tema da afetividade, identificar as escolhas afetivas, qual o traço comum entre elas quando se fala de amor e investigar a origem deste sentimento: o amor e as possíveis particularidades que este sentimento pode tomar quando se tem como grupo focal mulheres negras.

No quinto capítulo me dedico a pensar a questão das escritoras negras e a visibilidade que suas obras possuem também como uma vertente do feminismo negro, como intelectuais negras. Para tanto, identifico como se dá a trajetória das mulheres negras dentro do espaço acadêmico, como a intelectualidade feminina negra é forjada e como a sua produção literária recupera temas fundamentais para o debate das relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos.

Por último a conclusão da tese.

Para finalizar, é importante deixar registrado, também, que acredito que não podia somente reivindicar a visibilidade da produção intelectual negra sem poder dispô-la neste

espaço, aqui é o momento dos cruzamentos e das reflexões, e estes teóricos(as) que me acompanharam, me ajudaram, mas, principalmente, me ofereceram mais respostas que dúvidas.

1 ESCREVIVÊNCIAS NA DIÁSPORA

Quando eu morder
a palavra
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas

(Conceição Evaristo)

1.1 Encruzilhada de Partida

Ao longo da história da população negra no Brasil a encruzilhada tem sido um elemento metafórico, que permite a pesquisadoras(es) e interessadas(os) na temática entender como alguns processos históricos foram engendrados ao longo de suas trajetórias. A professora Leda Martins, da Universidade Federal de Minas Gerais, é enfática ao afirmar que "A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas" (MARTINS, 1997, p. 26), e estende sua afirmação para além das fronteiras geográficas nacionais e também engloba as Américas, já que foram regiões importantes de recepção de africanas(os) escravizadas(os), e a autora continua:

> Como o baobá africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações. (MARTINS, 1997, p. 25)

A encruzilhada na cultura brasileira está desde seus primórdios, pois diferentes encontros aconteceram por aqui, inicialmente fruto do contato entre portugueses e indígenas, mais tarde a presença da população africana escravizada forjou outros contornos, pois demograficamente era um contingente significativo, e de origens distintas, o que levou a construir um capítulo singular na história brasileira, já que a história da população negra vem permeada de muitas artes, línguas, políticas, religiões, saberes e principalmente muita resistência, o que é facilmente perceptível na configuração da população brasileira frente a outros países que também estiveram na rota do tráfico transatlântico. Somos o maior contingente populacional negro fora de África.

As encruzilhadas citadas anteriormente como marca da cultura negra brasileira e da diáspora africana estarão presentes no corpo desta tese de doutorado, já que definimos como metodologia principal de trabalho o comparativismo. O tema central de análise desta pesquisa será o do amor através de narrativas literárias de mulheres negras. Temos como ponto de partida a experiência literária de escritoras negras brasileiras, e buscamos nas Américas, mais especificamente nos Estados Unidos, interlocutoras possíveis. Encontramos! A escolha de vozes afro-estadunidenses, nesta tese chamadas de afro-americanas, não foram por acaso e atendem a alguns interesses bem específicos, destacamos a relevância em termos de ativismo nas lutas antirracismo e feminismo negro que as escritoras afro-americanas são inspiradoras tanto para escritoras como feministas brasileiras. Outro ponto importante é o mercado editorial, pois ainda são poucas as escritoras negras que chegam até nós, a escassez de obras traduzidas sobre esta temática é uma realidade enfrentada por leitoras(es), além de pesquisadores(as) da temática

As vozes literárias que nos acompanharam durante toda esta travessia acadêmica foram as brasileiras Carolina Maria de Jesus, com as obras *Quarto de Despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (1986), e Conceição Evaristo, com *Ponciá Vicêncio* (2004), e as afro-americanas Maya Angelou, com *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* (1969) e Zora Neale Hurston com *Seus olhos viam Deus* (1937). Optamos nesta etapa em informar as datas originais de publicação das obras para que possamos ter uma ideia dos cruzamentos temporais que teremos, também, que realizar, além das distintas realidades espaciais, entre Brasil e Estados Unidos.

O que buscamos ao explorar o conteúdo da afetividade em narrativas de mulheres negras é exatamente tentar construir um novo tecido textual, onde a questão das emoções e as subjetividades destas autoras possam ser levadas em conta, já que na história de representação destas mulheres em ambos os territórios selecionados, Brasil e Estados Unidos, a falta de afeto sobre este grupo ainda é uma constante presente em muitas obras literárias, cinematográficas e midiáticas.

1.2 Encruzilhadas das escrevivências

"Quando eu não tinha nada o que comer,
em vez de xingar eu escrevia.
Tem pessoas que, quando estão nervosas,

xingam ou pensam na morte como solução.
Eu escrevo o meu diário.

(Carolina Maria de Jesus)

De todas as encruzilhadas propostas ao longo deste capítulo, e ampliando o espaço de análise para a própria tese, pensamos que falar de escrita da população negra, e mais especificamente de mulheres negras, é o grande "nó" desta pesquisa, pois estamos justamente trazendo para o centro, neste caso a Academia, tudo aquilo que alguns setores conservadores insistem em deixar à margem.

Como falar de produção textual específica de um grupo que ainda segue da própria margem tentando legitimar todos os seus saberes?

Estes questionamentos surgiram quando nos demos conta ao reunir as quatro obras que serão analisadas nesta tese, que estávamos diante de três estilos literários diferentes: *Ponciá Vicêncio* e *Seus olhos viam Deus*, romances; *Diário de Bitita e Quarto de Despejo,* dois diários; e *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, uma autobiografia. Apesar dos estilos literários emergirem para nós como um quadrante, fixo, entendemos que deveríamos ter ambições maiores, não encaixar estas obras em um estilo e dar o trabalho por terminado, até porque acreditamos nas distintas formas de diálogo e de apropriação da palavra. Sendo assim, nos apoiamos em Homi Bhabha neste momento:

> A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como um reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que cura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O direito de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição: ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contrariedade que presidem sobre as vidas dos que estão em minoria. (BHABHA, 1998, p. 20)

Concordamos com Bhabha, estamos de fato em um momento histórico, e nos empoderando, cada dia mais, pelo direito à fala e à escrita com seus códigos e formas específicas, sem que isto se revele em um embate, e sim em um processo de se agregar mais valor ao capítulo da Literatura Brasileira que se quer produzir ao visibilizar cada dia mais a literatura negro-brasileira produzida em nosso país.

Estabelecemos como princípio, ao longo deste trabalho, poder aplicar toda a teoria na qual acreditamos, por isso, com o intuito de poder unificar os diferentes estilos literários citados nesta tese optamos em inscrever no corpus deste trabalho o conceito de *escrevivência*, produzido por uma acadêmica negra, Conceição Evaristo, que não por acaso também é objeto de análise desta pesquisa com seu romance *Ponciá Vicêncio*.

O conceito de escrevivência idealizado por nossa teórica nasce do fazer literário da autora, comprometido com a sua experiência pessoal do que significa ser mulher negra no Brasil, por conseguinte, na diáspora, suas implicações sociais e políticas, assim como toda a sua ancestralidade e herança africana que servem de matriz para constituir os contornos desta escrita negra tão singular, e a autora completa:

> Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar ou inserir para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO, 2007, p. 20)

A trajetória de vida construída por Conceição antes do papel forja seu olhar e sua escrita, entendemos que esta prática não é exclusiva da autora, pois encontramos nas outras três escritoras, formatos distintos de produção textual, a mesma preocupação com uma escrita consciente e das suas especificidades enquanto sujeito-mulher-negra, para evocar de novo a Evaristo (2007, p. 20).

Por conhecermos as bases teóricas que fundamentam os três estilos selecionados, queremos estabelecer um diálogo entre as proposições teóricas e o que de fato encontramos na prática, nas escrevivências das autoras.

1.2.1 A Autobiografia

A autobiografia[1] como uma escrita do eu na primeira pessoa, não como um simples enunciado, mas como um ato de discurso, ou mais do que isso, um ato de discurso literalmente intencionado (MIRANDA, 1992, p. 25), mas o que foi possível resgatar nos agradecimentos do livro de Maya Angelou é que seus propósitos ao escrever sua autobiografia, era lembrar, poder escrever, fortalecer sua autoestima enquanto escritora, e uma

[1] Complementando um pouco mais o conceito de autobiografia, recorremos ao mesmo autor, que aponta também: antes que sejam apresentadas e discutidas essas relações “formais” de semelhança e diferença, procurar-se-á examinar, de maneira sucinta, a noção de indivíduo, já que desde o sentido dicionarizado do termo “autobiografia” - “Vida de um indivíduo escrita por ele mesmo” - tal noção erige-se como princípio fundamental para compreensão da sua gênese e do seu progressivo desenvolvimento. Além do mais, é a partir da referida noção, enquanto ponto de cruzamento de áreas de conhecimento como a psicanálise, a sociologia, a antropologia e a história, que se podem compreender melhor as múltiplas questões colocadas por um texto cuja especificidade reside na complexa e muitas vezes tortuosa relação entre representação literária e experiência vivida. (MIRANDA, 1992, p. 25-26)

homenagem a todos os jovens negros(as) que assim como ela, enfrentaram adversidades em suas vidas, mas seguiram em frente. Reproduziremos aqui a dedicatória e os agradecimentos:

> Este livro é dedicado a meu filho, Guy Johnson, e a todos os pássaros pretos da promessa, que desafiam as adversidades e os deuses e cantam suas canções.(...) Agradeço à minha mãe, Vivian Baxter, e a meu irmão Bailey Johnson, que me incentivaram a lembrar. Agradeço à Associação de Escritores do Harlem a atenção e a John O. Killens, que me disse que eu podia escrever. A Nana Kobina Nketsia IV, que insistiu comigo para que eu escrevesse. Minha eterna gratidão a Gerard Purcell, que acreditou realmente, e a Tony D'Amato, que entendeu. Agradeço a Abbey Lincoln Roach, por dar título ao meu livro.
> Um agradecimento final a meu editor na Random House, Robert Loomis, que gentilmente me estimulou a voltar atrás nos anos perdidos. (ANGELOU, 1996, prefácio)

O que este fragmento nos mostra, que além dos elementos formais que concebem uma autobiografia, citados anteriormente, para a autora, escrever sobre a sua própria vida tem outras nuances que as teorias apresentadas não comportam. Para Maya Angelou tem a ver com lembrar, mas também tem o lugar do elemento étnico aí presente, a questão da autoestima, ou seja, representa um empoderamento para a sua condição de mulher negra poder e ter coragem de escrever, a escrita fortalece e enobrece. O que está tese está plenamente de acordo.

1.2.2 O Diário

As obras escolhidas de Carolina Maria de Jesus para esta análise ancoram o estilo da autora no que conhecemos como diário íntimo[2], estabelecendo um diálogo com seus escritos e os fundamentos que nos orientaram a pensar a estrutura dos diários íntimos. Para Contardo Calligaris, neste tipo de narrativa existe a necessidade de confissões, justificações e até a possibilidade de invenção de outro sentido à vida, e acima de tudo a verdade está depositada no sujeito, em sua intimidade, não existe uma preocupação formal com datas e eventos externos, a intimidade que o autor tenta imprimir em seu relato diário, de onde se conclua que se localiza a fala e a escrita deste autor, como afirma o autor (1998, p. 45).

Concordamos com alguns pontos no que diz respeito a confissões e justificações, a verdade está depositada no sujeito, mas quando entramos no campo da temporalidade, já

[2] Entende-se, aliás, que nesse quadro a sinceridade se separa, até conceitualmente, da verdade e se torna um valor diferente e hierarquicamente superior. Não sei exatamente desde quando é possível no Ocidente ser sincero, embora factualmente mentindo. Mas é certo que hoje sabemos apreciar a intenção sincera de quem fala e escreve sua autenticidade, mesmo sabendo, por outro lado, que factualmente o que ele/ela diz ou escreve é falso. Ser sincero, autêntico, é um valor em si, em nada subordinado à verdade factual (...) A partir dessas premissas, não é difícil imaginar que o escrito autobiográfico ou o diário sejam em nossa cultura documentos privilegiados. Falar ou escrever de si - como reparou Foucault (1976) - é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito - subordinada à sua sinceridade. (CALLIGARIS, 1998, p. 45)

topamos com uma incongruência, Carolina Maria de Jesus, era super atenta aos acontecimentos externos:

> No ano de 1924, surgia a revolta do general Isidoro Dias Lopes. Ninguém sobe o porquê daquela revolução. Oposição contra o presidente Artur Bernardes? Promoveram uma campanha "Doe ouro para o bem do Brasil". E até em Sacramento, minha terra natal, apareceram angariadores de ouro. Em cada casa que eles chegavam recebiam qualquer objeto de ouro, porque as donas daquela residência não queriam ficar desprestigiadas. Davam o ouro, e recebiam uma aliança de chumbo e cobre, com uma inscrição: "Dei ouro para o bem do Brasil". E as madamas usam aquelas alianças com ênfase. Propagou-se que foram arrecadados noventa quilos de ouro. E o Brasil continuou com seu povo analfabeto e aguardando outro sucesso de Rui Barbosa. Ele era o político marca registrada daquela época. Mesmo morto, ainda predominava. (JESUS, 2007, p. 43)
> 13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.
> ...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata como desprêso. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.
> Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva esta forte. Mesmo assim mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e lingüiça. A chuva passou um pouco vou sair.
> ... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:
> - Viva a mamãe!
> (...) E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava conta a escravatura atual – a fome! (JESUS, 1960, p. 32)

Optamos em recuperar nos dois diários de Carolina fragmentos que demonstram para esta análise a forma como a autora entende o que são os diários, são ricos de informações externas e cronologias, e um traço marcante na obra de Carolina que é a crítica social, no primeiro caso, em *Diário de Bitita*, ela aponta que as arrecadações do governo não significaram uma melhora na escolaridade, nenhuma mudança na condição da população. Já em *Quarto de Despejo*, este fragmento aponta o dia 13 maio, que apesar do fim da escravidão, a luta atual dela, Carolina, mulher negra, era contra a fome, outra forma de escravização para ela e sua família.

Um outro dado fundamental para complementar nossas reflexões, é a própria percepção de Carolina do que é um diário, revendo seus manuscritos dez anos depois da publicação de *Quarto de Despejo*:

> Este meu Diário eu escrevi há dez anos atrás mas não tinha a intenção de popularizar-me pretendia revelar a minha situação e a situação dos meus filhos é a situação de vida dos favelados.
> Carolina Maria de Jesus
> (MOREIRA, 2009, p. 65)

Este trecho mostra uma outra face do diário não encontrada nas teorias apresentadas, ou seja, como instrumento de denúncia, revelando um espaço narrativo que cumpre dois momentos para a autora, de desabafo e de denúncia de tudo aquilo que ela observava ao seu entorno, o que nos fornece mais subsídios para que a questão do conceito de escrevivência possa ser aplicado mais apropriadamente a este trabalho, já que as teorias tradicionais não

comportam as experiências negras nos textos literários, são insuficientes, por isso, também, recorrer à escrevivência.

1.2.3 O romance

Ao situarmos os dois formatos de narrativas que compõem esta obra, foi possível identificar que tanto no estilo da autobiografia quanto no diário possuem nuances diferenciadas das propostas teóricas estabelecidas, e quando chegamos na etapa dos romances[3] não foi diferente, e mais especificamente atendendo aos interesses desta tese, nos romances produzidos por autores(as) negros(as) existe um pacto pré-estabelecido entre leitor(a) e autor(a) por uma busca de uma verdade, uma identificação entre fatos vividos, pesquisados pelo autor(a), (re)significados no momento da escrita, criando também um pacto de vivência da mesma situação pelo(a) leitor(a), mas, no caso do romance, a capacidade de ficcionalizar do(a) escritor(a) está no centro do debate:

> Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória.(Evaristo Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG)

E refletindo sobre este fragmento, Conceição Evaristo já coloca para o(a) leitor(a) que não existe fronteira para ficcionalizar, pois inclusive coloca a protagonista de seu romance *Ponciá Vicêncio* mesclada com sua outra narrativa, *Becos da Memória* (2006).

Porém, existe uma especificidade que gostaria aqui de chamar atenção, pois no caso dos romances escritos por mulheres negras, e principalmente no caso brasileiro, já que em termos de realidade de mercado editorial é bem diferenciada se formos comparar com a realidade das autoras afro-americanas, que possuem um número de romances publicados infinitamente superior ao quantitativo brasileiro, o que faz com que uma parte de pesquisadoras(es) e leitores busquem nos romances verossimilhança com a vida vivida, já que muitas das análises realizadas sobre estas obras acontecem na busca de conteúdos, deixando a

[3] Um deles diz respeito à tensão entre veracidade e ficcionalidade (ou verdade e mentira, verdadeiro e falso, fato e ficção), que desde sempre esteve no centro da discussão sobre as relações entre o romance e a representação do real. Não é muito difícil compreender por que essa tem sido uma preocupação constante por parte de teóricos e críticos: afinal, o romance tem suas raízes firmemente fincadas no tempo histórico e em contextos socioculturais específicos e, mesmo nos altos voos da fantasia, tem um conteúdo de verdade e um notável poder de revelação, de "descoberta e interpretação da realidade" (a expressão é de Antonio Candido). É essa capacidade de escavar a superfície e penetrar nas correntes subterrâneas de uma vida, de uma comunidade, de uma experiência, que lhe confere a prerrogativa de produzir uma impressão de verdade, a qual nasce da arte do romancista de absorver na estrutura narrativa, para além dos detalhes e fragmentos do real, para além dos dados externos, certos princípios constitutivos da sociedade. (VASCONCELOS, 2010, p. 189)

questão estética secundarizada. No caso das brasileiras são (re)leituras literárias, históricas, antropológicas, étnicas, de gênero, criando também uma pseudointenção de busca por veracidade. O que tentamos fazer nesta etapa foi analisar os estilos literários propostos pela teoria da literatura, à luz de mais um conceito, a escrevivência, que também queremos que esteja presente ao lado de tantos outros conceitos que possam servir como mais uma opção de categoria de análise para os estudos literários.

1.3 Encruzilhada do objeto: a literatura afro-brasileira ou literatura negro-brasileira

...Não é que eu
Seja racista...
Mas existe uma
História
Que só os NEGROS
Sabem contar
... Que poucos podem
Entender.

(Éle Semog[4])

A categoria literatura negro-brasileira é um conceito que ainda não foi incorporado em sua totalidade no escopo dos estudos literários brasileiros, pois ainda gera polêmica em espaços acadêmicos, inclusive da sua própria existência[5] e também entre escritoras(es) e na recepção de leitoras(es). Portanto, se faz necessário definir de que literatura estamos falando, já que esta constitui o *corpus* deste trabalho.

Pelo menos dois conceitos têm aparecido com certa frequência quando se fala de literatura com interseção com a questão étnico-racial negra, são eles: literatura afro-brasileira e literatura negra. É importante marcarmos um ponto que é fundamental para entendermos toda esta relação imbricada entre literatura negro-brasileira como uma face, um capítulo da literatura brasileira. Para tanto, utilizaremos o conceito de patrimônio teorizado por Muniz Sodré, onde a pele passa a ser um operador social de acesso ou proibições, um legado determinante de (im)possibilidades para negros e brancos:

> O Brasil não é, evidentemente, o «país mais racista do mundo» nem existe a polarização negro-branco, que é fundacional num país como os Estados Unidos. Convém, porém, ter em

[4] Poema "Ponto Histórico" in Negros em Versos (2005).

[5] Em seu texto "Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção", o professor Eduardo de Assis faz uma provocação a certos grupos "resistentes" da academia ao afirmar em seu texto: Enquanto muitos na academia ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe – e assinalemos aqui até mesmo a perversidade de uma pergunta que às vezes não deseja ouvir resposta. http://www.letras.ufmg.br/literafro/frame.htm

> mente a observação de Tzevetan Todorov de que «o racismo não precisa da existência de raças». Do ponto de vista do indivíduo de pele escura, é evidente a existência de um mal-estar ético e antropológico, que nenhum discurso denegatório, seja ele de esquerda ou de direita, consegue ocultar. Mas como o discurso é prática (em níveis consciente e subconsciente) destinada a naturalizar e fixar os significados de um 'meio vital' em posições afins às relações de poder, sua orientação ideológica não é nada evidente para quem já nasce com o 'patrimônio' da pele clara. (SODRÉ, 2010, p. 6)

E no caso específico desta investigação a literatura negro-brasileira provoca um desconforto no projeto de literatura nacional coesa, que se estabeleceu como herança no patrimônio civilizatório colonial, como afirma o próprio Muniz Sodré[6], e tem em sua trajetória a responsabilidade de tatuar no imaginário do país uma representação da população negra que não foi definida pelos próprios negros, mas foi apropriada e interpretada por outros grupos não negros, porém se cristalizou como imagem coletiva de um grupo. Opor-se a tal construção imagética é uma tarefa enorme e que requer o engajamento em formas de produções alternativas de imagens e conteúdos. Neste sentido a literatura negro-brasileira é hoje uma ferramenta singular, atrativa e didática, contribuindo para a constituição de uma sociedade mais plural frente às questões étnicas sobre o universo dos negros brasileiros. Para tanto, recuperamos Carolina Maria de Jesus, que através de seu relato faz uma conexão exatamente compatível às reflexões de Muniz Sodré:

> Observava as conseqüências de todos os atos que praticamos. Quando os negros bebiam, eu pensava: "Por que só os pretos bebem?" Mas os brancos bebiam dentro de suas casas. Se um branco cambaleava nas ruas diziam que era indisposição, mal-estar. Se um branco bebia nos bares era repreendido: - Você está imitando os negros? Arranjou um negro para ser seu professor? A única coisa que está ao alcance do negro para ele nos ensinar, é beber pinga. Na pinga eles são catedráticos. Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. . E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto. (JESUS, 2007, p. 61)

Recuperando um ponto citado acima sobre as polêmicas envolvendo literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira, é tarefa desta análise definir sobre qual nomenclatura estará apoiada. Sabemos que esta decisão, antes de mais nada, também é política, já que estamos definindo contornos e conteúdos identitários. Sendo assim, vale a pena destacar o pensamento de Eduardo de Assis Duarte:

> Já o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros escravos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural. Poder-se-ia dizer, com Antonio Candido, que afro-brasileiros são também os que provêm ou pertencem a famílias mais antigas, cuja genealogia remonta ao período anterior aos grandes fluxos migratórios do século XIX. E como este, outros reparos poderiam ser arrolados, dado o caráter não essencialista do termo. (DUARTE, 2009, p. 18)

---

[6] Para Sodré: "... as elites brasileiras, sujeitos de um patrimônio civilizatório colonial, sempre tentaram pautar-se por padrões de identificação coletiva afinados com a Europa, o continente da civilização branca. A branquitude é o paradigma antropológico hegemônico, é como se a pele branca constituísse uma espécie de Ocidente absoluto. Como tudo isto transcorre num 'meio vital' atravessado pela cultura da conciliação e da transigência patrimonialistas, reservou-se um lugar para a mistura dos fenótipos (a cor da pele), para a cooptação mitigada do Outro da cor.

É interessante perceber que o debate estabelecido na pauta do país sobre este projeto de nação em curso, onde a elite nacional tem inclusive a opção de reclamar sua herança africana, o que na verdade a autoriza a estar presente em todos os campos do conhecimento em nome de um pseudopertencimento étnico, porém sabemos que as implicações cotidianas da vivência de ser negra(o) no Brasil, não afeta a subjetividade deste grupo, não atinge seu pertencimento étnico nem literário. Entendemos que este debate identitário é uma discussão sociológica, mas hoje (re)significa o lugar e a experiência da autoria negra no país. Neste caso, é importante recuperar Luiz Costa Lima e suas reflexões em torno da sociologia da literatura e da análise sociológica do discurso quando afirma que:

> Nenhum analista, independentemente de nível ou linha negará que o contexto social interfere na realização do textual. O problema, portanto, não é de saber se é aceitável ou não que o social partilha da obra, mas sim o de como verificar esta participação, sem com isso incluirmos a obra em um generalizador caráter social. (LIMA, 2002, p. 664)

Este debate é pertinente, já que ao contrário de um termo que abarca toda a diversidade do país em seu bojo, ao apoiarmos sobre o conceito de literatura-negro brasileira queremos somente saber quais as especificidades do que significa ter uma ancestralidade e herança africanas, mas à vivência identitária negra brasileira, recorremos à reflexão de Cuti, poeta, contista e ensaísta, uma das principais vozes na contemporaneidade no que tange à temática da literatura negro-brasileira:

> A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestações reivindicatórias apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010, p. 44)

O que é interessante observar nas reflexões atuais sobre a temática é que esta construção das especificidades da literatura negro-brasileira e/ou afro-brasileira está em curso mesmo entre escritoras(es) negras(os) contemporâneas(os). Um importante teórico e escritor negro contemporâneo, o mineiro Edmilson Pereira, que recuperamos aqui um pouco de suas inquietações, já que para o autor nem a origem étnica de quem escreve nem a temática são elementos suficientes para a definição desta literatura em questão:

> Mas, ambos os critérios parecem pouco abrangentes, principalmente quando observamos o fato de possuirmos, ao longo de nossa formação literária, negros e mestiços escrevendo de acordo com padrões clássicos vindos da Europa, e também autores não-negros escrevendo sobre temas de interesse dos afro-brasileiros, tais como a escravidão, revoltas quilombolas e preconceito racial. A utilização sumária dos critérios étnico e temático para definir a Literatura Afro-brasileira impõe uma censura prévia aos autores negros e não negros. Julgamos que é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a Literatura Afro-brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira - esta mesma devendo ser percebida como uma unidade constituída de diversidades. (PEREIRA, 1995, p. 1035)

Temos que levar em conta os elementos que foram determinantes para definir os primeiros e/ou talvez os atuais contornos desta literatura em questão. Para Cuti, o desenvolvimento e a visibilização de uma cadeia de elementos intrinsecamente relacionados pelo pertencimento racial negro que são personagem, autor e leitor são responsáveis por esta formulação[7]. (CUTI, 2010, p. 11)

Estes elementos entrelaçados produzindo um eu enunciador negro já estabelecem uma fissura no projeto de literatura nacional, fazendo com que inúmeras vozes que por longos anos só serviram para "dar a voz" a escritoras(es) autorizadas(os) a falar sobre a população negra brasileira, com a legitimação por parte da Academia e do público leitor, agora finalmente consigam falar de um lugar que ocupam por dentro, de uma subjetividade vivida também por dentro, e não servindo mais somente de inspiração. Sabemos das implicações reais desta mudança de objeto, para produtor de conhecimento, legitimador de um saber acumulado, portador de uma ancestralidade singular, em uma sociedade que desde seu nascedouro, além dos bens materiais, a cor, como bem sinalizou Muniz Sodré, também se constitui em um patrimônio, o que induz a pensar quais as especificidades de ser um negro(a) escritor(a) no país. A escritora e ensaísta Conceição Evaristo, atualmente uma das vozes mais representativas da literatura negro-brasileira, em seu primoroso texto "Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira" afirma:

> O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra. (EVARISTO: s/ano, p. 5)

O que percebemos atualmente é uma (re)tomada de espaço, a questão racial negra está na agenda do país, e um elemento importante que fortalece muito o campo da literatura é a implementação da lei 10.639/2003[8], assinada pelo então presidente Lula, que cria a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas. Este momento demonstra que associação a(o) escritor(a) negra(o) por um longo período às literaturas africanas foi um grande equívoco, já que os autores africanos que são (re)publicados no Brasil não trazem em seu escopo preocupações da ordem da identidade negra em suas obras, sua

[7] O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços e de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção. (CUTI: 2010, p.11)

[8] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

africanidade cultuada pelo mercado editorial brasileiro e várias universidades que já trabalham com o tema, é a origem geográfica o apelo mais forte para avaliar estes textos, o que causa um certo abismo entre a proposta de literatura analisada neste trabalho[9].

Um outro ponto que se faz necessário retomar é a mudança de lugar ocupado empreendida atualmente pelo escritor negro, que sai da condição de objeto, de fonte de inspiração de estereótipos, e assume o discurso, (re)significando histórias individuais e coletiva, se preocupando com o resgate histórico de fatos e personalidades rasuradas(os) da história oficial do país, valorizando e reconhecendo a herança africana, assim como em relação à estética negra, às religiões de matrizes africanas e um destaque especial para a representação da figura da mulher negra, entre outros.

Este eu enunciador negro desvela um outro olhar para literatura nacional, como destaca Zilá Bernd:

> "...a emergência de um eu enunciador que se quer negro é o elemento-chave que singulariza as obras. O surgimento de um eu-enunciador que assume sua condição de negro e de brasileiro constitui uma espécie de divisor de águas entre um discurso sobre o negro, que sempre existiu na literatura brasileira, e um discurso do negro que corresponderia ao desejo de renovar a representação convencional construída ao longo dos séculos, quase sempre carregada de preconceitos e de estereótipos..." (BERND, 1988, p. 22)

Na verdade, o que se quer visibilizar é um lugar de fala, uma autonomia autoral, não cabe mais ser somente objeto, ser fonte de inspiração para habilidosas(os) escritores(as), que tem o o universo negro-brasileiro como matéria-prima de trabalho

1.4 Encruzilhadas de origem

Remetendo aos vários conceitos apontados por Leda Martins para exemplificar a encruzilhada como origens, interseções, inscrições, disjunções, fusões, rupturas etc., consideramos como ponto inicial a origem. O primeiro grande assombro foi identificar o número de romancistas negras brasileiras. Depois de pesquisar em diferentes suportes tentando identificar possíveis rasuras e/ou esquecimentos, já que em muitos campos de

[9] "...Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate ao racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda, a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com a sua singularidade estético-literária são colocados sob o mesmo rótulo. A diversidade africana mais uma vez é negada. Como em um navio tumbeiro literário são misturadas as literaturas para venda em outras partes do mundo. Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global, com roupagem de um novo tráfico, agora de livros. Africanos de hoje, em particular os literatos, ciosos da busca de reconhecimento cultural de suas nacionalidades, incluindo aí os africanos brancos, tendem a rejeitar uma identidade continental para suas obras, preferindo a caracterização nacional baseada na noção territorial geográfica..."(CUTI: 2010, p. 37)

produção de conhecimento o labor investigativo ligado à questão negra nacional é um fazer arqueológico, pois se descobre escritoras(es) em diversos momentos, como bem recuperou a escritora, poetisa e ensaísta afro-brasileira Miriam Alves:

> Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários a sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes, de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e mesmo textuais, bem como da etnicidade africana em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população. (ALVES, 2010, p. 41)

Na verdade, este fato de apagamento voluntário e embranquecimento é uma prática ainda presente em diversos campos do conhecimento, pois se subtrai a origem étnica de seus produtores e/ou executores em detrimento da obra, numa vã tentativa de não valorização do indivíduo, ou no caso mais clássico, como o de Machado de Assis, içado ao patamar de autor universal, como se a universalidade de Machado fosse incompatível a sua origem negra.

Usamos como fonte toda a base de dados do Literafro, http://www.letras.ufmg.br/literafro/, atualmente a única base de dados acadêmica com informações biográficas, bibliográficas, crítica literária às(aos) autoras(es) afro-brasileiros, mantida e atualizada via FALE – Faculdade de Letras da UFMG, coordenada pelo Professor Dr. Eduardo de Assis Duarte, e disponível para consulta gratuita. Tem em sua missão[10] a difusão de autoras(es) invisibilizadas(os) ao longo dos estudos literários brasileiros, para além do *Dicionário Literário Afro-Brasileiro* e a *Enciclopedia da Diáspora*, ambos de Nei Lopes, e é inegável que o surgimento de uma infinidade de blogs permite hoje também desvelar novos autores e recuperar informações que foram perdidas ao longo da história.

Ao todo foram identificados 6 (seis) romances e (3) três autoras, que são, respectivamente, *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis (1859), *Água Fun*da de Ruth Guimarães (1946), *Negra Efigênia: Paixão do Senhor Branco* de Anajá Caetano (1966), *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006) ambos da escritora Conceição Evaristo, e *Um defeito de Cor* de Ana Maria Gonçalves de (2006).

Na verdade, o que motivou a escolha das outras vozes que compõe este trabalho foi exatamente a possibilidade de ter tido o contato com a intimidade de uma mulher negra e sua história de vida, seus laços afetivos, sua construção familiar, seus amores, já que um traço constantemente presente da literatura brasileira é a representação da população negra no

[10] http://www.letras.ufmg.br/literafro/**literafro** **– Portal da Literatura Afro-brasileira.** Objetivo: divulgar e estimular a pesquisa e a reflexão a respeito da produção literária dos brasileiros afro-descendentes. Lugar rizomático, elo e ponto de encontro. Mas, também, ambiente lacunar, feito de presenças e ausências, que adquire sentido pelo que apresenta e pelo que ainda está por vir e apresentar. Espaço em construção, aberto sempre a visitas e intervenções.

espaço da rua, com poucas referências e representações no espaço da casa, junto aos seus, e neste caso me apoio nos conceitos destes dois espaços pensados por Roberto da Matta:

> Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.(...) Em casa somos todos, conforme tenho dito, "supercidadãos". Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas "autoridades" e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente "subcidadãos". (DA MATTA, 2009, p. 20)

É uma constante a representação não humanizada da população negra e a rua é um cenário recorrente de representação para este grupo. Resignificar esta representação nos aproximou de Carolina e o impacto da leitura dos seus diários, instintivamente levou a sua conterrânea, a mineira Conceição Evaristo, que segundo o professor Eduardo de Assis Duarte, o romance *Ponciá Vicêncio*:

> Herdeira da memória familiar, *Ponciá Vicêncio* segue os passos de Conceição Evaristo, também esta herdeira de uma forte linhagem memorialista existente na literatura afro-brasileira. Como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, Conceição traz a narrativa dos despojados da liberdade, mas não da consciência. E a repetição insistente desta presença desvalida nos incomoda e nos diz de uma aurora ainda à espera do sol. A fala diaspórica desses condenados da terra se articula de forma sincrônica e a *posteriori*, desconhecendo a encarnação do espírito de nacionalidade que marca boa parte da literatura canônica. (DUARTE, 2007, p. 27)

A experiência literária destas duas mulheres, ao captar as mais distintas formas da vivência afetiva no interior de famílias negras brasileiras, instigou a pensar como na diáspora africana esta experiência literária se deu, o que de singular e coletivo pode se colher desta outra encruzilhada: mulheres negras afro-americanas e escolhas afetivas. Assim chego a Zora Neale Hurston e Maya Angelou, mas não foi um encontro simples, já que a busca aconteceu em torno de textos traduzidos ao português no Brasil.

É importante explicitar que o percurso comparativo que foi travado dentro desta pesquisa, não foi em torno a questões estéticas, mas sim de como o conteúdo referente à afetividade foi tratado por estas autoras, tentando identificar possíveis interseções, semelhanças, enfim, aproximações. A escolha pelo conteúdo não foi aleatória, apenas dando continuidade aos estudos contemporâneos sobre o comparativismo, que apontam para uma mudança no objeto, pois as questões universais já não ocupam mais o cerne das análises, o que permite que vozes subalternizadas ocupem, também, o centro do debate, o que já cria uma demanda de atualização, assim como (re)significação do cânone literário:

> A Escola Americana de Literatura Comparada que predominou em meados do século XX trouxe contribuições importantes para o desenvolvimento da disciplina, mas sua forte preocupação com a construção de uma “poética universal” e com a separação entre o estético e o político deu lugar a uma perspectiva a-histórica que a limitou consideravelmente. As reações a esse tipo de visão começaram a se fazer sentir por volta da década de 1970, sobretudo nos contextos situados fora do grande eixo dos estudos comparatistas.(...) Esse

> descentramento ocorrido no âmbito dos estudos comparatistas, agora muito mais voltados para questões contextualizadas, ampliou em muito o cunho internacional e interdisciplinar da Literatura Comparada, que passou a abranger uma rede complexa de relações culturais. A obra ou a série literárias não podiam mais ser abordadas por uma óptica exclusivamente estética; como produtos culturais, era preciso que se levassem em conta suas relações com as demais áreas do saber. Além disso, elementos que até então funcionaram como referenciais seguros nos estudos comparatistas, como os conceitos de nação e idioma, foram postos por terra, e a dicotomia tradicionalmente estabelecida entre Literaturas Nacionais e Comparada foi seriamente abalada. (COUTINHO, 2011, pp. 9-11)

O que se busca ao explorar o conteúdo da afetividade é exatamente tentar construir um novo tecido textual, onde a questão das emoções e as subjetividades das mulheres negras possam ser levadas em conta, já que na história de representação destas mulheres em ambos os territórios selecionados, Brasil e Estados Unidos, a falta de afeto é uma constante ainda presente em muitas obras.

1.5 Encruzilhada Metodológica

Os estudos sobre a produção literária afro-americana, neste caso entendida ao longo de todo este trabalho como produção afro-estadunidense de autoria feminina, vêm despontando de forma significativa no cenário dos estudos literários anglófonos produzidos no Brasil. Este interesse crescente não é casual e transcende ao espaço literário, já que boa parte das autoras afro-americanas possuem também trajetórias como ativistas das questões étnicas e de gênero, o que se traduz em uma estreita relação dos seus textos com o interesse das feministas negras brasileiras e outras(os) pesquisadoras(es) do tema.

Apesar das afinidades literárias já apresentadas entre o universo da produção afro-americana e o público leitor em língua portuguesa no Brasil ainda é pouco significativa, em termos quantitativos, ao número de obras literárias traduzidas ao português.

A metodologia utilizada para chegar a Zora Neale Hurston e a Maya Angelou foi, em primeiro lugar, uma espécie de garimpagem literária, ou seja, identificar o que existia de autoras afro-americanas em português, e depois selecionar entre as obras encontradas, as que poderiam dialogar melhor com as autoras brasileiras selecionadas previamente.

A ênfase nos textos já traduzidos é parte significativa em toda esta análise, já que atualmente o que se traduz sobre o universo literário afro-americano é consumido de forma quase instantânea por uma parcela significativa do público leitor e pesquisador interessados nesta temática, pois a questão étnico-racial negra está na pauta da agenda do país, e a literatura é um meio revelador das ideologias destas mulheres, além de ser um retrato tirado

de dentro da realidade das relações raciais nos Estados Unidos da América, por que as questões levantadas tanto pelas romancistas como pelas teóricas são/eram de extrema importância e relevância para alavancar o debate em torno das questões de gênero e de raça no Brasil, tendo como matriz a experiência afro-estadunidense em língua inglesa.

O ponto de partida deste capítulo foi rastrear no mercado editorial brasileiro quais são as autoras afro-americanas traduzidas para o português, mas entendemos que esta análise tem também o compromisso de fornecer pistas para outras distintas pesquisas. Portanto, decidimos, até como uma forma de dimensionar a extensão desta produção, indicar o maior número possível de obras literárias de mulheres negras afro-americanas identificadas até este momento da pesquisa.

Nesta etapa tratamos de uniformizar as informações, já que são ínfimas em português, o que no primeiro momento ocasionou uma disparidade entre uma autora e outra, e nos obrigou a recorrer às páginas oficiais das autoras. Desta maneira, iremos nos ater às informações básicas biográficas em português, mas como todo o trabalho investigativo não deve ser abandonado, necessitamos recorrer à bibliografia no idioma original para se chegar às obras traduzidas. Sendo assim, para não se desprezar as informações levantadas, no capítulo dois, dedicado ao tema do mercado editorial, montamos uma espécie de relicário bibliográfico e fotográfico como forma de visibilizar a quantidade de obras produzidas por estas autoras afro-americanas e as escritoras negras brasileiras.

1.6 Vozes Afro-americanas

Iniciaremos nosso mapeamento por Alice Walker[11], que na verdade é o nome artístico de **Alice Melsenior Walker**, que nasceu no estado da Géorgia, em 1944, é contista, ensaísta, poeta, professora, romancista, além de ativista das lutas antirracismo e antissexismo, considerada uma das escritoras afro-americanas mais importantes da atualidade. Entre suas obras traduzidas, encontramos *A cor púrpura*[12], um clássico da literatura afro-americana, publicado no Brasil pelo antigo Círculo do Livro[13], e adaptado para o cinema por Steven

[11] http://alicewalkersgarden.com/

[12] A obra publicada pelo Círculo do Livro possui as referências catalográficas do original, e suas tradutoras, mas não possui o ano de publicação no Brasil. O original foi publicado em 1982.

[13] A importância de falar do Círculo do Livro, é que fez parte de um período de constituição de um público leitor no país, além do mais algumas autoras afro-americanas, como o caso da Alice Walker, chegaram ao Brasil através deste sistema de

Spielberg, esta obra foi ainda adaptada para o teatro. Encontramos também *De amor e desespero* (Rocco: 1988), *Ninguém segura esta mulher* (Marco Zero: 1987), *Vivendo pela palavra* (Rocco: 1988) e *O templo dos meus familiares* (Rocco:1990). Alice Walker foi ganhadora do prêmio Pulitzer[14] em 1983 e do National Books, ambas com a obra *A cor púrpura*.

Outro importante nome encontrado em português é **Maya Angelou**[15], pseudônimo de Marguerite Ann Johnson, que nasceu no estado do Missouri em 1928. Atriz, escritora, historiadora, dançarina, poeta e roteirista de cinema e ativista das lutas antirracismo e antissexismo, esta eminente senhora é autora de *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola (*José Olympio: 1996) e de *Carta a minha filha* (Nova Fronteira: 2010). Considerada uma das pessoas mais atuantes e renomadas da sua geração, trabalhou ao lado dos ativistas pelos direitos civis dos negros norte-americanos, Marthin Luther King e Malcom X. Sua trajetória artítisca e política segue sendo uma referêcia para diversos setores da produção intelectual e cultural afro-americana.

Uma recém chegada ao mercado editorial brasileiro é a escritora **Sapphire**, pseudônimo de Ramona Lofton, nasceu em agosto de 1950, no estado da Califórnia, é escritora e poeta. Atualmente é moradora e trabalha na cidade de Nova York, além das obras individuais já participou de várias antologias com temas referentes a mulheres negras, violência, lesbianismo e temas afins ao universo feminino negro. Sua obra em português é *Preciosa* (Record: 2010), a obra homônima foi adaptada para o cinema, ganhando o Oscar de melhor roteiro original adaptado para o cinema com Geoffrey Fletcher e melhor atriz coadjuvante com Mo'nique.

Encontramos também **Terry Mcmillan**[16], nome artístico de Terry Lin Mcmillan, nascida em 1951 no estado de Michigan, é integrante do Harlem Writers Guild, uma associação de escritores afro-americanos que valoriza e incentiva a produção e a publicação de autores negros. *Falando de Amor*, deu origem ao filme homônimo, direção de Forest Whitaker, com Whitney Huston e Angelica Basset, de grande sucesso nos Estados Unidos, já em nosso país foi catalogado como comédia romântica, não atingiu a bilheteria norte-

---

venda direta de livros e algumas nunca mais foram reeditadas em catálogos de outras editoras. O Círculo do Livro data de 1973, época em que a editora alemã Betlen chega ao Brasil e se associa ao Grupo Abril. Com a estrutura de funcionamento de alguns clubes de lazer, o novo associado só entrava no circuito a partir da indicação de outro membro e teria o compromisso de comprar um livro por mês, a partir das sugestões do catálogo disponível em uma revista quinzenal que era distribuída para seus associados, segundo Lawrence Hawell em seu livro *A História do Livro no Brasil* (2005).

[14] http://www.pulitzer.org/awards/1983

[15] A escritora Maya Angelous é fruto da investigação desta análise, então as informações referentes a sua biografia e bibliografia serão detalhadas no segundo capítulo. Neste primeiro momento acompanhará a formatação estabelecida para as outras escritoras.

[16] http://www.terrymcmillan.com/

americana, mas foi amplamente divulgado. Suas obras traduzidas são *Falando de Amor* (Record: 1992) e *Como Stella recuperou o rebolado* (Record:1999).

A autora com mais títulos encontrados em português é Chloe Anthony Wofford, mais conhecida por seu pseudônimo **Toni Morrison**[17], nascida no estado de Ohio, em 1931. Primeira mulher negra a ser prêmio Nobel de Literatura com sua obra, *Beloved* (1987), traduzida ao português como *Amada* (2007), e recebeu o Prêmio Pulitzer[18] com a mesma obra em 1988. Ao todo são oito títulos, contando a supracitada e um livro infanto-juvenil, as outras são *Paraíso* (Cia. das Letras: 1998), *O Olho mais azul* (Cia. das Letras: 2003), *Amor* (Cia. das Letras: 2005), *Compaixão* (Cia. das Letras: 2009), *Jazz* (Cia. das Letras: 2009) e o infanto-juvenil, *Quem levar a melhor: novas fábulas de Esopo* (Cia. das Letras: 2008), escrito em parceria com seu filho Slade Morrison. Além de todos os títulos editados pela editora paulista Companhia das Letras, foi localizado também o título *Canção de Solomon* (Best Seller: 1977). A autora visitou o Brasil em 2006, participando da FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty[19], na cidade de Paraty no estado do Rio de Janeiro.

A última integrante deste seleto grupo literário é **Zora Neale Hurston**[20], que nasceu em 1891, um dos nomes mais significativos no período do *Harlem Renaissance*, foi contista, romancista, folclorista, antropóloga e uma das alunas e pesquisadoras de Franz Boas. Considerada autora do romance de fundação da literatura afro-americana do século XX, *Their eyes were wathing god* (1937), única obra sua traduzida ao português, *Seus Olhos viam Deus* (Record: 2002).

Um nome recorrente que apareceu em diversos momentos da busca foi **Iyanla Vanzant**, na verdade pseudônimo de Ronda Eva Harris, afro-americana, nasceu no Brooklin em Nova York, em 1953, porém sua obra é classificada como autoajuda. Já neste segmento encontramos oito títulos da mesma autora, *Posso conseguir o que desejo* (Sexante: 2009), *Descubra sua essência espiritual* (Sexante: 2007), *Sei que vou sair dessa* (Sexante: 2004), *Enquanto o amor não vem* (Sexante: 1999), *Esperando o amor chegar* (Sexante: 2002), *Ontem eu chorei* (Sexante: 2001), *Um dia minha alma se abriu por inteiro* (Sexante: 2000), *A vida vai dar certo para mim* (Sexante: 2003). Todos foram publicados pela mesma editora, apesar de não ser o foco desta análise este tipo de literatura, consideramos um dado

[17] http://www.tonimorrisonsociety.org/
[18] http://www.pulitzer.org/awards/1988
[19] http://www.flip.org.br/edicoes_anteriores.php?programacao=autores&nome=Toni Morrison&ano=2006
[20] http://www.zoranealehurston.com/, assim como Maya Angelou, a autora Zora Neale Hurston é foco de análise desta pesquisa, sua biografia será detalhada no segundo capítulo.

interessante para deixar registrado que uma mulher negra escritora é considerada hoje um dos maiores sucessos editoriais nos Estados Unidos, chegando a vender oito milhões de cópias.

1.6.1 Outras vozes

O número de traduções de obras literárias de mulheres negras ainda é muito reduzido no mercado editorial brasileiro, porém, durante o período da busca inicial para compor o quadro de escritoras que serviram de suporte para esta análise, tivemos algumas gratas surpresas ao encontrarmos outras mulheres negras traduzidas ao português, sendo as mesmas não americanas, possuem origens distintas, mas suas obras foram publicadas primeiramente nos Estados Unidos.

Dentre tantas, destacamos a jovem nigeriana **Chimamanda Ngozi Adichie**, que nasceu na província de Annambra, na Nigéria, em 1977, e imigrou para os Estados Unidos aos dezenove anos. Em português temos a obra *Meio Sol Amarelo* (Cia. das Letras: 2008) e *Hibisco Roxo* (Cia. das Letras: 2011). No ano de 2008[21] a escritora visitou o Brasil para participar da FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty e dividiu uma mesa com o renomado escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela. Esta junção teve como tema central a guerra e suas múltiplas possibilidades de construção das relações humanas em seu contexto limite de (o)pressão.

A haitiana **Edwiges Danticat** nasceu em Port Prince, Haiti, 1969, imigrou para os Estados Unidos aos doze anos e lá construiu sua trajetória literária e de ativismo. Em português temos o título *Adeus Haiti* (Agir: 2010).

A africana **Sobonfu Somé** nasceu em Burkina Faso, na África Ocidental, pertencente ao grupo étnico Dagara, que ocupa o sul deste país e o norte de Gana. Seu nome na tradição africana significa *aquela que detém os rituais*, e não por acaso sua profissão de escritora recupera no Ocidente os valores espirituais de seu país. Em português possui um único título: *O Espírito da Intimidade: Ensinamentos Ancestrais Africanos* (Odysseus: 2003).

Depois de realizado este levantamento, chega-se a números ainda pouco significativos em termos de presença de mulheres negras escritoras em nosso mercado editorial, até este momento da pesquisa temos ao todo dez autoras, entre afro-americanas e mulheres que se

[21] http://www.flip.org.br/edicoes_anteriores.php?programacao=autores&nome=Chimamanda Ngozi Adichie&ano=2008

estabeleceram nos Estados Unidos para construir suas trajetórias pessoais. Este mapeamento nos levou no segundo momento a fazer o mesmo exercício com as romancistas brasileiras.

1.6.2 As vozes afro-brasileiras[22]

O que os livros escondem,
As palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
Um ponto final na história

(Conceição Evaristo[23])

O exercício de busca com as autoras afro-americanas nos deixou rastros interessantes de como avançar um pouco mais e chegar de forma mais precisa às escritoras brasileiras. O resultado foi ainda menor, tanto em número de escritoras como em número de obras encontrados nas escritoras estrangeiras em relação às afro-brasileiras. O que já era de se esperar, pois existe uma tendência das escritoras afro-brasileiras na produção de contos, poesias e algumas cronistas também surgiram.

Entre os títulos considerados ativos[24] somente cinco[25] romances distribuídos por quatro escritoras, mas há uma especificidade das escritoras afro-brasileiras: uma realidade diretamente relacionada às condições econômicas destas mulheres, que é a quantidade de autoras que publicaram seus livros de forma independente, o que acarreta em geral que optem por edições com tiragens reduzidas, fazendo com que algumas obras circulem somente dentro de alguns nichos específicos.

Obedecendo aos critérios adotados para as escritoras afro-americanas, de citar os dados mais relevantes para compor as informações biográficas, começamos o mapeamento por **Maria Firmina dos Reis**. A primeira mulher brasileira a escrever um romance, nasceu em São Luiz do Maranhão em 1825, foi professora primária, e mais tarde professora concursada em uma instituição pública em 1847, sua experiência escolar fez com que abrisse

---

[22] Esta etapa da pesquisa inicia com um esclarecimento, pois aparece depois das autoras afro-americanas, quando nas palavras iniciais deste capítulo sinalizávamos que primeiro escolhemos as autoras afro-brasileiras, mas é importante informar que chegamos primeiro a experiência literária e de conteúdo que nos interessava, através da escolha do romance de Conceição Evaristo e dos diários de Carolina, mas depois se fez necessário identificar as romancistas afro-brasileiras.

[23] Poema do "Velho ao jovem" in *O Negro em Versos (2005)*.

[24] Referência do mercado editorial para títulos que estão sendo comercializados, mas que a qualquer instante podem passar por uma re-impressão.

[25] Acreditamos no compromisso que esta análise de informar, por isso, a carência em temos de imagens de sobre este universo é muito grande, nesta etapa, incluiremos as capas originais das obras analisadas dentro desta análise, além da capa dos livros das outras romancistas.

a primeira escola mista do Maranhão, além de compor um hino para abolição da escravidão. Morreu aos noventa e dois anos, cega e pobre no ano de 1917. Seus romances são *Úrsula* (1ª edição. São Luiz: Typographia do Progresso, 1859; 4 ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004) e *Gupeva,* este publicado inicialmente no jornal *O jardim dos maranhenses* em 1861, republicado no jornal *Porto Livre* em 1863, e novamente em *Echo da juventude,* em 1865.

Ruth Guimarães nasceu no interior de São Paulo na cidade de Cachoeira Paulista em 1920, é contista, poetisa, cronista, professora de língua portuguesa, teatróloga, tradutora e romancista, publicou em vários jornais paulista por anos, e é autora do romance *Água Funda* (Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1946). Foi eleita imortal pela Academia Paulista de Letras.

Em 2003 seu livro foi reeditado pela editora Nova Fronteira, tendo como prefaciador Antonio Candido, mas, infelizmente como outros títulos, perde-se na gerneralidade do catálogo "Literatura Brasileira" dentro da editora, e nas prateleiras das livrarias.

Carolina Maria de Jesus[26] nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em 1914, estudou na escola Allan Kardec, primeira escola espírita do país, voltada para crianças de baixa renda, trabalhou em diversos municípios de Minas Gerais como doméstica, até migrar para São Paulo no ano de 1947. Na capital paulista trabalhou como catadora de papéis, seu cotidiano de resistência e dificuldades era registrado em vários cadernos. Em meados da década de cinquenta foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que foi o responsável pela publicação de sua primeira obra, *Quarto de Despejo* (1960).

Esta obra ganhou repercussão internacional e foi traduzida para treze idiomas, além desta publicou ainda outras obras. Apesar do reconhecimento internacional e da fama momentânea nacional, terminou seus dias sem grandes reconhecimentos, em um pequeno sítio na periferia de São Paulo no ano de 1977.

Suas obras são *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1960). *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1961), *Pedaços da fome* (São Paulo: Áquila Ltda, 1963), *Provérbios* (São Paulo: s/editora, s/data.),

[26] Assim como para as autoras afro-americanas selecionadas para esta pesquisa, a biografia de Carolina será detalhada no segundo capítulo. Nesta etapa incluiremos Carolina Maria de Jesus, suas obras escolhidas para esta análise não são romances, são diários, mas conforme explicação anterior, porém entendemos que se adéquam em termos de conteúdo e forma para os propósitos deste trabalho. Levaremos em conta os riscos de colocar em uma perspectiva comparativista narrativas ficcionais e não ficcionais.

Onde estais felicidade? (Movimento, 21 fev. 1977) e *Diário de Bitita. (1ª edição* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986).

Anajá Caetano, escritora mineira segundo dados do portal Literafro. Não há informações biográficas desta autora e possui uma única obra localizada até este momento da análise, *Negra Efigênia: Paixão do Senhor Branco* (São Paulo: Edicel 1966).

Conceição Evaristo é como assina artisticamente Maria da Conceição Evaristo de Brito, mineira de Belo Horizonte, nasceu em 1946, migrou para o Rio de Janeiro na década de 70, sua estreia literária foi na série de publicações *Cadernos Negros* na década de 90, tanto em contos como poesia por anos consecutivos. Além de sua trajetória literária, Conceição Evaristo é hoje também uma referência nos estudos sobre literatura afro-brasileira no país. Recentemente, em maio de 2011, concluiu seu doutorado no programa de Literaturas Africanas da Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro. A autora é um importante nome no fortalecimento da lei 10.639/2003, já que depois de implantada a lei em alguns estados, em Minas Gerais, sua obra foi tema do vestibular da UFMG em 2008. A autora possui dois romances: *Ponciá Vicêncio* (Belo Horizonte: Mazza, 2004) e *Becos da Memória* (Belo Horizonte: Mazza, 2006).

A mineira **Ana Maria Gonçalves** nasceu na cidade de Ibiá no ano de 1970. Seu trabalho autoral iniciou ainda na adolescência. Sua capacidade criativa e a habilidade em escrever influenciaram sua escolha profissional, a publicidade, área que se dedicou por treze anos, ocupando distintos postos, tais como revisora, redatora, editora em várias agências publicitárias na cidade de São Paulo até chegar a abrir a sua própria.

Depois de alguns meses de férias, nasceu o romance *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002), que foi uma publicação independente de 1000 exemplares, vendida quase na sua totalidade através da divulgação em sites e blogs de amigos. Publicou *Um defeito de cor* (Record: 2006), épico de 952 páginas, obra que foi vencedora em 2007 do prêmio Casa de las Américas e em 2009 foi eleita pelo júri do Jornal O Globo como uma das dez melhores obras da década[27]. É importante destacar que nesta escolha Ana Maria Gonçalves foi a única mulher selecionada. Atualmente a autora vive em Nova Orleans e prepara seu novo romance.

Foi possível identificar algumas autoras afro-brasileiras que já avançaram as fronteiras geográficas e as barreiras de idiomas e tiveram obras versadas para outros línguas. Até este momento da investigação, conseguimos identificar duas autoras, Carolina Maria de Jesus e

[27] http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/12/25/criticos-elegem-os-dez-melhores-livros-dos-anos-2000-252689.asp

Conceição Evaristo, que tiveram suas obras individuais versadas para o inglês. No caso específico de Carolina Maria de Jesus, foram ao todo treze idiomas em que *Quarto de despejo* foi traduzido, mas não conseguimos até este momento da pesquisa identificar todos os títulos nos idiomas aos quais encontramos referência, foi possível encontrar referências de *Diário de Bitita*, também em outros idiomas.

2 ENCRUZILHADAS EDITORIAIS

O que os livros escondem
As palavras ditas libertam
E não há quem ponha
Um ponto final na história.

(Conceição Evaristo)

Este capítulo pretende fazer um mapeamento do mercado editorial brasileiro, em dois segmentos: o de romances de mulheres afro-americanas traduzidos no mercado nacional e também a produção das escritoras negras brasileiras.

Primeiramente levantando o maior número possível de obras literárias produzidas por mulheres afro-americanas e traduzidas ao português do Brasil. A ênfase nos textos já traduzidos é parte significativa em toda esta análise, já que atualmente o que se traduz sobre o universo literário afro-americano é consumido de forma quase instantânea por uma parcela significativa do público leitor e pesquisador do mercado nacional, pois a questão étnico-racial negra está na pauta da agenda do país, e a literatura é um meio revelador das ideologias destas mulheres, além de ser um retrato tirado de dentro da realidade das relações raciais nos Estados Unidos da América, pois as questões levantadas, tanto pelas romancistas como pelas teóricas, é/era de extrema importância e relevância para alavancar o debate em torno das questões de gênero e raça no Brasil, tendo como matriz a experiência afro-americana em língua inglesa. Portanto, começamos a levantar todos estes textos para chegar assim a um panorama quantitativo destas mulheres negras escritoras, em português.

Falar desta produção literária afro-americana específica requer tocar no tema do mercado editorial brasileiro, que tem um volume de tradução expressivo para a realidade de leitores no país, levando em conta que a escolha da obra a ser traduzida passa também por interesses ideológicos e de mercados, já que, em geral, somente vertentes literárias específicas são priorizadas no momento da escolha das obras, neste caso, tendo como referência as autoras afro-americanas. Também é importante pensar que se existe a dificuldade da tradução, o mesmo se apresenta para publicação e distribuição das autoras negras brasileiras.

Assim, é importante recuperar alguns pontos importantes para esta pesquisa no que diz respeito a aspectos importantes do histórico do mercado editorial brasileiro, estendendo o olhar para o mercado livreiro e apontando fragilidades e pontos importantes para a entrada das escritoras analisadas nesta pesquisa. O empreendimento de olhar para o nicho requer que

voltemos alguns bons anos na história sem, contudo, ter a pretensão de esgotá-la por não ser este o escopo da tese.

2.1 Nosso ponto de partida: Francisco de Paula Brito

> Paula Brito foi o primeiro editor digno
> De ter este nome entre nós.
>
> *(Machado de Assis[28])*

Ter como marco inicial do tema mercado editorial brasileiro a figura de Francisco de Paula Brito, nascido a dois de dezembro de 1809 no Rio de Janeiro, está diretamente relacionado a um esforço que esta análise também se propõe a fazer de resgate cultural. São inúmeras(os) atuais ilustres desconhecidas(os) afro-descendentes que foram rasuradas(os) da história oficial do país, o que coloca como desafio para a(o) pesquisadora(or) envolvido com a temática étnico-racial negra o comprometimento permanente com uma arqueologia de histórias de vida, de trajetórias pouco ou nada conhecidas, como é o caso de Paula Brito. Nas palavras do jornalista Marcos Fabrício Lopes da Silva:

> É espantoso a quase ausência de estudos a respeito da vida e da obra de Paula Brito. O esquecimento, enquanto morte simbólica, deixou as marcas da indiferença se sobressaírem em relação ao grande potencial expressivo, presente no conjunto de realizações literárias e jornalísticas do nosso autor. Graças a uma certa gama de pesquisadores, que atuam na linha de resgate da memória cultural produzida pela literatura, enquanto documento histórico, foi possível detectar e destacar os atributos que ofereceram um tom especial à atuação de Paula Brito no cenário intelectual do Brasil oitocentista. (SILVA, s/ano, p.1)

Paula Brito, como gostava de assinar, mestiço, filho de D. Maria Joaquina de Brito e do carpinteiro Jacinto Antunes Duarte, autodidata, se tornou, ainda muito jovem, impressor, escritor em distintas modalidades como poesia e dramaturgia, editor de sucesso, livreiro, também Paula foi jornalista, trabalhou em várias tipografias até fundar a sua própria. Além disso, e este é um ponto que interessa particularmente a esta pesquisa, e mais abaixo veremos por que, Paula Brito foi fundador da "Sociedade Petalógica", uma sociedade secreta, que era uma loja maçônica voltada para a discussão e ações voltadas para a libertação dos africanos escravizados no Brasil.

Além da questão comercial, suas instalações também abrigam atividades culturais, algumas políticas e musicais. O que faz com que a questão do empreendedorismo desenvolvido por suas(seus) proprietárias(os), também seja uma ferramenta do ativismo nas

[28] Citação encontrada no artigo "Paula Brito e a Petalógica: Distorções na formação de uma cultura letrada no Brasil".

lutas antirracistas, remetendo exatamente a uma parte do funcionamento de clube literário idealizado por Paula Brito:

> Paula Brito foi um dos pioneiros da manifestação estético-política afro-descendente, que se fez valer no mundo das letras e do jornalismo, em combate direto e sofisticado ao regime e sobretudo à mentalidade escravocrata do século XIX. A fim de destacar sua atuação, é preciso considerar o homem de ação e o homem de discurso que, fundidos, atuaram de maneira íntegra no conjunto de suas atitudes junto à composição cultural do país. (SILVA: s/ano, p.1)

A importância de Paula Brito para o contexto editorial brasileiro é central uma vez que é considerado o primeiro editor propriamente brasileiro, pois, segundo o Professor Bruno Guimarães Martins em seu artigo "Paula Brito e a Petalógica: Distorções na formação de uma cultura letrada no Brasil", a primeira leva de editores era imigrante e foram os primeiros proprietários das oficinas tipográficas. Conforme aponta o autor, foi somente com Paula Brito que este ambiente cosmopolita com ares europeus, recriados na corte em meados do século XIX, ganha características nacionais. O sucesso de sua loja, que na verdade era um ponto de encontro da elite intelectual da cidade, reunindo músicos, artistas, políticos, mas, sobretudo, os jovens escritores no Rio de Janeiro da época, que impulsionou o surgimento da Sociedade Petálogica:

> De acordo com os historiadores, Paula Brito juntou em torno da Petalógica, não só a intelectualidade da época, mas os mais diversos personagens, das mais distintas classes sociais. Como conseqüência, sua sociedade informal promoveu pontos de contato entre uma comunidade letrada e uma não-letrada, criando uma tensão produtiva entre culturas da presença e do significado, entre interpretação e performance. Podemos citar como exemplo desta tensão produtiva a parceria entre poetas e músicos. A Petalógica é citada como espaço privilegiado para a instituição deste modelo de parceria, sendo o próprio Paula Brito autor de modinhas e lundus. (MARTINS, 2008, p.12).

Lembrando aqui que a Petalógica, com diversas funções sociais e culturais, em seu papel principal ligava-se ao processo abolicionista. Desde já podemos assim perceber como um mesmo lugar ganha contornos de espaço, de território de ações outras e variadas, o que é importante na história da população negra, dentro e fora do mercado editorial. Podemos pensar que como num ciclo a história novamente acontece, como será discutido mais adiante quando da apresentação de espaços de livrarias e de livreiros que surgem em diversas épocas e lugares do Brasil, a partir do final dos anos de 1980.

Enfim, ao nos aproximarmos da descoberta da figura histórica de Paula Brito distintas pistas nos apresentam para percorrer, desde o literato com várias obras publicadas, entre contos e poesias, além de traduções de autores como *Frederic Soulié, Pitre Chevalier, Dumas, Emile Souvestre, Cretineau Joly*, entre outros, editou vários periódicos e contribuiu de forma significativa para o formato do atual mercado editorial brasileiro. Entre os vários autores que circulavam em sua tipografia, temos que destacar a figura de Machado de Assis, que contou

com a valiosa ajuda do amigo editor para que as obras “Ela” (1855), “Queda que as mulheres têm para os tolos” (1861) e a peça “Desencantos” (1861) fossem publicadas.

Paula Brito era um homem à frente de seu tempo, um visionário e um grande empreendedor, pois em muito pouco tempo passou da condição de empregado para dono de uma das maiores tipografias de propriedade de um brasileiro, em funcionamento no Rio de Janeiro em meados do século XIX, que foi a Tipografia Fluminense de Brito & Cia. Ao todo, este editor negro querido pela elite intelectual da cidade publicou 372 (trezentos e setenta e duas obras): foram 214 (duzentas e quatorze) obras de ficção, 100 (cem) dramas, 43 (quarenta e três) óperas, 47 (quarenta e sete) traduções entre o idioma italiano e o francês para o português, além de 24 (vinte e quatro) edições de autores brasileiros. Como já salientado, não é aqui o lugar de um histórico exaustivo, mas sim lugar de marcar como são invisibilizadas algumas passagens que dentro da cultura negra brasileira são fundamentais para se entender o hoje.

Como se explica que depois de Paula Brito tenha havido um enorme hiato no que se refere ao surgimento de outras editoras de proprietários(as) negros(as), apesar das publicações não terem encerrado, e que apenas bem mais tarde é que se retoma a figura de pessoas negras nesse contexto? Cenário esse sedento de brechas por onde possam fazer passar a produção desses dois segmentos que interessam a esta tese: o de romances de mulheres afro-americanas traduzidos no mercado nacional e também a produção negro-brasileira.

Para ampliar ainda mais a discussão, vale citar que nesse hiato que se faz em relação ao nicho em foco e a realidade do mercado livreiro no país hoje traz não só um saudosismo, como nos faz compreender a importância do Círculo do Livro para a realidade de formação de leitores brasileiros. Para este recorte da pesquisa é fundamental citar o Círculo do Livro, já que algumas das autoras afro-americanas chegaram ao Brasil por este formato de venda direta de livros, e raramente foram reeditas em catálogos de outras editoras[29].

Falar sobre o Círculo do Livro está diretamente relacionado ao mercado livreiro, mas também é um ponto interessante para entender a porta de chegada de algumas das mulheres pesquisadas nesta análise, de como chegaram ao Brasil. O Círculo data de 1973, época em que a editora alemã Betlen chega ao Brasil e se associa ao Grupo Abril. Com a estrutura de funcionamento de alguns clubes de lazer, o novo associado só entrava no circuito a partir da

[29] Segundo os últimos diagnósticos da ANL – Associação Nacional de Livraria[29], com data de 2009, a realidade dos números de livrarias abertas no país é completamente incompatível ao número de habitantes, já que atualmente em território nacional existem 2.980 (dois mil novecentos e oitenta) estabelecimentos, o que nos permite projetar uma livraria a cada 64.555 (sessenta e quatro mil quinhentos e cinquenta e cinco) habitantes, contrariando o modelo padrão sugerido pela UNESCO de que a cada 10.000 (dez mil) habitantes uma livraria, segundo dados da própria ANL.

indicação de outro membro e teria o compromisso de comprar um livro por mês, a partir das sugestões do catálogo disponível em uma revista quinzenal que era distribuída para seus associados, segundo Lawrence Hallewell em seu livro *A História do Livro no Brasil* (2005).

Para esta tese, o que mais chama a atenção é que uma autora como Alice Walker, uma mulher afro-estadunidense, com obra traduzida no mercado nacional, chega-se através desta forma de revenda de livros, e isso em um período de ditadura militar, onde a questão racial não estava na pauta nacional. Uma hipótese interessante para pensar a chegada destas mulheres negras ao Brasil é pensar a obra como um simples "Best-seller", não dando o verdadeiro peso a estas autoras. É o caso de *A Cor Púrpura* de Alice Walker – diga-se de passagem que foi reeditada pela José Olympio em 2009 –, mas não teve divulgação nenhuma, e como não é uma autora conhecida por aqui a obra caiu no ostracismo.

Contraditoriamente, na atualidade, a demanda e o apelo pela chegada de obras com esta interseção de literatura versus raça versus gênero é primordial para o debate sobre relações étnico-raciais, que na área de Educação tem sido impulsionado pela promulgação da Lei 10.639/03, sancionada em 09 de janeiro de 2003 – que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básico das redes pública e privada do país, a obrigatoriedade de estudo da temática História e Cultura Afro-brasileira, tornando-se um marco na luta pela superação da desigualdade racial na educação pública brasileira.

O mercado editorial brasileiro, em plena primeira década do século XXI, tem dedicado parcela de sua produção às literaturas produzidas por grupos minoritários obedecendo, na verdade, uma lógica internacional e sendo influenciado pelos novos paradigmas advindos dos estudos culturais cuja contribuição, como assinalam os autores do texto "Traduções literárias: Jogos de poder entre culturas assimétricas" (2002): "foi a de terem difundido um conceito de texto que vai além das "grandes obras" para incluírem, também, as produções ligadas à cultura popular e às práticas sociais cotidianas, abrangendo o estudo das manifestações culturais das minorias..." (OLIVEIRA, 2002, p. 4).

Entre outros autores que comungam de tal assertiva, podemos citar Stuart Hall (2003), para quem a cultura deve ser entendida no plural, sem fixidez ou essencialismos, mas, no entanto, sem desconsiderar a correlação de forças que configura um verdadeiro campo de luta e de batalha entre "os de baixo" e "os de cima", o que certamente se estende ao mercado editorial. Para o autor, a noção de cultura torna-se o espaço no qual são realizadas uma série de transformações em decorrência dos embates de dominação e de resistências também, o que

é próprio das relações políticas e sociais que se constituem ao longo dos tempos. Como observa Hall, o campo da cultura se configura

> nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitória definitiva, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. (HALL, 2003, p. 255).

Dialogando com o que foi exposto, acreditamos também nas transformações e de que há sempre negociações e enfrentamentos. No nosso caso, isso leva a indagar quem deve ser priorizado no momento de publicar, quem deve ser traduzido, a qual voz facilitar a visibilidade e, necessariamente em contraponto, qual voz calar, silenciar.

Vale salientar que a entrada no mercado editorial brasileiro de "outros textos literários", inclusive de traduções, não significa uma mudança ideológica de fundo, ou ainda uma suavização no campo sempre tenso das disputas de todo tipo presente em nossa realidade, e pensando mais especificamente no foco desta análise, muito menos uma maior compreensão da complexidade de raça e gênero, o que pode ser demonstrado sob diversos aspectos. Vejamos.

Um bom exemplo para que possamos vislumbrar o campo das disputas, e como resultado um número ainda bastante inexpressivo de autoras traduzidas ao português diz respeito a não especificação do perfil das autoras afro-americanas nos catálogos das editoras. Todas as autoras estão sob o guarda-chuva de "literatura estrangeira", o que compromete muitas vezes o acesso ao conteúdo de suas obras. Simplesmente por falta de informações, algumas básicas. Além disso, a importância dada à identificação da autora ainda é pequena, raramente existe uma preocupação em produzir nos livros uma "orelha" ou quarta-capa, de forma que possa remeter o leitor a alguma referência que possa lhe ser decisiva no momento da escolha da obra.

Estendendo um pouco a análise é interessante observar que na orelha da maioria dos romances afro-americanos aqui analisados, a trajetória do ativismo político de suas autoras é "suavizado", ou seja, mais uma vez são invisibilizadas informações importantes para a identificação da autora, com a intenção talvez de um deslocamenteo geográfico de tensões e linguagem, ou seja, situa-se no espaço geográfico do outro o conflito étnico, criando um distanciamento proposital da realidade brasileira.

Aprofundando ainda mais a discussão sobre a invisibilidade de autoras negras na área de romance, para além de pensar a dispersão das poucas autoras traduzidas, quando o tema é a produção literária afro-brasileira feminina, aí o assunto torna-se complexo, pois estas escritoras ainda estão construindo uma relação comercial com editoras e livrarias. No Brasil,

as poucas publicações encontradas estão catalogadas como literatura brasileira, ou antropologia, o que já permite afirmar que não há um reconhecimento por parte de editoras e livrarias em relação à produção literária negro-brasileira. Exceto, se pensarmos em um nicho singular deste mercado que tem seu foco nas publicações sobre relações raciais e gênero, que veremos a seguir.

2.2 Encruzilhadas do Mercado Editorial Negro-Brasileiro

A poesia entre cães e bichos
É também palavra.
Mas o texto captura é o rastro
De carros indo, sem os bois.
A poesia comparece
Para nomear o mundo

(Edimilson de Almeida Pereira)

É importante destacar que já existe no país um pequeno segmento editorial e de livrarias se estruturando em torno da temática étnico-racial negra. Entre elas, destaca-se o pioneirismo da Mazza Edições, de Belo Horizonte, cuja proprietária alia a trajetória de ativista, mulher negra empreendedora que está há trinta anos no mercado se debruçando em torno da temática e possui em seu catálogo três precursores da literatura afro-brasileira, Luiz Silva, pseudônimo de Cuti, Conceição Evaristo e Edmilson Almeida, além de nomes da nova geração como Cidinha da Silva, Patricia Santana, entre outros. Afinando a pesquisa editorial com o propósito desta análise, mesmo dentro do vasto catálogo da editora Mazza, em seu site a parte de literatura negro-brasileira não foi nomeada em nenhuma das obras.

Outra iniciativa é o coletivo de escritores negros Quilombhoje Literatura, que há trinta e três anos publica ininterruptamente os *Cadernos Negros*, antologia de literatura afro-brasileira contemporânea, que alterna um ano poesia e no outro ano prosa. Assinala-se que no site destas publicações foi possível identificar duas nomenclaturas, literatura negra e literatura afro-contemporânea.

Em situação dissonante com a realidade do mercado editorial brasileiro, o grupo paulista *Quilombhoje Literatura*, que vem desde 1978, data da edição do volume I Cadernos Negros, publicando literatura afro-brasileira de forma ininterrupta, congregando várias experiências literárias, pois aglutina autores de diferentes gerações que muitas vezes não

encontram espaço de publicação nas grandes editoras. Com isto, *Cadernos Negros* passa a ser uma importante vitrine de uma produção literária de escritoras(es) negras(os), onde a estética e o ativismo criaram uma fórmula singular de fazer literatura, como bem sinalizou Florentina da Silva e Souza:

> Os CN começam a ser publicados em 1978, em São Paulo, com a participação de escritores negros procedentes de vários estados brasileiros. Desde então, cada edição anual publica poemas nos volumes de números ímpares e contos nos volumes de números pares, escolhidos entre aqueles enviados pelos escritores à organização do periódico e selecionados por uma comissão.(...) Os participantes da série, em sua maioria, militaram ou militam em entidades ou grupos do movimento negro no Brasil (...) a diversidade de poetas e contistas, por um ângulo, abre o leque de oportunidades para que novos escritores tenham seus trabalhos publicados lado a lado com escritores mais experientes, tanto no domínio da linguagem e recursos formais quanto no amadurecimento dos temas. Apreciado sobre outra perspectiva, isso também amplia a linha programática do periódico e abre espaço para o surgimento de diversos caminhos de problematização da questão racial no Brasil, um dos temas principais da publicação. (SOUZA, 2005, p. 66)

Este ano *Cadernos Negros* completa 33 anos, incentivando e revelando a cada ano vozes que tiveram seu primeiro espaço de publicação em suas edições e hoje já são vozes autônomas no universo literário brasileiro e internacional, como é o caso de uma das autoras escolhidas por esta pesquisa, Conceição Evaristo.

Além das duas editoras citadas, é importante destacar o papel da **Nandyala Editora & Livraria**, de Belo Horizonte, que na figura de sua proprietária, a professora Doutora em Literaturas Africanas, Iris Amâncio, abriu uma interessante frente de publicações, com textos de autoras(es) africanas(os) lusófonas(os) pouco difundidos no país. Temos ainda a **África Editora,** localizada em Cotia, interior de São Paulo**,** de propriedade do Prof. Natanael dos Santos, que vem se dedicando ao mercado de livros didáticos. Outra iniciativa importante é a **Editorial Diáspora**, fundada no ano de 2005, de propriedade do Prof. Dr. Walter Silvério, importante intelectual negro, de referência na área de Educação. Dentre todas estas iniciativas citadas, é importante destacar o papel singular das **Edições Toró**, de propriedade do escritor, historiador e educador Allan da Rosa, que tem um trabalho na contramão da euforia do mercado editorial. Seus livros são produzidos artesanalmente, tem um preço fixo em todos os exemplares e as escritoras(es) são moradoras(es) de áreas periféricas da cidade de São Paulo, que se reúnem em saraus literários, o mais conhecido é o *Cooperifa* – Cooperativa Cultura da Periferia, com uma década de resistência, no município de Taboão da Serra na Grande São Paulo.

Ao todo são quatro editoras de proprietárias(os) negras(os) no país, mas é importante destacar o papel de algumas editoras no mercado nacional, que se dedicam a este segmento tendo um trabalho de referência, que são a **Pallas Editora**, o grupo Summus possui um selo

editorial chamado **Selo Negro Edições**, e a editora **Autêntica**, que possui uma coleção também referenciada no país intitulada Cultura Negra e Identidades.

Além das editoras existem as livrarias negras existentes no país, que são a Kitabu Livraria Negra no Rio de Janeiro; em Belo Horizonte, a Nandyala Livraria e a Sobá Livraria, que atualmente não tem mais sua sede fixa e trabalha de forma itinerante, assim como um dos livreiros mais antigos do país que é o Papa Léguas, atualmente trabalha em Salvador.

A experiência das livrarias revela que tanto autoras(es) independentes como editoras de pequeno porte, cientes das barreiras comerciais junto a grandes redes, têm nestes espaços não só uma oportunidade de divulgar suas marcas, assim como os nomes que fazem parte de seus catálogos que dificilmente conseguem ser lançados em outros espaços. E destes encontros entre autoras(es) e o público, o que se pode observar é um diálogo direto, sem censuras pelo fato da questão racial ser a mola propulsora deste empreendimento. É importante observar dentro destas livrarias, em seus eventos realizados para comercializar livros há, também, a preocupação de que suas atuações abriguem atividades culturais, algumas políticas e musicais, relembrando as atividades realizadas por Paula Brito, já citado anteriormente, em sua livraria.

Dentro desse conjunto de questões apontadas até aqui, existe ainda outro ponto importante quando se pensa em literatura negra fora dos espaços de discussão sobre a questão da população de origem africana, pois, se esbarra em uma limitação de nomenclaturas já existentes dentro do mercado editorial, inclusive com referência internacional que é a *literatura noir,* traduzida como literatura negra, como bem aponta Assis Duarte:

> Há ainda uma outra vertente, de natureza mercadológica, que diz respeito ao texto “negro” como sinônimo de narrativa de terror, violência e suspense, no estilo do romance e do filme *noir* da indústria cultural. Portanto, da militância e celebração identitária ao negrismo folclorizador, passando por escritos distantes tanto de um extremo como de outro, vemos que a “literatura negra”, são muitas, que no mínimo, enfraquece e limita sua eficácia enquanto operador teórico, a par do inegável simbolismo político... (DUARTE, 2009, p. 18)

É importante recuperar estas nomenclaturas, pois a literatura negra que estamos tratando ao longo deste capítulo nada se assemelha a algo negativo ou de terror, mas não podemos negar um impasse de mercado se pensarmos nos dois conceitos.

Por conta disto, esta tese utilizará como referência a literatura negro-brasileira, porém é importante ressaltar que o termo afro-descendente não deve ser de todo descartado, pois entendemos que ainda existe uma gama de autoras(es) que não fazem parte explicitamente das lutas políticas antirracistas no país, mas, é possível encontrar em seus textos referências a africanidades, ainda que sutis. Neste sentido, pensamos que o termo acaba constituindo uma possibilidade inclusiva para esta vertente de escritoras e escritores. E ainda acreditando que

para um mercado que se quer menos excludente e reconhecedor a não exclusão possa ser interessante para que se dê maior corpo e, por conseguinte, visibilidade ao conjunto de mulher afro-estadunidense com obra traduzida no mercado nacional.

Por acreditar na necessidade da devida visibilidade, evidenciamos a seguir um relicário de imagens referentes às escritoras que fazem parte do conjunto de escritoras afro-americanas traduzidas no mercado editorial nacional e também as brasileiras. Pensamos que tais aspectos possam ser importantes para que possamos começar a voltar o nosso olhar crítico para o mercado editorial nacional, em especial nesse momento em que o debate sobre a necessidade de livros que possam impulsionar as discussões sobre relações raciais parecem retomar o fôlego.

2.3 Relicário de Imagens

2.3.1

AliceWalker

Títulos em Inglês

Now Is The Time to Open Your Heart (2004)	Editora Random House
A Poem Traveled Down My Arm (2003)	Editora Random House
Absolute Trust in the Goodness of the Earth (2004)	Editora Random House
The Way Forward is With a Broken Heart (2001)	Editora Ballantine Books
Sent By Earth: A Message from the Grandmother Spirit After the Bombing of the World Trade Center and the Pentagon (2001)	Editor Editora Open Media
Anything We Love Can Be Saved (1998)	Editora Ballantine Books
By the Light of My Father's Smile (1999)	Editora Ballantine Books
The Same River Twice: Honoring the Difficult (1997)	Editora Washington Square Press
Warrior Marks: Female Genital Mutilation and the Sexual Blinding of Women, Alice Walker and Prathiba Parmar	Editora Harcourt
Possessing the Secret of Joy (1992)	Editora Pocket books
Finding the Green Stone (1991)	Editora Harcourt Children's Books
Her Blue Body Everything We Know: Earthling Poems (2003)	Editora Mariner Books
To Hell with Dying (1993)	Editora Sandpiper

Títulos em português

A cor púrpura (1988)	Editora Circulo do Livro
De amor e desespero (1988)	Editora Rocco
Ninguém segura esta mulher (1987)	Editora Marco Zero
O templo dos meus familiares (1990)	Editora Rocco
Vivendo pela Palavra (1988)	Editora Rocco
Rompendo o silêncio uma poeta diante do horror em Ruanda (2011)	Editora Bertrand do Brasil

2.3.2

Chimamanda Ngozi

Títulos em Português

Meio Sol Amarelo (2008)	Editora Cia das Letras
Hibisco Roxo (2011)	Editora Cia das Letras

2.3.3

Edwiges Danticat

Títulos em inglês

Create Dangerously: The Immigrant Artist at Work (2010)	Editora Princeton University Press
Brother, I'm Dying (2007)	Editora Knopf
The Dew Breaker (2004)	Editora Knopf
The Farming of Bones (1999)	Editora Viking Penguin
Krik? Krak!: Stories (1995)	Editora Soho Pr., Inc.
Breath, Eyes, Memory(1994)	Editora Soho Pr., Inc.

Títulos em Português

Adeus Haiti (2010)	Editora Agir

Iylana Vanzant

2.3.4

Títulos em inglês

Welcoming Spirit Home: Ancient African Teachings to Celebrate Children and Community (1999)	Editora New Word Library
Peace from Broken Pieces: How to Get Through What You're Going Through (2010)	Editora Smiley Books
Tapping the Power Within: A Path to Self-Empowerment for Women: 20th Anniverary Edition (2009)	Editora Hay House
In the Meantime: Finding Yourself and the Love You Want (1999)	Editora Fireside
Until Today!: Daily Devotions for Spiritual Growth and Peace of Mind (2000)	Editora Simon & Schuster
The Value in the Valley: A Black Woman's Guide Through Life's Dilemmas(1996)	Editora Fireside
Acts of Faith: Daily Meditations for People of Color(1993)	Editora Fireside
Faith in the Valley: Lessons for Women on the Journey to Peace(1993)	Editora Fireside
Don't Give It Away! : A Workbook of Self-Awareness and Self-Affirmations for Young Women(1999)	Editora Fireside
Every Day I Pray : Prayers for Awakening to the Grace of Inner Communion(2002)	Editora Fireside
Interiors: A Black Woman's Healing...in Progress (1995)	Editora Writers & Readers
Up From Here: Reclaiming the Male Spirit: A Guide to Transforming Emotions into Power and Freedom (2003)	Editora HarperOne

Títulos em Português

Posso conseguir o que desejo (2009)	Editora Sexante
Descubra sua essência espiritual (2007)	Editora Sexante
Sei que vou sair dessa (2004)	Editora Sexante
Enquanto o amor não vem (1999)	Editora Sextante

Esperando o amor chegar (2002)	Editora Sexante
Ontem eu chorei (2001)	Editora Sexante
Um dia minha alma se abriu por inteiro (2000)	Editora Sexante
A vida vai dar certo para mim (2003)	Editora Sexante

Fonte Foto: http://articles.nydailynews.com/2011-04-06/local/29404809_1_maryland-home-welfare-downward-spiral

Maya Angelou

2.3.5

Títulos em Inglês

Great Food, all day Long(2010)	Editora Random House
Mother :A Cradle to Hold Me (2006)	Editora Random House
The Collected Autobiographies of Maya Angelou(2004)	Editora Modern Library
I shall not be moved(1991)	Editora Bantam
Gather Together in my name(2009)	Editora Random House
Singin´and Swingin´ and Getting´Merry Like Christmas(2009)	Editora Random House
Celebrations: Rituals of Peace and Prayer(2006)	Editora Random House
Phenomenal Woman(1995)	Editora Random House
My Painted House, My Friendly Chicken, and me ilustrado por Margaret Courtney-Clarke (2003)	Editora Crown Books for Young Readers
A song flung Up to Heaven(2002)	Editora Random House
Hallelujah: The Welcome Table(2007)	Editora Random House
Amazing Peace: A Christimas Poem(2005)	Editora Random House
All God´s Children Need Traveling Shoes (1991)	Editora Random House
And Still I Rise (1978)	Editora Random House
Wouldn't Take Nothing for My Journey Now (1994)	Editora Random House
The Complete Collected Poems of Maya Angelou (1994)	Editora Random House
Poems (1996)	Editora Bantam
The Heart of a Woman(2009)	Editora Random House
Even the Stars Look Lonesome(1998)	Editora Bantam

Títulos em Português

Eu sei por que o pássaro canta na gaiola (1996)	José Olympio
Carta a minha filha (2010)	Nova Fronteira
Histórias Sagradas uma exaltação ao poder de cura e transformação(2002)	Rocco

Fonte Foto

http://blendnewyork.com/fashion/inspiration/touched-by-an-angel-by-maya-angelou/

Sapphire

2.3.6

Títulos em Inglês

Black Wings & Blind Angels: Poems (2010)	Knopf Publishing Group
American Dreams (1996)	Random House, Incorporated
Meditations on the Rainbow: Poetry (1987)	Cristal Bananas

Títulos em Português

Preciosa título original (2010)	Record

Fonte Foto: http://justbeforebed.co.uk/black-book-news/

2.3.7

Sobonfu Somé

Títulos em inglês

Welcoming Spirit Home: Ancient African Teachings to Celebrate Children and Community(1999)	Editora New Word Library
Falling Out of Grace: Meditations on loss, healing and wisdom (2003)	Editora North Bay Books
Women's Wisdom From the Heart Of Africa by Sobonfu Somé (1980)	Editora Sounds True

Títulos em Português

O Espírito da Intimidade: Ensinamentos Ancestrais Africanos sobre maneira de se relacionar (2003)	Editora Odysseus

2.3.8

Terry Mcmillan

Títulos em inglês

Getting to happy (2010)	Editora Vikin Adult
The Interruption of Everything (2005)	Editora Nal Trade
A Day Late and a Dollar Short (2004)	Editora Nal Trade
Waiting to exhale (2006)	Editora Nal Trade
Mama (2005)	Editora Nal Trade
Disappearing Acts (2004)	Editora Nal Trade
Getting to happy (2010)	Editora Vikin Adult
The Interruption of Everything (2005)	Editora Nal Trade

Títulos em Português

Falando de amor (1992)	Editora Record
Como Stella recuperou o rebolado – Título original *How Stella Got Her Groove Back (1999)*	Editora Record

Toni Morrison

2.3.9

Títulos em Inglês

Sula (2004)	Editora Vintage
Burn This Book: PEN Writers Speak Out on the Power of the Word (2009)	Editora Harper
Tar Baby (2004)	Editora Vintage
What Moves at the Margin: Selected Nonfiction (2008)	Editora Univ Pr. of Mississippi
Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination (1993)	Editora Vintage
The Dancing Mind: Speech upon Acceptance of the National Book Foundation Medal for Distinguished Contribution to American Letters (1996)	Editora Knopf
Little Cloud and Lady Wind (2010)	Editora Simon & Schuster/ Editora Paula Wiseman Books
Remember: The Journey to School Integration (Bccb Blue Ribbon Nonfiction Book Award (Awards) (2004)	Editora Houghton Mifflin Books for Children
Peeny Butter Fudge (2009)	Editora Simon & Schuster/ Editora Paula Wiseman Books
Big Box and the slade Morrison (1999)	Editora Jump At The Sun
The Tortoise or the Hare slade Morrison (2010)	Editora Simon & Schuster/ Editora Paula Wiseman Books
The Book of Mean People slade Morrison (2002)	Editora Hyperion Book CH
The Nobel Lecture In Literature, 1993 (1994)	Editora Knopf
Birth of a Nation'hood: Gaze, Script, and Spectacle in the O. J. Simpson Case(1997)	Editora Pantheon

Títulos em Português

Amada (2007)	Cia das Letras
Paraíso (1998)	Cia das Letras
O olho mais azul (2003)	Cia das Letras
Amor (2005)	Cia das Letras
Compaixão (2009)	Cia das Letras
Jazz (2009)	Cia das Letras
Quem leva a melhor: novas fábulas de Esopo(2008)	Cia das Letrinhas

Canção de Solomon, (1977)	Best Seller
Pérola Negra(1981)	Best Seller

Fonte Foto:

http://colorlines.com/archives/2012/05/author_toni_morrison_wins_highest_us_civilian_honor.html

Zora Neale Hurston

2.3.10

Títulos em inglês

Mules and Man (1938)	Editora
Seraph on the Swanee (1948)	Editora
Moses man of the Mountan (1949)	Editora
Jonah´s Gourd Vines (1934)	Editora
Tell my horse (1938)	Editora
Mule Bone	Editora

Títulos em Português

Seus Olhos Viam Deus, título original (2002)	Editora **Record**

2.3.11

Ana Maria Gonçalves

Títulos em Português

Ao lado e à margem do que sentes por mim (2002)	Editora Borboletras
Um defeito de cor (2006)	Editora Record

2.3.12

Anajá Caetano

Títulos . Bibliografia em português

Paixão do Senhor Branco	Editora

2.3.13

Carolina Maria de Jesus

Títulos . Bibliografia em português

Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960)	Editora Livr. Francisco Alves (Ed. Paulo de Azevedo Ltda),
Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada (1961)	Editora Liv. Francisco Alves (Ed. Paulo de Azevedo Ltda)
Pedaços da fome(1963)	Editora Áquila Ltda
Provérbios	Editora s/editora
Diário de Bitita(Póstuma)(1986)	Editora Nova Fronteira

Título . Versão da obra

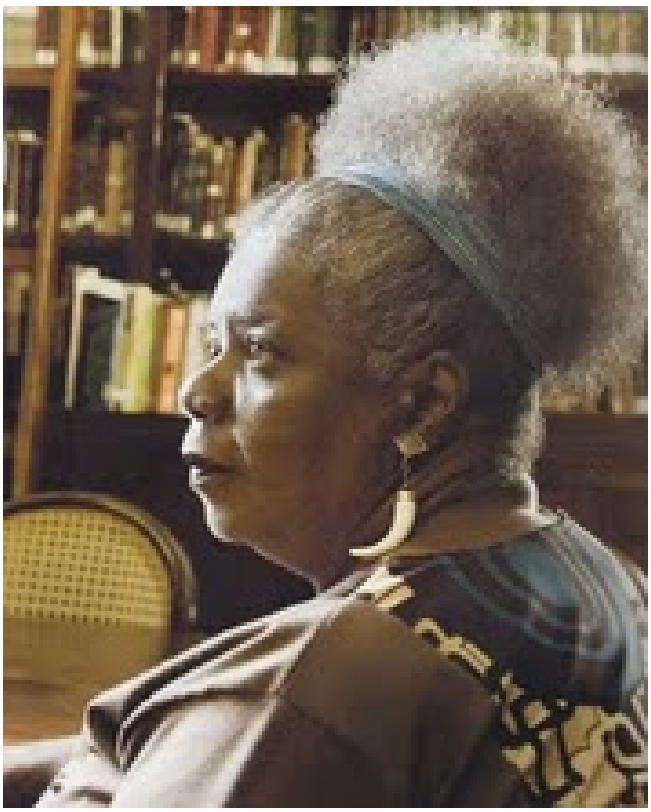
Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus (1962)	Inglês	EditoraE.P. Dutton
Casa de ladril/os (1963)	Espanhol	Editora Editorial Abraxas
Journal de Bitita(1982)	Francês	Editora A. M. Métailié

2.3.14

Cidinha da Silva

Títulos . Bibliografia em português

Ações Afirmativas em Educação – Experiência Brasileira(2003)	Editora Editora Selo Negro
Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas (2006)	Instituto Kuanza
Cada Tridente em seu lugar. 2 (2007)	Editora 2. ed., rev. Mazza Edições
Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor (contos)(2008)	Editora Mazza Edições
Os nove pentes d´África – Infantil (2009)	Editora Edições
Colonos e Quilombolas : memória fotográfica das colônias africanas em Porto Alegre (2010)	Produção da autora
Kuami (2011)	Editora Nandyala



2.3.15

Conceição Evaristo

Títulos . Bibliografia em português

Ponciá Vicêncio (2003)	Editora Mazza
Becos da Memória (2006)	Editora Mazza
Poemas da recordação e outros movimentos (2008)	Editora Nandyala

Títulos . Versão da obra

Ponciá Vicêncio(2007)	**Inglês**	Editora Austin-TX: Host Publications

2.3.16

Elisa Lucinda

Títulos . Bibliografia em português

Contos de Vista (2002)	Editora Global
Eu te amo e suas estréias (2003)	Editora Record
O semelhante (1997)	Editora Record
Pare de Falar mal da rotina (2010)	Editora Leya
A fúria da beleza (2007)	Editora Record
Lili a rainha das escolhas	Editora Record
Coleção amigo oculto(Triologia infantil)	Editora Record
A menina transparente	Editora Record

2.3.17

Maria Firmina dos Reis

Títulos . Bibliografia em português

Úrsula: romance original brasileiro (1859)	Typographia do Progresso
Úrsula; “A escrava”. Edição comemorativa dos 150 anos da primeira edição. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. (2004)	Ed.Mulheres;: PUC Minas
Gupeva(Romance) (1861)	Publicado inicialmente no jornal O jardim dos maranhenses
Cantos à Beira Mar.(Poesia) (1871)	Typografia do Paiz
“A escrava”. (1887)	In Revista Maranhense, ano 1, nº 3,

2.3.18

Ruth Guimarães

Títulos . Bibliografia em português

Água Funda (1946)	Edições da Livraria o Globo

3 TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS, EXPERIÊNCIAS COLETIVAS

I live alone.
That hasn't always been easy to do.
But just a single woman;
Some times as night the walls talk back to me.
They seem to say
Wasn't yesterday, a better day.
Always alone at home or in a crowd;
A single woman out on a private cloud;
Caught in a world few people understand.
I am what I am….only one single woman.
There was a time…I can't remember when.
The house was full of love but then again
It might have been imaginations plan,
Just to help along,
One single Woman.

(Nina Simone – Single Woman)

3.1 Deslocamento das vozes

Depois de conseguir aprisionar no papel as várias encruzilhadas que no capítulo anterior compuseram o tecido inicial desta tese, neste momento da pesquisa a encruzilhada não abandonou, também, de todo a elaboração deste capítulo, pois não há nesta investigação um objeto de análise isolado, mas o propósito segue o mesmo, ou seja, cruzamentos. Mais uma vez as fronteiras geográficas nos contextos afro-brasileiro e afro-americano servem como bússola, mas desta vez há intenção de ir além dos contornos teóricos e metodológicos já estabelecidos. Desta vez a interseção tem como foco a humanização da narrativa, adentrar na intimidade das quatro mulheres negras escritoras escolhidas como objetivo de análise desta tese. Queremos buscar muito mais afinidades, junções, semelhanças, enfim, mais emoções que técnica, pois a ausência de trabalhos que valorizem a questão do afeto da população negra é realmente ínfima, e se particularizamos mais o foco sobre as mulheres negras o problema se agrava. Talvez isto tenha um fundo, não é por acaso que a luta do movimento negro brasileiro ainda é uma pauta por direitos civis mínimos, pois, antes de se chegar na questão do afeto, ainda tem educação, moradia, saúde, apesar que acreditamos que avançaremos e em breve perceberemos que as questões referentes ao emocional, também devem ter seu lugar garantido nas mais diferentes instâncias.

Nesta etapa foram levantados pontos da história (vi)vida de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelous e Zora Neale Hurston. Cada uma, a sua maneira, criou sua técnica, (re)significou sua trajetória pessoal, marcou posição nas lutas antirracismo e sexismo em seus diferentes contextos históricos. Em outras palavras, o que se confeccionou ao juntar sob o mesmo eixo estas mulheres foi elencar suas experiências pessoais vividas em diáspora, e que contorno identitário foi forjado em quatro momentos históricos distintos. Para isso, é necessário retomar Stuart Hall e seu conceito de construção de identidade em diáspora:

> O que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que a "identidade cultural" carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjunturas?(...) Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". É claro, um mito - com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados às nossas vidas e dar sentido a nossa história. (HALL, 2003, pp. 28-29)

As três categorias, mulheres, negras e escritoras, não foram hifenizadas, mas entendemos que o foco deste capítulo é verificar como estas três categorias entrelaçadas constroem uma pseudoideia de identidade cultural una, a partir das experiências individuais destas autoras. Sabemos que o conceito clássico de diáspora para a população negra remete também a um sentimento de perda, de fragmentação. Segundo Ana Beatriz Gonçalves, este sujeito híbrido, que se constituiu em diáspora, está em constante negociação, cuja experiência perturba os modelos fixos dominantes de identidade cultural coesa na maioria das sociedades (GONÇALVES, 2009, p.55). Portanto, queremos entender como cada uma das escritoras escolhidas construiu, negociou e manteve suas identidades negras. Para tanto, se faz necessário situar o contexto histórico aos quais estas mulheres estavam inseridas, seus deslocamentos por distintos espaços sociais, de que forma contribuíram para a tessitura de suas produções literárias e perceber quais interseções podemos construir:

> Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiro "universo de discurso", "universos de significado", que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos. (BOSI, 1998, p. 67)

Esta citação de Bosi só traz sentido para esta análise se pensarmos a questão feminina negra em diáspora e suas construções literárias, com o sentido de avaliar que história comum foi contada e (re)constituída por estas mulheres ao longo destas trajetórias. Quando esta etapa da pesquisa foi pensada, alguns temas emergiram, tais como memórias, histórias de vida, biografias, trajetórias de vida; mas uma dúvida veio à tona, já que não era intenção desta

análise enquadrar o texto que está sendo produzido em um marco rígido e dali somente estabelecer os vínculos com os conteúdos que nele teriam semelhança, queríamos mais "possibilidades". Na verdade, não queríamos um texto horizontalizado, já que as investigadas possuem singularidades em suas vidas, buscamos diferentes histórias e diferentes nuances e as encontramos. Para tanto, o diálogo interdisciplinar foi fundamental.

Sabemos que trabalhar com histórias de vida, e de maneira comparativa, implica em um desafio especial, já que entrecruzaremos tempos históricos diferentes e vivências, e muitas vezes nós pesquisadoras(es) esperamos uma organização de fatos na espacialidade e temporalidade que não necessariamente encontraremos nos relatos e fontes pesquisados. Bourdieu chama atenção para este fato:

> O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que se entrega a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já colidiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em conseqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. (BOURDIEU, 1996, p. 184).

3.2 Deslocamento Acadêmico

Um dado que entendemos como fundamental, e queremos deixar traduzido ao longo deste capítulo e de todo o nosso trabalho, é que entendemos a origem comum destas escritoras como mulheres negras, o que remete de forma quase que indissociável a sua condição de classe, mas compreendemos que o próprio ato da escrita subverte uma lógica tatuada no imaginário social da subserviência, que segue fortemente reproduzido em diversos setores como afirma a feminista Sueli Carneiro:

> São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. (CARNEIRO, s/d, p. 1)

Não tentaremos criar outra história de vida para estas escritoras ignorando seus processos de superação, mas temos que construir, também dentro dos espaços acadêmicos, possibilidades de deslocamentos destas mulheres para outros patamares, principalmente no que diz respeito às autoras afro-brasileiras, que são sempre associadas de forma unilateral à perspectiva de mulher, negra, pobre e não podemos deixar de incluir o ativo termo *favelada*, que aparece insistentemente ainda em vários trabalhos acadêmicos. Entendemos que no caso de Carolina é a sua situação de mulher moradora de uma que favela será o ingrediente para

sua identidade de escritora, e no caso de Conceição Evaristo sua origem humilde e sua militância que serão seus alicerces. Por isso, nesta análise estamos ancorando nosso discurso na tríade mulher, negra e escritora. É isso que nos interessa, esta mudança de paradigma, pois em comparação com as escritoras afro-americanas, a ativista Angela Davis em uma conferência proferida no Maranhão traça a seguinte relação da situação das mulheres negras no Brasil e nos Estados Unidos:

> Neste encontro vocês estão discutindo o tema da invisibilidade forçada da mulher negra. Eu sei como isso ocorre. Ao mesmo tempo em que a mulher negra é considerada a mãe da cultura brasileira, ela é ao mesmo tempo invisível. E vocês sabem que nos Estados Unidos as mulheres negras têm lutado há décadas para acabar com a invisibilidade. Vejam os exemplos das escritoras negras contemporâneas como Toni Morrison e Alice Walker. Num certo sentido, já percorremos um longo caminho e em outro continuamos invisíveis. (...) quando mulheres negras adquirem mais visibilidade, sempre se trata de mulheres de classe média. (DAVIS, 2004, p. 2)

Porém, quando se trata da situação das escritoras negras brasileiras, a invisibilidade é ainda mais complexa, pois em sua maioria ainda existe uma distância pela precariedade nas condições de vida e das próprias condições de publicação para se poder afirmar que elas já são classe média. Por isso, acreditamos em nosso compromisso de conseguir também inscrever estas mulheres e suas trajetórias de vida em outro cenário. A etapa de superação é fundamental na história da maioria destas escritoras, mas existem vários pontos que precisam ser desvelados, que acabam ficando em segundo plano em detrimento da questão socioeconômica. Optamos em recorrer a Alex Ratts, por que em seus últimos trabalhos este geógrafo analisou de forma singular distintos "territórios de discurso" ao reconstruir a biografia de duas importantes ativistas do movimento negro, Beatriz Nascimento[30] e Lélia Gonzalez[31]. Em sua primeira obra, ao recuperar momentos da história de vida de Beatriz Nascimento, o autor optou por trabalhar com "*pontos fixos de uma trajetória não linear*", e nesta análise também foram selecionadas as informações vitais, fixas, para se referir à vida de uma pesquisada, para além de outras histórias que pudessem construir algum tipo de ponte entre as trajetórias das autoras. Afinal de contas, não é a intenção desta tese realizar um trabalho biográfico unicamente, o desafio é proporcionar encontros, similitudes, pois acreditamos que as vivências destas mulheres permitem várias leituras.

3.3 Tempo de recordar

[30] *Eu sou atlântica - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* (RATTS: 2007)
[31] *Lélia Gonzalez* (RATTS e RIOS: 2010)

Devido à extensão dos objetos que esta análise pretende articular, foi necessário dividir nossa pesquisa em microcomparações e macrocomparações, trocando em miúdos, será construído inicialmente um diálogo territorial, ou seja, no primeiro momento as autoras afro-brasileiras entre si, idem para as afro-americanas. Depois de levantadas as questões mais pertinentes em cada território comparativo, vamos entrelaçar as macrovivências.

Nesta etapa foram puxados fios da infância emendados com fios da adolescência, (des)abrigados pela escola e pela família, com a preocupação de que o texto idealizado fosse (re)criado de forma homogênea, já que existe uma disparidade na quantidade de bibliografia disponível sobre as autoras afro-americanas no Brasil, portanto, foi intencional a busca por informações que estivessem presentes nas quatro autoras com o propósito de atingir equilíbrio para o trabalho. Este obstáculo não é um dado recente, pois em seu trabalho *Escritoras Negras Contemporâneas*: *Estudos de Narrativas Estados Unidos – Brasil* (2004), Maria Aparecida Andrade Salgueiro afirma:

> Apesar da dificuldade implícita de se trabalhar com autores vivos e, ainda mais, originários de culturas diversas, ao final deste trabalho, temos maior convicção de que o estudo comparativo da emergência de uma literatura de traços africanos, transposta no discurso de autoras de diferentes nacionalidades, poderá contribuir com elementos significativos para a compreensão de traços fundamentais de cultura, numa perspectiva contemporânea de compreensão étnica. (SALGUEIRO, 2004, p. 135)

Na verdade, esta análise acaba se revelando em vários momentos uma arqueologia literária, pois o processo todo não é linear, é necessário cavar, buscar, (re)significar durante todo o tempo desta pesquisa. Sendo assim, por questões de cronologia, a análise iniciará com as autoras afro-americanas seguidas das afro-brasileiras.

3.4 Tempo da memória de Zora Neale Hurston

> Eu vivia tanto com os menino branco que só soube que num era branca com seis ano. E nem aí ia descobrir, não fosse um homem que apareceu lá tirando retrato, e Shelby, o mais velho, sem pedir a ninguém mandou ele tirar o retrato da gente.(...) Aí, quando a gente viu o retrato e apontou todo mundo, ‘so ficou faltando uma menininha pretinha pretinha, com os cabelo em pé junto da Eleanor. Devia ser eu, mas eu num me conheci naquela menina preta. Aí perguntei: Onde é que eu to? Eu num to me vendo aí?
>
> *(Zora Neale Hurston)*

Autora de quatro romances, dois livros sobre folclore, um autobiografia e mais de cinquenta obras curtas, entre artigos e peças teatrais, Zora Neale Hurston nasceu no dia 07 de janeiro de 1891, na cidade de Notasulga no estado do Alabama, ainda na infância sua família mudou para o estado da Flórida, para a pequena cidade de Eatonville. Zora era a quinta filha de uma numerosa família de oito irmãos. Filha de John Hurston, carpinteiro e pastor da Igreja Batista Missionária Macedonia[32], e de Lucy Potts Hurston, professora aposentada. Sua infância, segundo alguns de seus biógrafos, foi tranquila, mas foi interrompida abruptamente com a morte de sua mãe aos 13 anos, em 1904. Além da violência da perda física e afetiva de sua mãe, seu pai a retirou da escola para que passasse a tomar conta de seus irmãos e da casa.

A singularidade da personalidade de Zora fez com que abandonasse essa rotina imposta por seu pai e entrasse para uma companhia de teatro itinerante, passando a viajar acompanhando o grupo aos 16 anos. Foi na condição de doméstica de uma família branca que retornou à escola e concluiu a graduação em 1918, na escola conhecida atualmente como Morgan State University.

Depois de concluir seus estudos em Howard University, passou a ter conhecimento sobre a produção e organização de artistas, produtores e intelectuais negros no Harlem. Com isso, mudou-se para Nova York e em pouco tempo de permanência na cidade se tornou uma voz importante no movimento do *Harlem Renaissance*.

3.4.1 Harlem Renaissance

Ao iniciar o percurso da história de vida de Zora Neale Hurston, é necessário voltar no tempo e começar nossa travessia no ano de 1917, data em que os historiadores identificam como o início do movimento *Harlem Renaissance*, ou Renascimento Negro, como também ficou conhecido, e dialogar com a efervescência do movimento, mas também trazer à luz algumas vozes que foram interlocutoras(es) importantes de nossa investigada neste período.

A “onda negra” que eclodiu nas artes norte-americanas no início do século XX conhecida como *Harlem Renaissance* ou Renascimento Negro, na verdade foi o resultado de um conjunto de ações associadas às inúmeras insatisfações da população negra norte-

[32] Tradução livre Macedonia Missionary Baptist Churche

americana no pós-abolição, e teve como seus precursores Frederick Douglas e Booker T. Washington:

> The abolition of slavery after the Civil War had not brought automatic acceptance of the black people into the family of white America. The war's cessation in 1865 was the point at which the blacks' struggle for their full participation in and enjoyment of the promises enshrined in the Declaration of Independence was begun in earnest. Various spokespeople for the American blacks emerged, the most notable of whom was Frederick Douglass. Born into slavery in 1818, and spending half of his life in that condition, Douglass was the first black leader to capture the respect and attention of white Americans(...) Douglass died in 1895 with his dreams for his people unrealised and the mantle of black leadership fell on the shoulders of a younger man, Booker T. Washington, who believed that black social and economic improvement would come gradually and naturally through accommodation and compromise rather than self-assertion, and only if the blacks were educated. (BLOOM, 2004, p. 115)

O ideal reconhecimento em todos os espaços na sociedade norte-americana e a necessidade de busca de trabalho fez com que uma onda de migrantes negros rurais procurasse o norte, parte industrializada do país, no início do século passado, para se estabelecer e buscar um lugar que também abrigasse sua matriz cultural, contribuindo assim para a preservação da sua identidade negra, o bairro Harlem foi o local propício para acolher esta movimentação. Artistas de diferentes modalidades se encontravam por lá, a literatura foi um núcleo importante dentro do movimento, e deste convívio houve um fortalecimento do grupo ali presente, e a arte negra renasce no cenário norte-americano com grande impulso, dando início a um dos grandes movimentos culturais negros, que influenciou não só os Estados Unidos, assim como repercutiu mundialmente, que foi o Harlem Renaissance ou Renascimento Negro, como afirma Bloom:

> What we see is a struggle by immigrants to preserve their own culture as a sign of identity, this being a necessary step towards a multi-cultural society. However, the struggle of blacks born in America was different. Their need was to find an identity previously denied them. Harlem offered them a place to do this(...) the twenties in Harlem as 'a point of change'. Certainly this time is identified with a burgeoning of black creativity in what has retrospectively become known as the Harlem Renaissance, the vanguard of which was literary in nature. Harlem represented a spirit of advancement, at source motivated by the political impulse to improve the social position of all blacks, founded on a dream of possibilities rather than a cohesive creed. Artists,musicians and writers found in Harlem a climate congenial to their creative energy, and were encouraged by the philosophies of previous as well as emerging race leaders. As the demographic disposition of the American blacks changed in their move from agrarian to industrial occupations, so there was a plethora of often conflicting black voices advocating different routes to black self-expression and political power. (BLOOM, 2004, p. 116)

O núcleo literário deste movimento, que teve nomes como o poeta Langston Huge, Alain Le Roy Locke, e nossa escritora escolhida Zora Neale Hurston, reverberou em outras artes negro-americanas fazendo com que acontecesse uma explosão na música. O Jazz e o Blues ganham visibilidade e desta época nomes como, Bessie Smith, Duke Ellington, Josephine Baker, Louis Armstrong, entre outros foram imortalizados mundialmente.

3.4.2 Ativista, Escritora e Intelectual

Sobre sua trajetória intelectual, além de todo seu acúmulo literário, fruto do seu período com os artistas e escritores do *Harlem Renaissance*, Zora Neale Hurston, estudou também no Bernard College, e no ano de 1927, foi aluna do eminente professor e antropólogo Franz Boas, que ao ver o desempenho de sua aluna, a concedeu uma bolsa de estudos para investigar o folclore dos negros no sul. Esta aproximação com a antropologia e sua dedicação para pesquisar sobre folclore dos negros não só do sul dos Estados Unidos, como do Caribe, imprimiu em seu trabalho uma marca própria, pois (re)criou palavras e expressões, transportou rituais, de uma ponta a outra da diáspora, unicamente com sua habilidade de escritora e etnóloga:

> Black southern life as recorded in Hurston's work was characterized by more than unrelenting work, violence, and imprisonment. While it was a place where bondage and racial domination persisted after the Civil War, the South, for her and her subjects, was also a place of cultural creativity, family, and religion, where everyday life was lived with integrity in the midst of struggle against racial oppression. It was, in short, a place called home. Southern black culture blended "the acceptance of the supernatural and a profound *rootedness* in the real world at the same time with neither taking precedence over the other. (PATTERSON, 2005, p. 9)

As décadas de 30 e 40 do século passado marcam o período do apogeu de Zora Neale Hurston. Ela era uma intelectual com reconhecimento nos principais círculos literários e acadêmicos, sua primeira obra publicada, um ensaio antropológico sobre o folclore dos negros do sul dos Estados Unidos, *Mules and Men* (1935), ganha rapidamente muita notoriedade; embalado no sucesso anterior, lança seu primeiro trabalho literário, a obra-prima *Their Eyes Were Watching God* (1937), uma das principais obras da literatura afro-americana do século passado, revelando toda a sua habilidade literária ao produzir este romance em apenas sete semanas durante uma viagem que fez ao Haiti para pesquisar sobre vodu.

Nos anos posteriores, mais especificamente final da década de 40 e início dos anos 50, foi o início de um período sombrio para Zora, já não publicava mais por que sua produção esteve diretamente relacionada ao período em que recebia para pesquisar sobre folclore afro-americano e caribenho. Quando estas pesquisas declinaram, o mesmo aconteceu com sua renda a partir da venda dos livros. E num retrocesso tortuoso ao seu início de vida, Zora Neale Hurston retorna para a Florida, e lá trabalha de doméstica por um período:

> For $ 30 a week, plus room and board, Zoar accepted a job as a maid for a couple in the swank Miami suburb of Rivo Alto Island. To Mr. And Mrs. Kenneth Burrit, she was just another pleasant, midle-aged black woman who seemed to have the skills to make their lives more confortable. Do white employer bothered to ask their domestic help much about they lives, assuming their stories world be most uninteresting. The Alabama born Mrs.Burrit was no excepting in this regard. "I have been amazed buy the Anglo-Saxon's lack of curiosity about the internal lives and emotions of the Negros". Hurston wrote around the same time she

> gan working for the Burrits. (...) “Servants are servants and must act accordingly unless the whole traditional relationship of employer and employee is to be endagered. But adjustments certainly were called for in this case. I must say without reservation that Zora is one of the most cultured women I have ever met and surely one of the finest. You just have to like her. (BOYD, 2004, p. 404)

Além do trabalho doméstico, a saúde de Zora Neale Hurston foi se tornando também delicada, e depois do surgimento de complicações cardiovasculares, ocasionando AVC, foi internada alguma vezes, falecendo em 28 de janeiro de 1960, e foi preciso uma cotização entre os vizinhos para seu enterro. O valor arrecadado foi suficiente para fazer o funeral, não sobrando nenhum valor para construir uma lápide, o que fez com que Zora permanecesse na indigência por treze anos, até ser resgatada espiritualmente e literariamente por Alice Walker:

> Em 1973 junto com uma amiga, voa até Eatonville na Florida e, após se fazer passar por sobrinha de Zora, conseguiu chegar até o local onde ela havia sido enterrada, então em total abandono. Após limpar o local, manda fazer uma lápide em homenagem a sua inspiração com os seguintes dizeres:
> Zora Neale Hurston
> “a genius of the South”
> Novelist Folklorist
> 1901 – 1960 (SALGUEIRO, 2004, p. 72)

3.5 Tempo da memória de Maya Angelou[33]

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar

(Maya Angelou – Ainda assim eu me levanto)

Apropriando-se do estilo norte-americano ao apresentar alguém ilustre, a Doutora Maya Angelou, atriz, escritora, cineasta, dançarina, historiadora, roteirista e professora é uma importante ativista dos direitos civis para a população afro-americana. Autora de mais de

[33] Parte significativa da biografia desta autora foi composta a partir de um vídeo em que a própria Maya Angelou relata sobre sua vida disponível no endereço: http://www.biography.com/video.do?name=womenshistory&bcpid=1859671333&bclid=1631259987&bctid=1620576805

vinte títulos[34], entre romances, poesias, autobiografias, livros infantis e de culinária. Como cineasta e roteirista, entre suas produções e participações, encontramos vários filmes, um baseado em sua obra *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* (1996), do diretor John Sigleton; e sua produção *Poetic Justice* (1993) utiliza a poesia de Maya Angelou; dirigiu e roteirizou os filmes *Ressurreição*[35] (1988) e *The Black Candle (2009)*, além de ser a narradora, também fez a poesia utilizada no filme.

Registrada como Marguerite Ann Johnson, nasceu em St. Louis, no estado de Missouri em 1928. Sua infância também foi no mesmo estado, mas em outra cidade, Arkansas, e foi neste espaço rural onde a segregação racial era uma marca de (não) convivência entre as pessoas, que cresceu ao lado do irmão Baily Johnson, um ano mais velho que Maya, e o responsável por seu apelido que mais tarde se tornou seu nome artístico. Além de seu tio, Willie, e da avó, Annie Henderson, que era proprietária de um pequeno armazém, Wm, *Johnson General Merchandise Store*, único na cidade que atendia aos negros daquela parte. O ano de 1935 foi marcante, pois foi vítima de abuso sexual ainda com sete anos. Como resultado disso, segundo a autora, resolveu não falar mais, ao todo foram cinco anos muda, somatizando e internalizando suas angústias, época em que a autora começou a escrever, a partir da ausência da fala:

> Back in Stamps, where Maya believed whites were "like ghosts, that if you put your hand on your finger would go all the way through", the black community accepted her as the "Southern silent child." For five years, she spoke only to Bailey and wrote on a tablet to communicate with others. She started writing around the age of nine, during her silent period. "It was my way of keeping in touch, I guess," Angelou said years later. "And I loved poetry.... I just loved it. I must have been the most tiresome kind of child—you know, not talking and weeping over poetry, which I half understood at that." (COX: 2006, p. 18)

O silêncio, por um período da vida de Maya, se personificou em uma companhia, capaz de suprir o não diálogo familiar, o não diálogo com o mundo exterior, um impulso para desabrochar sua escrita. Este período também pode ser lido como uma forma de marcar a posição dentro de seu núcleo familiar e perante a vida depois da violência sexual vivida.

Esta forma singular de se fazer presente, é um traço da personalidade de Maya Angelou, o que se pode observar em sua trajetória. Foi exatamente o que aconteceu ainda na sua juventude, aos 17 anos e com vários questionamentos sobre sua orientação sexual, se envolve fortuitamente com um vizinho para vivenciar uma experiência heterossexual, e o resultado foi a gravidez de seu filho Clyde Bailey Johnson, mais tarde apelidado de Guy:

> Maya worried about her sexuality. She was tall, thin, flatchested, and had a deep voice and big feet. She suspected that she was a lesbian. To find out if she was, she asked a popular neighborhood boy to have sex with her. The experience, without romance or emotions,

[34] Todas as informações bibliográfica das obras das autoras fazem parte do segundo capítulo desta tese.
[35] Título original do filme Down in the Delta (1998).

> changed her life. Three weeks later, Maya discovered she was pregnant. She hid her condition for more than eight months.(...) Her family accepted her choice not to marry the father. "Well, that's that. No use ruining three lives," her mother said. Vivian, a registered nurse, helped deliver Clyde Bailey Johnson in July 1945. Maya's family embraced him as their own. (COX, 2006, p. 22)

3.5.1 Ativista, Artista e Escritora

Talvez naquele momento sem ter dimensão de sua atitude, a trajetória de ativista de Maya Angelou tem seu início ainda aos 17 anos quando, em 1945, na busca por trabalho que a auxiliasse a se manter e a seu filho, se tornou a primeira mulher negra a ser motorista de ônibus em San Francisco.

Sobre sua trajetória escolar, seu gosto pelos estudos foi sempre entremeado pela paixão pelas artes, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos ainda na conclusão de seu curso básico para estudar artes dramáticas, e daí ela não parou mais. Excursionou em várias companhias artísticas, dançando e cantando por seu país e pela Europa, além da participação em programas da TV norte-americana. Já nos seus 29 anos gravou seu primeiro LP *Miss Calypso* (1957), uma coletânea de canções em ritmo calypso[36]. Já fazendo parte do cenário artístico norte-americano, em 1958, a convite do escritor afro-americano John Killens passa a integrar o grupo de escritores do *Harlem Writers Guilde*[37] (HWG).

O contato com os escritores do HWG, e a efervescência que assolava o país em função das lutas dos direitos civis da população negra norte-americana, fez com que Maya Angelou repensasse sua função artística, as letras de suas composições que não tinham um apelo racial, e abrisse mão da carreira de bailarina e cantora para se dedicar ao ativismo, como vários outros escritores deste período:

> The civil-rights movement was in full swing at that time. Many people were questioning society's traditions and laws. Blacks and whites protested the South's segregation laws, staging freedom marches and sit-ins. Angelou became unhappy with just singing cute songs in nightclubs. Her friends were speaking out against prejudice in their music, plays, books and songs. Angelou wanted to contribute to the cause. She decided to quit show business. (COX, 2006, p. 47)

Ela se engajou nas lutas antirracismo, e foi em uma igreja no Harlem que depois de ver uma pregação do reverendo Marthin Luther King que passou a fazer shows e espetáculos para angariar fundos para a luta, devido a sua performance foi convidada para coordenar o

---

[36] Estilo musical caribenho originário de Trindad e Tobago.

[37] http://theharlemwritersguild.org/history.htm A Harlem Writers Guild é a mais antiga associação de escritores negros que tem como propósito a difusão da produção de seus membros.

Southern Christien Leadership Conference, organização que surgiu nos Estados Unidos a partir do boicote que aconteceu na cidade de Montgomery, no estado do Alabama, local com forte segregação racial, desencadeado pela negativa da afro-americna Rosa Parks de se levantar de um ônibus para dar lugar a um homem branco para se sentar.

Depois de um período à frente da organização, muda-se para África e de lá passa a colaborar para um jornal egípcio, na capital Cairo, e depois vai para Gana, lecionar na universidade e também passa a colaborar em jornais locais, mas a estadia em Gana toma outra dimensão ao conhecer Malcom X, e algum tempo depois da chegada em solo africano retorna aos Estados Unidos e se junta à Organization of African American Unity (OAAU-)[38], a convite do próprio Malcom X, mas esta organização fundada em 1964 com o propósito de reparação para a população negra por todos os danos do tráfico transatlântico, baseada nos ideais do Pan-africanismo e tendo como foco principal a educação e o antirracismo, não durou muito tempo, pois, no ano seguinte a sua fundação em 1965, Malcom X foi assassinado. Pouco tempo depois a organização foi desfeita.

Com o fim da organização, Maya Angelou conseguiu algumas pequenas atividades, mas era o interesse em escrever que a impulsionou a iniciar sua autobiografia, e foi em 1970, que centrada nos seus primeiros 17 anos, até o nascimento de seu filho, que a obra *I know why the caged bird sing*, rapidamente se transformou em um best seller, e a indicação de Maya Angelou como a primeria mulher afro-americana a ser indicada ao prêmio National Book Award. Em 1971, lança seu primeiro livro de poesia, *Just Give me a Cool Drink of Water Fore Diiie*, que após a publicação também foi indicado ao prêmio Pulitzer.

Concluindo nosso percurso, ainda encontramos Maya Angelou produzindo, e não parou mais de escrever. São inúmeros livros dos temas mais distintos, desde culinária a autoajuda, e atualmente com 83 anos, segue ainda fazendo o que mais gosta, escrevendo. Recentemente, em 24 maio deste ano, apareceu em público na festa de despedida da apresentadora afro-americana Ophra Winfrey recitando um poema feito especialmente em homenagem à apresentadora contando sua trajetória de vida, o título do poema é *Phenomenal Journey*. Ilustraremos com uma pequena estrofe:

> Imagine a newborn, big-eyed, Black, baby girl
> Waiting to see her world.
> Waiting to receive a name.
> Let's call her Fannie Mae,
> She'll stay in this place.
>
> No, let's call her

[38] A Organization African American Unity (OAAU) foi fundada em 1964 por Malcom X e John Henirk Clarke, outro líder do movimento negro norte-americano.

Bonnie Brown,
She'll never leave this town.

Then the universe had an aha! moment,
and said Oprah.
A mixture of a precious gem
And a musical play.

Neighbors laughed and said now that's really mean
To give her a name she cannot even explain.

The universe whispered,
Oprah.

3.6 Mineirices e migrações

Quando chego de Minas
trago sempre na boca um gosto de terra.
Chego aqui com o coração fechado
um trem esquisito no peito.
Meus olhos chegam divagando saudades,
meus pensamentos cheios de uais
e esta cidade aqui me machuca
me deixa maciça, cimento
e sem jeito.
Chegando de Minas
trago sempre nos bolsos
queijos, quiabos babentos
da calma mineira.
é duro, é triste
ficar aqui
com tanta mineiridade no peito

(Conceição Evaristo[39])

O caminho percorrido para se chegar às duas autoras afro-brasileiras, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, aconteceu a partir de suas obras, mas com o avanço da pesquisa foi possível observar que a aleatoriedade inicial da escolha, na verdade se revelou em uma proximidade instigante e reveladora. Para tanto, vamos estabelecer como ponto de partida o Estado de Minas Gerais, local de origem que une o nascimento das duas protagonistas brasileiras, e estreitando mais o olhar, as cidades de Sacramento e Belo Horizonte.

3.6.1 Tempo da memória de Carolina Maria de Jesus

[39] Poema “Mineridade” de Conceição Evaristo in Cadernos Negros Melhores Poemas(2008)

Felicidade é uma lenda que os homens criaram;
ela é inexistente.

(Carolina Maria de Jesus)

Autora de cinco livros, sendo que um de seus títulos, entre eles um dos maiores sucessos editoriais do país, *Quarto de Despejo* (1960)[40], Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento em Minas Gerais, há exatos vinte e seis anos do pós-abolição, na primeira república do Brasil, externamente no mesmo ano era deflagrada a 1ª Guerra Mundial. Até este momento da pesquisa não foi possível localizar o nome completo da mãe de Carolina, somente o apelido *Cota*[41], e sobre o pai, João Candido Veloso, apesar de nossa investigada nunca o ter conhecido pessoalmente, a escritora soube de sua origem e seu nome ao escutar uma conversa entre sua mãe e sua madrinha:

> Eu invejava minha mãe por ter conhecido seu pai e sua mãe. Várias vezes pensei interrogá-la para saber quem era meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram minha mãe e meu avô.(...) Um dia, ouvi de minha mãe que meu pai era de Araxá e seu nome era João Candido Veloso. E o nome da minha avó era Joana Veloso. Que meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas. Quando ela lavava sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. (JESUS, 2007, p. 8)

Segundo informações do projeto Mulher e Literatura, da Universidade de Santa Catarina[42], seus pais provavelmente foram migrantes, frutos das mudanças econômicas da região de Sacramento no pós-escravidão, onde a atividade da mineração deu lugar à agropecuária. Nesta mesma cidade passou toda sua infância e todo o seu pouco processo de escolarização oficial.

Sobre sua trajetória escolar, sabe-se que realizou estudos primários na Escola Estadual Allan Kardec, no ano de 1923. Esta escola era espírita, talvez a primeira do Brasil, segundo Joel Rufino em seu livro *Carolina de Jesus: uma escritora improvável* (2009). O autor recuperou fragmentos da memória de Carolina sobre sua passagem no colégio:

> Recordou o colégio Allan Kardec, em Sacramento, o único que freqüentara. Um jornalista lhe disse ter sido o primeiro colégio espírita do Brasil – sempre teve medo de espiritismo. Cinco bancos de cada lado. Um dos meninos, Antônio, seríssimo, pusera um espelho debaixo da carteira para ver a sua calcinha. Um dia se atracou com outro por sua causa. Naquele lugar ela passara em branco, sem nenhum sentimento por alguém. Muitas vezes, dona Lanitinha fora injusta com ela, exigindo que não viesse com as canelas russas, "Não tem banha na tua

[40] No site LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro -, localizamos informações numéricas sobre as vendas do livro, uma vendagem recorde de cem mil livros vendidos. Só na primeira edição foram trinta mil, e os demais na segunda e terceira edições, além da tradução para treze idiomas.

[41] In Diário de Bitita (2007: p. 09)

[42] http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina_vida.html

> casa?", a pusera de castigo por retardar a volta do banheiro, "Tá com caganeira, fica em casa". (RUFINO, 2009, p. 12)

Uma curiosidade desta escola é que ela era para crianças de baixa renda e funcionava sob a forma de apadrinhamento, ou seja, uma pessoa de condição econômica melhor que a dos alunos, se encarregava de manter uma ou mais crianças dentro da escola; Carolina foi mantida pela patroa de sua mãe, a Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalha de lavadeira[43].

Assim como seus pais migraram para Sacramento atrás de trabalho, a mãe de Carolina arrumou emprego em uma fazenda fora do município, aí começaram as suas itinerâncias, e segundo o próprio Rufino, a consequência foi o abandono da escola: "A mãe arranjou emprego numa fazenda, largou a escola. A vida de cigana começara – Franca, Uberaba, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Sales Oliveira, Orlândia... A mãe ficou pelo caminho" (RUFINO, 2009, p. 13)

Não contrariando a Rufino, apenas complementando um pouco mais seu trabalho, no livro *Diário de Bitita* (2007), existe um capítulo intitulado "A Fazenda", onde a autora afirma o seguinte em relação à mudança de cidade e à saída da escola:

> Um dia apareceu um homem na cidade. Disse que estava procurando uma mulher para viver com ele numa fazenda. Que não era possível para um homem viver numa roça sozinho. Perguntou se minha mãe queria viver com ele. Ela aceitou. (...) Ele foi procurar um fazendeiro, que o aceitasse como colonos. Íamos residir na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba. (...) Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para eu receber meu diploma. O único meio foi resignar-me, porque a decisão materna vence. (JESUS, 2007, p. 157)

A família de Carolina, agora com um novo integrante, seu padrasto José Romualdo, retorna a cidade de Sacramento, depois de um período sem emprego, resolvem voltar para roça, migram do estado de Minas Gerais, indo para o interior de São Paulo, para Ribeirão Preto, esta mudança ainda não foi a definitiva para o estabelecimento da autora na cidade de São Paulo.

Um dado que foi possível recuperar em suas memórias era a ausência de afeto explícito entre seu núcleo familiar, a única pessoa com quem de fato existia uma afetividade explícita era com o avô materno, pois a hostilidade dava o tom no tratamento entre os parentes, principalmente pelo fato de Carolina ser filha bastarda e ter convivido durante boa parte de sua adolescência portando feridas pelas pernas, o que segundo a própria autora deixava sua aparência horrível e seus parentes acabavam a repelindo por conta disto.

A consciência racial em Carolina Maria de Jesus emana durante toda a narrativa, não só por seus posicionamentos frente às questões diárias de enfrentamento ao racismo, assim

[43] http://www.letras.ufmg.br/literafro/frame.htm

como isso se reflete em sua obra, com uma crítica às situações dos negros brasileiros presentes em seu livro *Diário de Bitita*: "Na Europa corria boato de que o negro do Brasil, por ter sido escravo, trabalhava de graça em troca de pinga e comida" (JESUS, 2007, p. 197).

3.6.2 São Paulo

> Quando eu recuperar a saúde,
> quero conhecer a cidade de São Paulo.
> Quero ver a cidade sucursal do céu.
>
> *(Carolina Maria de Jesus)*

A chegada de Carolina a São Paulo para ajudar a sua patroa foi o passaporte para sua permanência na cidade e sua instalação na Favela de Canindé, depois de sair do emprego que a levou para esta cidade; de doméstica, começou a catar papel e outros utensílios que pudessem ser vendidos. O seu cotidiano dentro desta favela na Zona Norte de São Paulo passou a ser retratado, e seu caderno se tornou uma ferramenta de denúncia de governantes, moradores indisciplinados, angústia materna pela precariedade para sustentar sua família, e um retrato fiel de seus dois filhos, retratados com muita humanização e afeto por esta mulher.

No final dos anos cinquenta, o jornalista Audálio Dantas se aproximou das imediações da Favela de Canindé e acabou conhecendo Carolina, que em pouco tempo apresentou seus inúmeros cadernos, deixando o jornalista impressionado pela quantidade de memórias que ela já havia escrito. E na contramão do cenário cultural e político do país, que nos anos que antecediam ao golpe militar já minimizavam as manifestações antirracismo no país, levando o debate para o campo das lutas de classe, supostamente a única vilã das desigualdades no país. Audálio conseguiu publicar em 1960, pela editora Franscisco Alves, *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. O livro publicado obteve as reações contraditórias de um grupo da academia, contrário àquele "português" que estava ali sendo difundido, assim como à rotina de uma mulher pobre de comunidade, mas a contrarresposta a este grupo foi o fato de *Quarto de Despejo* ter sido a obra mais traduzida da década 60 do país, em mais de 13 idiomas.

Um outro dado importante, foram os debates entre o movimento negro da Cidade de São Paulo e Carolina Maria de Jesus, que contrariando a alva literatura brasileira que insiste em representar as mulheres negras sem prole, Carolina foi eleita pela publicação Niger, uma publicação a serviço da coletividade negra, como a mãe do Brasil, por seu sucesso em Quarto de Despejo:

> *Carolina Maria de Jesus é a expressiva figura, por nós escolhida, para simbolizar a homenagem que hoje rendemos à "Mãe Negra"*, num ato de nosso civismo, pelo transcurso da data de 28 de setembro, e do 89 º aniversário da Lei do Ventre Livre.[...]*A nossa homenageada – a "Mãe Negra"* - é uma imagem emotiva que vive em nossa recordação, e por isso mesmo não podemos jamais olvidá-la pelos feitos que no passado ela concretizou[...] *deu ao Brasil suas melhores tradições e soube encher os velhos solares das famílias de tantas ternuras e poesias*[...] *Carolina Maria de Jesus é uma contradição histórica de tudo isso. Ela vem malsinada, tal qual uma sombra errante, do submundo da sociedade moderna, para contar uma história, a sua história, que galvanizou os sentidos de toda opinião pública, pelas suas revelações estarrecedoras*. [...] *O diário da favelada Carolina é um depoimento* que não só retrata, em seu triste conteúdo, as nossas mazelas sociais do momento, como *remontam*[sic] *aos erros políticos – em matéria de justiça social – desde o alvorecer da República*.[...] Pelo menos para nós esse livro foi mais que isso [sucesso de vendas], porque nele encontramos uma advertência fora do comum[...]*O significado dessa advertência tem suas ressonância nos fundamentos daqueles pontos básicos que são a razão de ser dos anseios de nossa luta*[...](SILVA, 2011, p. 191)

Depois da euforia da primeira publicação, outras também ocorreram, mas quase como uma sina, assim como Zora Neale Hurston, Carolina Maria de Jesus caiu em um ostracismo não só editorial como acadêmico, pois ainda não foi de fato estudada e analisada levando em conta o teor de sua produção, e o sucesso comercial atingido com seu primeiro livro. A escritora morre aos 62 anos, no dia 13 de fevereiro de 1977, já distante dos holofotes da mídia.

3.7 Conceição Evaristo[44]

Escrevo. Deponho.
Um depoimento em que as imagens se confundem,
um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte.
E como a escrita e o viver se con(fundem),
sigo eu nessa escrevivência

(Conceição Evaristo)

3.7.1 Tempo da memória de Conceição Evaristo

[44] Esta análise usou como fonte principal das informações biográficas de Conceição Evaristo, dois depoimentos, o primeiro: "Conceição Evaristo por Conceição Evaristo", depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Texto publicado no Portal Literafro da UFMG. Texto publicado em *Escritoras Mineiras – Poesia, ficção, memória* de Constância Lima Duarte (Org.), Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2010; e o segundo texto foi apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005, publicado no livro **Representações Performáticas Brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces, de Marcos Antônio Alexandre (Org.), Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007.

Autora de dois romances, uma antologia poética, vários contos e poemas publicados na antologia Cadernos Negros, além de inúmeros ensaios sobre a condição das mulheres negras e a literatura nacional, a mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte. Oriunda de uma família numerosa, ao todo nove irmãos, divididos em quatro mulheres, incluindo Conceição, somente por parte de mãe, Dona Joana Josefina Evaristo, e seu pai, que pela pouca proximidade de nossa pesquisada com o próprio, seu nome não foi revelado nas fontes pesquisadas. Já da união de sua mãe com seu padrasto Aníbal Vitorino, mais cinco irmãos nasceram. Até o momento de elaboração desta análise, seus pais estão vivos, sua mãe, que foi lavadeira, hoje se encontra com 85 anos e seu padrasto, que foi pedreiro, hoje tem 86 anos, contrariando aos que não acreditam na longevidade de relações afetivas construídas no interior de famílias negras, o casal vive feliz.

Também fazia parte deste núcleo familiar estendido, Tio Totó e sua esposa Tia Maria Filomena, irmã da mãe de Conceição, como não tiveram filhos, passaram a cuidar de nossa autora desde os sete anos, ajudando a irmã com menos uma despesa em casa. Esta mudança para a casa dos parentes já causou uma mudança significativa na vida de Conceição que foi a possibilidade de estudar, o que não foi acessível a todos os irmãos que ficaram junto a seus pais.

Não podemos deixar de tocar no tema da precariedade das condições de vida da família de Conceição, o que se revelou no ingresso ao mercado de trabalho informal aos oito anos de idade, entre idas e vindas às casas de várias patroas e a sua função de tomadora de conta de crianças, já dava indícios de sua capacidade de negociar, pois a escola era também um lugar importante em sua vida, por isso a negociação em nome deste bem maior também aconteceu: “Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos” (EVARISTO, 2009, p. 2).

O espaço escolar na vida de Conceição Evaristo foi um terreno fértil de descobertas, de enfrentamento e negociações, a começar pela postura de sua mãe que optou por uma escola longe de casa, na tentativa de conseguir garantir um ensino melhor que o oferecido aos bairros populares:

> Em minha casa, todos nós estudamos em escolas públicas. Minha mãe sempre cuidadosa e desejosa que aprendêssemos a ler, nos matriculou no Jardim de Infância Bueno Brandão e no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, duas escolas públicas que atendiam a uma clientela basicamente da classe alta belorizontina. Ela optou por nos colocar nessas escolas, distantes de nossa moradia, embora houvesse outras mais perto, porque já naquela época, as escolas situadas nas zonas vizinhas às comunidades pobres ofereciam um ensino diferenciado para pior. (EVARISTO, 2009, p. 1)

Na verdade, é uma atitude visionária se pensarmos no tratamento dado atualmente a muitas escolas públicas em áreas consideradas de risco em nosso país.

O espaço escolar, no entanto, foi revelador para que a percepção da sua condição de criança negra viesse à tona, seja na disposição escolar em que alunos eram "classificados" de acordo com suas competências e os considerados não brilhantes deslocados para o porão, assim como os promissores nos primeiros andares da escola, o que despertava em nossa autora, e em outras crianças, um desejo angustiante de mudar de lugar, como ela bem explicita em seu depoimento:

> Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um "apartaid" escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. (EVARISTO, 2009, p. 2)

Conceição faz uma analogia às disposições espaciais dentro da escola ao navio negreiro, onde os negros eram colocados no fundo, com pouco contato com a parte superior do navio, porém o que a autora levanta como crise no sistema educacional da década cinquenta, se perpetua nos dias de hoje como um forte elemento para a evasão escolar, como bem sinaliza Eliane Cavalleiro:

> Aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os(as) alunos(as) negros(as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles(as) da escola, ou ainda, para os(as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial. Como conseqüência, a população negra apresenta os piores indicadores educacionais nas taxas de analfabetismo. (CAVALLEIRO, 2005, p. 69)

3.7.2 Chegada da Consciência Racial...

Impressionava-me desde pequena essa *cor parda.*
Como seria essa tonalidade que me pertencia?
Eu não atinava qual seria.
Sabia sim, sempre soube que sou negra.

(Conceição Evaristo)

Em um conto intitulado "Incidente na raiz", Cuti, uma de nossas vozes mais importantes na literatura negro-brasileira da atualidade, chama atenção para o mesmo tema que abre a epígrafe deste tópico, a questão identitária para a população negra brasileira, que é

(des)construída no documento mais importante de registro civil do país que é a certidão de nascimento: "...Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório..." (CUTI, 1996, p. 118).

Para Conceição Evaristo, assim como a personagem criada por Cuti, o cartório teve a tarefa de definir o pertencimento étnico das duas, ao contrário da personagem idealizada por Cuti, nossa autora desde a infância já tinha um estranhamento frente àquela identidade que não lhe pertencia. Se a certidão de nascimento foi seu primeiro desconforto frente às armadilhas do racismo brasileiro, foi no interior de sua família, na figura de seu tio Osvaldo, que suas primeiras lições de negritude aconteceram:

> Durante toda a primeira infância, até ali por volta dos 10 ou 11 anos, morou conosco, em um quartinho à parte, um tio materno, Osvaldo Catarino Evaristo. Esse meu tio havia servido à pátria, lutado na Itália, na Segunda Guerra Mundial. Ao retornar ao Brasil, lhe foi oferecido um cargo de servente na Secretaria de Educação. Ao longo dos anos ele estudou, desenvolvendo seus dons de poeta, desenhista e artista plástico. E, mais do que isto, foi sempre um consciente questionador da situação do negro brasileiro. Repito sempre que a ele devo as minhas primeiras lições de negritude. (EVARISTO, s/ano, p. 3)

Esta imagem de um parente que se torna referência se materializa como um símbolo, por isso recorremos à Ecleia Bosi, para exemplificar a questão: "Há episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude símbolo" (BOSI, 1998, p. 424).

E não é um ato difícil de se visualizar, pois em famílias negras também existe um silenciamento frente ao racismo, quando ainda bem cedo é possível ser despertado por esta consciência, e ainda mais vinda de um membro familiar de confiança, são lembranças que ficam gravadas para sempre na memória.

3.7.3 Literária

A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras.
Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava,
os vizinhos e amigos contavam.
Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre.

(Conceição Evaristo)

Nos depoimentos de Conceição, já analisados acima sobre a escola, fica evidente que a autora (re)significou aquele espaço de hostilidade, tentando tirar dele o melhor que pode, apesar das idas e vindas, durante o curso ginasial. Nunca foi projetado abandonar este

universo e foi a partir daí que os primeiros passos da escritora foram dados, segundo a própria. Ganhou o primeiro concurso literário em 1958 com a redação “Porque me orgulho de ser brasileira?”, segundo a autora foi consenso entre os professores a qualidade da redação, mas o prêmio, a uma aluna negra, dividiu o corpo docente do colégio. Foi por meio das redações que Conceição conseguiu uma vez mais subverter a lógica excludente da escola, ao sugerir para alunos de baixa renda temas como “Onde passei as minhas férias”, “Um passeio à fazenda do meu tio” ou ainda “A festa de meu aniversário”, que segundo a autora, ela resolvia as demandas escolares ficcionalizando-as, a única forma possível de viver os sonhos.

A conclusão de seus estudos não foi de forma ininterrupta. Durante o período ginasial, principalmente, tiveram algumas idas e vindas, mas de posse do diploma de conclusão do curso normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, no ano de 1971, Conceição Evaristo observava todo o processo de remodelação em que a cidade de Belo Horizonte passava, o que fez com que a população de baixa renda que morava em favelas no centro da cidade fosse deslocada para periferia, trazendo um período de dificuldades ainda maior para sua família e outras na mesma condição naquele período. O ano de 1973 foi marcante, pois a falta de oportunidade de trabalho como professora fez com que Conceição aceitasse o apoio de amigos, e conseguiu migrar para o Rio de Janeiro para tentar melhores oportunidades de trabalho, e ela conseguiu.

Aqui foi professora da Rede Municipal, atualmente aposentada de suas funções, e foi funcionária por alguns anos do Centro Cultural Municipal José Bonifácio, instituição de referência da cultura negra na cidade do Rio de Janeiro. Sobre sua trajetória acadêmica, formou-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Português/Literatura em 1996, defendeu seu mestrado pela PUC-Rio com a dissertação intitulada *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade(1996),* e no dia 13 de maio de 2011 defendeu tese de doutorado pela Universidade Federal Fluminense, intitulada *Poemas Malungos - Cânticos Irmãos: uma análise comparativa entre os textos dos poetas: Nei Lopes, Edmilson Almeida Pereira e Agostinho Neto.* Além de seus trabalhos acadêmicos, é importante ressaltar os inúmeros artigos produzidos por Conceição e um conceito criado por ela já amplamente utilizado em pesquisas acadêmicas que têm a literatura negro-brasileira como tema: é a vivência cotidiana, assim definida como *escrevivência.*

No início dos anos 80, os vários grupos do movimento negro reunidos em torno de distintos temas que mexiam diretamente com as questões políticas e culturais estavam em ebulição, com diferentes ações em vários estados brasileiros, e na cidade de São Paulo, desde 1978 escritores(as) negros(as) já se reuniam exercendo suas militâncias poeticamente,

publicando a antologia *Cadernos Negros* e este grupo foi a grande porta de entrada de Conceição Evaristo para o meio literário. Sua estreia aconteceu no número 13 da série com o poema *Vozes-mulheres:*

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo de trouxas
roupagens sujas de brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(Conceição Evaristo In: Cadernos Negros nº15, p.32-33)[45].

Sobre sua trajetória literária, a Professora Maria Aparecida Andrade Salgueiro[46], em um dos trabalhos pioneiros publicados sobre Conceição, afirma:

> A obra literária de Conceição Evaristo, dividida entre poemas e contos publicados, além de um romance inédito, narra sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui. (SALGUEIRO, 2004, p. 121)

Atualmente Conceição Evaristo se converteu em uma das vozes mais importantes do cenário literário negro-brasileiro. Além de seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* (2004), publicou também *Becos da Memória* (2006), *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), que foi indicado ao Prêmio Portugal Telecom, ficando entre os 50 finalistas. Além de sua trajetória nacional como intelectual de referência nas questões étnico-raciais, de gênero e principalmente literárias. Conceição Evaristo hoje é uma voz que reverbera de forma constante no cenário internacional, inclusive tendo o seu romance *Ponciá Vicêncio* traduzido

[45] Duarte, Eduardo de Assis. In *Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo* (2007).
[46] No momento de publicação do livro *Escritoras Negras Contemporâneas: Estudos de Narrativas –Estados Unidos Brasil*(2004), Conceição Evaristo havia publicado somente *Ponciá Vicêncio*(2004).

para o inglês, com o mesmo título saiu pela editora *Host Publications*, primeira edição em 2007, e constrói a cada dia o definitivo e respeitoso lugar que as mulheres negras escritoras brasileiras merecem estar e brinda a literatura negro-brasileira com a singularidade de uma produção que a cada dia (re)significa o fazer literário nacional.

3.7.4 Fechando o círculo

> Uma série de fatos tem interligado e entrelaçado a vida individual, direta ou indiretamente, ao significado de experiências coletivas em diversos lugares do planeta, e seus efeitos têm causado impacto profundo na percepção de nosso pertencimento a uma comunidade humana.
>
> *(Rita Terezinha Schmidt)*

Indiscutivelmente o elemento escolaridade é a grande ferramenta transformadora na vida destas mulheres, (in)conscientemente o que foi possível observar é que a saída da escola, ou a retirada por parte de algum parente, se configurou em uma violência simbólica na vida das três mulheres, exceto o caso de Maya Angelou, que além das lembranças da convivência hostil, fruto da segregação racial que vivia em sua cidade, ainda conviveu com a dolorosa experiência da violência sexual na infância.

O espaço escolar para as escritoras afro-brasileiras foi um espaço de (re)significação de sentidos, pois a possibilidade de criar um cotidiano desejado fez com que Conceição Evaristo, em inocentes redações escolares, partisse para a ficção:

> Na escola eu adorava redações do tipo: “Onde passei as minhas férias”, ou ainda, “Um passeio à fazenda do meu tio”, como também, “A festa de meu aniversário”. A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos. Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém freava os meus desejos. (EVARISTO, p. 3)

Este fio tecido ainda na infância a levou a ocupar um lugar de destaque dentro da literatura negro-brasileira e a projetasse, assim como Carolina Maria de Jesus, o nome do país e sua literatura no exterior.

Um dado importante a se comparar é o grau de escolaridade das autoras afro-americanas, mesmo no início de carreira, a questão educacional não foi um bem (i)material que a qualquer momento poderia ser suprimido, ele sempre esteve presente.

Outro fator é a questão do ativismo, que ocupava um papel determinante na vida destas mulheres. Impulsionadas por suas atividades, elas têm participação ativa nos diferentes momentos em relação aos direitos civis dos negros norte-americanos.

Assim como Zora Neale Hurston, Carolina Maria de Jesus também experimentou o ostracismo e o silêncio em sua velhice. Já Maya Angelou, assim como Conceição Evaristo, atualmente vivem tempos áureos em suas carreiras literárias.

Já Carolina Maria de Jesus, a pouca permanência na escola por causa das condições de vida que tinha, foi transformadora de sua trajetória pessoal, pois a condição de jovem negra alfabetizada e boa leitora foi válida frente à negociação de alguns empregos e seu posicionamento perante a vida, o que nos remete a um poema de outra poetisa negra brasileira, Crisitane Sobral:

> Não vou mais lavar os pratos.
> Nem limpar a poeira dos móveis.
> Sinto muito.
> Comecei a ler.
> Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi.
> Não levo mais o lixo para a lixeira.
> Nem arrumo mais a bagunça das folhas no quintal.
> Sinto muito.

4 ENFIM O AMOR

> Amor. Tão pequena, esta palavra. Palavra bela, preciosa. Sentimento forte e inacessível. Quatro letras apenas, gerando todos os sentimentos do mundo. As mulheres falam de amor. Os homens falam de amor. Amor que se vai, amor que vem, que foge, que se esconde, que se procura, que se encontra, que se preza, que se despreza, que causa ódios e acende guerras sem fim. No amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar. Depor as armas e aceitar a solidão. Escrever poemas e cantar ao vento para espantar as mágoas. O amor é fugaz como a gota de água na palma da mão.
>
> Paulina Chiziane

4.1 O tema do amor

O amor romântico, da maneira como conhecemos, integra a cultura ocidental. Cada sociedade, a sua maneira, lida com este sentimento, dinâmico, pois o que era considerado amor em outros tempos, pelas mais distintas mudanças, culturais, e sociais, reflete diretamente no indivíduo e influencia também a sua percepção frente a este sentimento.

Na literatura ocidental, o tema do amor e do desamor é um ingrediente quase que básico de preparo de todas as narrativas. Na música, igualmente, é tema de várias composições, mas esta ideia de amor, que conhecemos na atualidade, tem sua origem nos trovadores europeus:

> Na literatura ocidental, o tema do amor se inicia com os trovadores do sul da França (região de Langue D'oc), que influenciam as cantigas de amor galego-portuguesas. Nessas cantigas, vamos encontrar o amor cortês, que tem como condição a renúncia ao objeto amado. Amar se torna sinônimo de sofrer e de amor impossível. Estamos diante de uma estrutura de amor radicalmente diferente do sentimento da paixão. (FERREIRA, 2008, p. 2)

O tema do amor, mais especificamente as escolhas afetivas de mulheres negras, foram os responsáveis por todo o desejo de construção desta tese. É impossível dizer que a motivação não foi o amor romântico, a busca do "par perfeito", e "por toda a minha vida", aqui fazendo menção a uma estrofe da música *Eu sei que vou te amar*, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim. As questões norteadoras do nosso olhar foram: Escritoras negras tratam do tema do amor em suas obras? Que tipo de amor aparece em suas narrativas, amor entre parentes, paixão? Existe a possibilidade de se viver uma relação amorosa em sua plenitude em narrativas de mulheres negras? A percepção da condição de mulheres negras e a (im)possibilidade de se constituir uma relação afetiva aparecem em seus textos? Na verdade,

a gama de perguntas ainda segue, tentar respondê-las, tendo como base as narrativas escolhidas, se configurou em etapa reveladora da pesquisa.

Seguiremos o mesmo caminho dos capítulos anteriores, cruzando, contrastando, (re)criando a partir dos dois universos diásporicos escolhidos: Brasil e Estados Unidos da América. Vamos contrastar como as autoras escolhidas para esta análise e tentar compreender como respondem as perguntas citadas acima. Para tanto, os fragmentos das vozes destas mulheres serão nossas principais interlocuções, pois, como veremos a seguir, existe um vácuo em termos de crítica literária que aborde esta especificidade nas pesquisas realizadas em nosso país. Então, o aporte será entre as vozes destas mulheres e outros textos de escritoras negras. Com isto, foi possível identificar o tema do amor em outras obras, diferentes das selecionadas de feministas negras que trabalham com esta questão. Este será o momento de deixar as autoras falarem!

4.2 Amor e Erotização: os descaminhos de Eros

Durante todo o processo de leituras que compuseram este capítulo, foi possível observar a ausência de trabalho com foco no amor, na afetividade de mulheres negras. Na prática, encontramos razoável número de trabalhos críticos à representação da mulher negra na literatura brasileira e, neste caso específico, o que está em jogo é a sexualidade, e não o afeto, portanto, contrário ao objetivo desta tese Observa-se que é o resultado de anos de produção acadêmica elaborada por pesquisadores do sexo masculino, brancos, cuja percepção sobre essas mulheres pode ser verificada nos trabalhos, como afirma Maria Consuelo Cunha Campos:

> A representação hegemônica da mulher negra na literatura brasileira, ao longo da história, resultou, como sabemos, de construções de escritores brancos: integrou uma tripartição de funções socialmente atribuídas a mulheres brancas, mulatas e negras, elaborada pelo imaginário masculino eurodescendente. Centrada nos interesses do projeto de hegemonia deste segmento, via patriarcalismo, não apenas nas relações entre os gêneros, mas também nas econômicas, de dependência da mulher ao homem, e políticas, de marginalização dela da esfera pública e, sobretudo, do poder (CAMPOS: s/ano, p. 1).

Maria Consuelo enfatiza que as representações apresentadas são movidas pela polaridade socioeconomica entre mulheres brancas e negras no imaginário de homens brancos. Neste sentido, dentro da literatura há uma avalanche de trabalhos cujo enfoque recai no corpo da mulher negra, a erotização exacerbada e a coisificação tanto na condição de

trabalhadoras como no tocante à própria sexualidade, como revela Eduardo de Assis Duarte temos uma avalanche de trabalhos concentrados:

> Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. "Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar": assim a *doxa* patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. (...) Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência. (DUARTE, 2009, p. 6)

Recuperando um dos últimos pontos da reflexão de Duarte, um traço marcante na representação das mulheres negras na literatura brasileira é a ausência de prole. Esta pseudoesterilidade, na verdade, aponta para um projeto de nação que quer se ver branco, ou seja, o espaço destinado a mulheres negras está cravado na condição de servir fisicamente, seja através do trabalho ou do prazer, mas é importante afirmar que em nenhuma destas funções se cria vínculos nem de trabalho e muito menos laços afetivos.

Em uma análise nas produções, e entendendo que outros diálogos foram necessários de serem construídos, encontramos o cuidadoso trabalho da historiadora Mary Del Priore, *O amor no Brasil* (2005). Nele, a autora constrói a trajetória deste sentimento, no âmbito da história privada, desde o Brasil Colônia, chegando ao século XX com temas atuais, desde crimes passionais até chegar no amor entre iguais. O que nos chamou a atenção foi o capítulo dedicado ao século XIX, cujo sub-capítulo intitulado *amores escravos e amores mestiços* apresenta questões relacionadas à situação de homens e mulheres negros no século XIX. Imaginamos que por escassez de fonte, a questão do afeto e do amor não aparece. A pesquisa enfoca/aborda as questões de (im) possibilidades matrimonias, traço comum em boa parte da obra, do que propriamente o sentimento afetivo, e no caso do nosso foco de análise, além da erotização do corpo da mulher negra, ele aparece nesta obra pela via do concubinato:

> A presença da escravidão e da mestiçagem trouxe muitos reflexos para as relações afetivas. No Brasil, a fidelidade do marido não apenas era considerada utópica, segundo os viajantes, mas até ridicularizada. E a manutenção de amantes — a julgar pela marquesa de Santos, exemplo vindo de cima — um verdadeiro segredo de polichinelo. Tal vida não se tornava, no dizer de um desses cronistas, "uma ignomínia para um homem, em vez disso era como a ordem natural das coisas". Eram comuns, particularmente no interior do Brasil, famílias constituídas por um homem branco cuja companheira — mais ou menos permanente, segundo o caso — era uma escrava ou uma mestiça.(...) (DEL PRIORE...)

Na verdade, a autora se restringe mais à questão do concubinato, deixando pistas de que pensar afeto neste período no Brasil era uma impossibilidade. Pelo contrário. O que se via

era o desejo pelo “contrato social do matrimônio”, mesmo que pela via de suportar o concubinato, acompanhado pela ilusão, da estabilidade para ambos, homens e mulheres. Neste sentido, fazemos referência na literatura com o clássico *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo:

> Ele propôs–lhes morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua (...) Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada já estava na faina de todos os dias (AZEVEDO, 1998. p. 16).

O que este fragmento também revela, na visão de Aluísio Azevedo, é a questão do concubinato, para além do prazer ou da pseudoestabilidade que estas relações efêmeras poderiam oferecer, mas uma possibilidade de ascensão social para mulheres negras. Este fato ainda é um debate recorrente na contemporaneidade que pesa sobre os relacionamentos interraciais no país. Carolina Maria de Jesus, em *Diário de Bitita*, vai direto ao ponto:

> Os homens que trabalhavam na cidade tinham inveja dos camponeses que recebiam todos os sábados cinqüenta e quatro mil-réis. E eles tinham dinheiro para gastar com a família e com as meretrizes. E como ficavam contentes porque podiam ter duas mulheres(...) Cada um pegava sua enxada. Trabalhavam comentando:
> - Eu dormi com uma mulher branca.
> O outro dizia:
> - eu dormi com uma pretinha, e dei cinco mil-réis para ela.
> - Eu dei dez para a branca.
> - Que tal é a mulher branca?
> - Que tal é a mulher negra?
> E cada um dava sua opinião.
> - Eu sempre falei que não haveria de morrer sem conhecer uma mulher branca.
> - Você vê como é que o mundo já está melhorando; nós os negros já podemos dormir com as mulheres brancas. É a nossa igualdade que já esta chegando. (JESUS, 2007, p. 51)

Na verdade, este ponto que Carolina tratou com muita propriedade, fundamenta e ainda se mantém entre uma parcela da sociedade que vê a atração sexual interracial como um passaporte para a conversão em atitudes não preconceituosas ou discriminatórias. Passados alguns anos da publicação de Carolina, a poetisa Elisa Lucinda traz esse tema para dentro de um seus poemas mais conhecidos, *Mulata Exportação*:

> “Mas que nega linda
> E de olho verde ainda
> Olho de veneno e açúcar!
> Vem nega, vem ser minha desculpa
> Vem que aqui dentro ainda te cabe
> Vem ser meu álibi, minha bela conduta
> Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
> (Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
> Minha tonteira minha história contundida
> Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
> Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaoquê;
> Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
> Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
> Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
> Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
> Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”
> Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
> Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”

E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
nada disso se cura trepando com uma escura!”
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembras da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história
Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
não é comer uma mulata!

(Da série “Brasil, meu espartilho”)

O diferencial da abordagem que optamos realizar é a da saída de campo, já um tanto trabalhado academicamente, da erotização, buscando enveredar pelo tema do afeto, pois para a própria psicanálise, amor é um dado e desejo sexual, outro:

> Amar coloca em cena o desejo relacionado à falta e não ao sexo. Nesse sentido, amor e desejo sexual são diferentes, o que não significa que sejam excludentes. Nada impede que um objeto seja amado e cobiçado sexualmente. Quando se ama, o que está em jogo é a suposição de um ser – riqueza interior – no outro. Quando se deseja sexualmente, o que entra em cena é o outro capturado como objeto. (FERREIRA, 2004, p. 11)

Partindo da contribuição acima, entendemos que o diálogo com a psicanálise nos ajudará a entender um pouco mais o tema do amor, pois como estaremos lidando com a questão das emoções, invariavelmente precisaremos de apoio teórico para nos ajudar com as múltiplas facetas da subjetividade das personagens elaboradas por estas autoras.

Neste sentido, vamos tentar captar nas narrativas a ideia de desejo construindo relações afetivas. O sentimento do amor sendo a emoção responsável pelas (im)possibilidades de se ter um par, cuja prioridade é o desejo que não está localizado no carnal, no âmbito físico das protagonistas, mas nas suas subjetividades nas suas emoções.

4.3 Falando de amor

O amor quando acontece
a gente esquece loqo
que sofreu um dia, esquece sim....

(João Bosco)

Na visão ocidental sobre o amor encontramos conceitos que ajudam a definir este sentimento recoberto de várias nuances. A filósofa Maria de Lourdes Borges aponta três definições de amor:

> Segundo Spoville, há três formas de amor: o amor/eros, o amor/philia e o amor/caritas. O amor/eros é aquele tematizado no Banquete de Platão e que permeia igualmente o amor romântico. Esse tipo de amor é caracterizado pelo desejo, não necessariamente o desejo carnal, mas o desejo do que falta. É o desejo de ser reunir à sua metade perdida e se fundir com ela, formando um todo. Como essa fusão absoluta é impossível ou fugaz o amor/eros é carência, sofrimento, obsessão da busca daquilo que completa. Não raro, Eros está ligado à morte. Assim o é nos relatos românticos de Tristão e Isolda, Romeu e Julieta. (...) Segundo tipo de amor é o amor amizade, explorado por Aristóteles na Ética a Nicômoco. O amor/philia implica um desejo de partilhas a companhia do outro, seja pelo prazer, pelo útil ou pela virtude. Esse último seria sua forma mais completa, definida por Aristóteles como amizade entre os bons e virtuosos, que implica querer o bem do outro e ter prazer em sua companhia.(...) O terceiro tipo de amor é a ágape ou *caritas*, mais próxima à *philia* do que a eros. É um amor de benevolência, porém não por uma pessoa em particular, mas por toda a humanidade. Esse amor leva à caridade desinteressada, fortemente incitada pelos discursos humanistas ou religiosos. O mandamento cristão de amar ao próximo como a si mesmo é um exemplo desse tipo de amor. (BORGES, 2004, p. 9)

Partindo da premissa filosófica do que é amor, nos interessa pensar as relações afetivas no interior das narrativas a partir da ideia de amor/*eros*, ou seja, como se idealiza a possibilidade de construir uma vida a dois, com seu parceiro(a) encontrar a sua metade, a ideia de completude a partir do sentimento.

Já para a psicanalista e professora de literatura portuguesa, Nadiá P. Ferreira, quando o assunto é o amor, entra em cena dois lugares, sujeito (amante) e objeto (amado):

> Amar coloca em cena dois lugares: sujeito (amante) e objeto (amado). Aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é ocupa o lugar de amante. Aquele que, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa o lugar de amado. O paradoxo do amor reside no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem. O que falta? O objeto do desejo. Se ele existisse, aqueles que tivessem a sorte de achá-lo teriam encontrado o verdadeiro amor. (...) Sem dúvida, essa versão irá influenciar diretamente os mitos do amor que giram em torno de um: amor é procura do todo, amor é sinônimo de se unir e de se confundir com o amado. Essa esperança atravessou milênios e permanece, até hoje, na idealização do objeto de amor como alma gêmea. Dizer que não haja uma infinidade de objetos que causam é desejo. Mas nenhum desses objetos é Aquele, que se existisse – ah!, se ele existisse.... – conduziria à felicidade. Então nada, absolutamente nada faltaria. Mas como esse desejo não há, o desejo não pode ser realizado. Assim o destino do homem é ser desejante e amar na lógica do não todo. (FERREIRA, 2004, p. 15)

Tendo como ponto de partida a reflexão sobre o amor com conceitos da filosofia e da psicanálise, se faz necessário situar um campo fundamental. Ressaltamos que nenhuma das ciências citadas levou em conta algo que é transformador para o próprio conceito territorial

que estamos trabalhando: o de negros na diáspora. Isto é, a experiência da escravidão é fator determinante para moldar as relações afetivas de homens e mulheres na diáspora africana. Até o momento de elaboração dessa investigação não foi possível localizar trabalho que tivesse como estudo de caso a questão afetiva dentro do continente africano. Muito embora existam inúmeros trabalhos de feministas negras norte-americanas, da experiência afetiva no cativeiro, e o impacto disto em homens e mulheres negras, no Brasil podemos citar os trabalhos dos historiadores Robert Slens da Unicamp, *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil sudeste, século XIX*(1999), *Paz nas senzalas do historiador* Manolo Florentino (1997), entre outros poucos.

Apesar dos obstáculos que encontramos para identificar obras teóricas sobre a questão da percepção do amor em algum ponto do continente africano, existem vários trabalhos sobre o tema no pós-abolição entre teóricas(os) afro-americanas(os), como as obras das feministas negras bell hooks e Patricia Hill Collins. Apesar de terem extensa produção, ainda não temos seus livros traduzidos na íntegra, e apenas de bell hooks encontramos alguns artigos esparsos.

E foi precisamente um de seus artigos publicados no Brasil, "Vivendo de amor", inserido no livro *Saúde da Mulher Negra*: *nosso passos vêm de longe(2002)*, que tem como uma das organizadoras a feminista negra Jurema Werneck, que neste texto ao lado das narrativas literárias slecionadas foram os grandes responsáveis de gerar toda a reflexão que gostaríamos de estabelecer dentro desta tese. Portanto, ao longo deste capítulo teremos um diálogo estreito com bell hooks e seus trabalhos.

4.4 O amor na perspectiva da afrocentricidade

O medo do determinismo sempre ronda as pesquisas com temática racial e esta pesquisa não está isenta disto. No entanto, faz-se necessário a análise da experiência dos vários anos do tráfico de africanos escravizados para as Américas como fator determinante no momento de viver a afetividade, já que a animalização e a coisificação, trouxe para o subjetividade deste contingente populacional a descrença no amor, como bem refletiu bell hooks:

> O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento

> de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (hooks, 2002, p. 1)

Optamos neste capítulo, em um primeiro momento, por fontes que tivessem como matriz a orientação sobre o que significa o Afrocentrismo. Esta escolha foi baseada na necessidade de aproximação com fontes que tivessem a dimensão das subjetividades da população negra e dos impactos do tráfico transatlântico em seu interior. Por meio destas reflexões pudemos estreitar um pouco mais nosso diálogo com nosso objeto de análise. Para tanto, recorremos a Nei Lopes em primeira instância para uma aproximação ao conceito de *Afrocentrismo* que queremos trabalhar. Para o autor é “um movimento que usa a pesquisa científica para construir uma visão de mundo contrária à sedimentada pelo eurocentrismo” (LOPES, 2004, p.38).

Porém, aprofundando um pouco mais sobre a temática, percebemos as limitações em restringir o aparato teórico somente à questão do *Afrocentrismo*. Foi quando tomamos conhecimento sobre a temática da *Afrocentricidade*, que foi sistematizada na década de 80 pelo professor Molefi Kete Asante, do departamento de Estudos Africanos da Universidade de Temple, na Filadélfia. Vamos aos principais princípios da Afrocentricidade:

> A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva, que percebe aos africanos, como sujeitos e agentes, de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural de acordo com os seus próprios interesses humanos. Entre os diversos elementos constitutivos da afrocentricidade, vou sublinhar uma categoria que viabiliza a devida caracterização deste paradigma: Localização! Afrocentricidade consiste em um paradigma, numa proposta epistêmica e também num método que procura encarar quaisquer fenômenos através de uma devida localização, (...) Afrocentricidade é uma questão de localização, pois os povos africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica (...) O que está em jogo é a localização, a posição central que as experiências, perspectivas e referências epistêmicas africanas assumem no interior de qualquer atividade. (SANTOS, 2011, p. 2)

Partindo da reflexão acima, é necessário explicar que para esta análise é fundamental trabalhar com o conceito de localização apontado por Asante. Isto por que para a população negra, o período da escravidão será sempre um determinante, não só em termos de impactos dentro do continente africano, como forjador das relações de subordinação dos(as) negros(as) em toda diáspora africana. Tendo em vista que o fim do sistema escravocrata, que no caso brasileiro durou três séculos, o africano(a), brasileiro(a) negro(a) liberto ficou sem referenciais positivos, e levando-se em conta que o que estava em curso era um processo deliberado de branqueamento, era inclusive um projeto de política de estado na primeira república, nos fornecem elementos para entender historicamente a situação atual de crise de identidade étnica, que uma parcela significativa da população negra vive.

Esta explicação sobre afrocentricidade justifica o uso da bibliografia utilizada para este momento da análise, já que priorizaremos autores(as) que tenham em conta este olhar, esta percepção da realidade da população negra, e mais especificamente sua subjetividade em relação à afetividade como um processo de (des)construção histórica.

4.5 Situando nossas narrativas

Ao longo desta pesquisa os nomes das autoras e suas respectivas narrativas são citados inúmeras vezes, entendemos a necessidade de uma breve introdução em cada uma das obras com o intuito de facilitar a compreensão, situando o contexto das obras, já que nesta etapa mergulharemos na análise das narrativas.

4.5.1 *Ponciá Vicêncio,* de Conceição Evaristo

A protagonista Ponciá Vicêncio leva o nome do romance homônimo, e contado na perspectiva feminina, (re)constrói a trajetória de Ponciá a partir da infância, seus laços familiares, suas descobertas, sua passagem para adolescência, seus sonhos e seus desenganos até a sua vida adulta.

Ao longo da narrativa, as questões identitárias da população negra em um espaço rural pós-abolição, seguido dos laços familiares de (des)afeto são marcantes para o desenvolvimento da trama, que é apoiada em um jogo de memória entre o passado e o presente da protagonista. A autora vai desenhando as suas inúmeras perdas afetivas ao longo da vida de Ponciá, além de todo o contexto socioeconômico de exclusão que empurrou a protagonista no processo de migração para outra cidade em busca de melhoria de vida, ou seja, da própria sobrevivência. Contudo, esta mudança resultou em mais uma subtração, e o resultando deste acúmulo de frustrações foi um grande abalo na estrutura emocional da personagem, chegando ao extremo de se desconectar de si mesma, da vida que levava ao lado do seu marido.

4.5.2 *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus

O livro de Carolina Maria de Jesus pode ser considerado um dos primeiros relatos memorialísticos escritos por uma mulher negra. Organizado em formato de um diário, retrata a condição da população de baixa renda, mais especificamente de uma família negra nos idos de 1960, dentro da Favela do Canidé em São Paulo. *Quarto de Despejo* foi produzido por uma de suas moradoras, Carolina Maria de Jesus, a partir de sua rotina entre os afazeres domésticos e a luta pela sobrevivência para manter seus três filhos. A narração é toda feita em primeira pessoa, com uma grande carga de humanização e afetividade, típica de uma mãe dedicada aos seus filhos, independente da miséria que assolava a família diariamente.

A construção de sua rotina, suas idas e vindas até cidade para catar papel, sua ida às torneiras da comunidade, revelando já naquela época a falta de saneamento nas comunidades, dentre outras dificuldades, fez com que *Quanto de Despejo* convertesse em importante memória do período de modernização e urbanização da Cidade de São Paulo, e de como se deu a retirada da população que ocupava aquela área pelas autoridades locais.

Como uma cronista atenta a seu entorno, aos políticos de São Paulo e aos rumos do país, Carolina denunciava a tudo e a todos em seus cadernos. Com o desejo maior de se tornar escritora, a pouca escolaridade nunca foi impedimento para os seus sonhos, pois depois de publicada sua obra, alcançou o sucesso editorial de 100 mil exemplares, além da tradução para 13 países.

4.5.3 *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus

A obra *Diário de Bitita* é uma obra póstuma de Carolina Maria de Jesus, que faleceu em 1977. Inaugura um feito inédito para uma autora negra brasileira, tendo sido publicado primeiro em Paris, sob o nome de *Journal de Bitita*, em 1982. Depois publicado no Brasil em 1986, quatro anos depois do primeiro lançamento. A primeira edição brasileira foi publicada pela editora Nova Fronteira, e, recentemente, aconteceu um fato interessante: a prefeitura da Cidade de Sacramento, local de nascimento de Carolina, no interior de Minas Gerais, resolveu

fazer uma séria inédita com personagens ilustres de Sacramento, publicando juntamente com a editora Bertolucci, uma casa de publicações local, *Diário de Bititia* (2007).

Carolina, já mais madura como escritora, consegue organizar agora de forma mais linear suas memórias, porém este diário não tem referência cronológica diária, como possui *Quarto de Despejo*. As lembranças da infância, de sua estrutura familiar, de seu período de permanência na escola, a busca de trabalho por parte de sua mãe, migrando por distintas cidades, e sua peregrinação por várias cidades e hospitais em busca de cura para uma série de feridas que possuía nas pernas, até a sua chegada a São Paulo com a sua patroa são alguns dos temas abordados no livro.

Sobre o *Diário de Bitita*, o que se sabe da edição francesa é que a autora entregou sua obra a duas jornalistas francesas que vieram entrevistá-la (MOREIRA, 2009, p. 69), e sobre a edição brasileira, que já citamos anteriormente, saiu primeiramente pela Nova Fronteira. Ao contrário de *Quarto de Despejo*, que tem como proposta ser uma reprodução "fiel" dos cadernos de Carolina, no livro *Diário de Bitita* é perceptível que passou por um processo de revisão e edição do texto antes de sua publicação.

4.5.4 *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, de Maya Angelou

Livro autobiográfico que conta a trajetória de Marguerite Johnson, desde seus cinco anos até os seus 17 anos, todo construído em torno de personagens familiares, principalmente a figura de Baily, seu irmão mais velho e cúmplice para todos os momentos. Com isso, as relações familiares são contadas no decorrer das páginas. Este livro integra uma série de 06 (seis) autobiografias da autora, o volume em questão é o primeiro, e finaliza sua narrativa aos 17 anos, trazendo na bagagem o enfrentamento da segregação racial na década de 50 nos Estados Unidos, assim como o abuso sexual por parte do namorado de sua mãe aos 8 anos de idade, posteriormente sua descoberta da homoafetividade, a gravidez na adolescência e finaliza sua saga com o nascimento de seu filho.

São raros os eventos externos que aparecem na narrativa, a temporalidade também não é o foco, as idades vão avançando, salvo o olhar atento para o aumento da segregação racial em sua cidade no sul dos Estados Unidos e, consequentemente, a presença da Ku Klux Klan.

Apesar das subtrações emocionais e físicas vividas, a narrativa de Maya Angelou é marcada pelos atos de resistência e de superação.

4.5.5 *Seus olhos viam Deus* de Zora Neale Hurston

Considerado por boa parte da crítica literária o livro de cabeceira das feministas norte-americanas, em especial, das ativistas negras. *Seus olhos viam Deus* foi escrito em sete semanas durante uma viagem de campo de Zora Neale Hurston ao Haiti (ROSES; RANDOLPH, 1990, p. 183).

O romance de Zora Neale Hurston gira em torno da protagonista Janie Crawford, sua forma independente de ser, o que causa certo desconforto para os padrões da Flórida da década de 30. A sua busca incansável pelo amor, ao todo foram três relacionamentos, cada um dos parceiros, com suas características particulares, os dois primeiros exigindo muito mais do que tendo para oferecer emocionalmente; já o terceiro, chegou sem muitos alardes e fez com que a protagonista de fato encontrasse o que buscava em termos de paixão e sentimentos intensos por todo o romance. Ou seja, ao longo do romance a protagonista vive distintas formas de amar.

4.6 De que amor você está falando?

Ao longo desta Tese de Doutorado, o tema do amor e do afeto já apareceu em inúmeros contextos, mas este é o momento em que vamos de fato analisar como as autoras selecionadas constroem suas escrevivências sobre o amor dentro de suas obras. Devido à extensão do tema e suas múltiplas representações, vamos elencar inicialmente pontos que sejam comuns dentro das narrativas, e depois observar as particularidades das criações literárias destas autoras.

Ponto comum e (bem interessante) que foi recorrente nas quatro narrativas é a idéia do amor conjugal como um bem maior, uma possibilidade que traz em sua bagagem várias nuances que vamos analisar a seguir.

4.6.1 Amor e escravidão

Durante o período da escravidão o sentimento de amor era um bem precioso e distante da realidade da população africana escravizada nas Américas, tendo em vista a impossibilidade de humanização naquele cenário.

Relatos apontam que amantes no período da escravidão fingiam o não interesse por seu parceiro(a) como estratégia de proteção, pois a identificação de um possível interesse implicava em algum tipo de severa represália, como bem representou Ana Maria Gonçalves em seu romance *Um defeito de Cor*:

> O Lourenço tinha conseguido chorar e, ao perceber isso, o sinhô José Carlos o chamou de marica e perguntou se estava chorando porque também queria se deitar com um macho como o que estava se deitando com a noivinha dele. Foi então que tirou o membro ainda duro de dentro de mim, mesmo já tendo se acabado, chegou perto do Lourenço e foi virando o corpo dele até que ficasse de costas, em uma posição bastante incômoda por causa do colar de ferro. Passou cuspe no membro e possuiu o Lourenço também, sem que ele conseguisse esboçar qualquer reação ou mesmo gritar de dor, pois tinha a garganta apertada pelo colar.
> Eu olhava aquilo e não conseguia acreditar que estava acontecendo de verdade, que o Lourenço, o meu Lourenço, o meu noivo, também tinha as entranhas rasgadas pelo membro do nosso dono, que parecia sentir mais prazer à medida que nos causava dor. (GONÇALVES, 2009, p. 172).

O ato de não demonstrar interesse por nenhum parceiro(a) nem sempre surtia efeito, como podemos analisar no extrato acima, e as consequências eram ainda mais violentas, já os que conseguiram introjectar por anos um sentimento, igualmente também saíram feridos deste processo que durou anos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Uma vez mais temos que recorrer a bell hooks para nos fornecer subsídios para aprofundar nossa compreensão sobre os impactos desta época nas populações negras na diáspora:

> A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros- o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome - fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. Somente em espaços de resistência cultivados com muito cuidado, podiam expressar emoções reprimidas. Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento "seguro" quando seria possível expressar seus sentimentos. Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor nesse contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. De forma geral, era mais fácil para os escravos se envolverem emocionalmente, sabendo que essas relações seriam transitórias. A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver. (HOOKS, 2002, p. 1)

Foi possível observar exatamente o questionamento de bell hooks na obra das autora afro-americanas. Talvez esta percepção desta mutilação emocional já seja mais difundida nos

estudos afro-americanos, o que acaba servindo de importante fonte para subsidiar tanto Maya Angelou como Zora Neale Hurston:

> – Tu sabe, querida que nós preto é galho sem raiz, e isso faz tudo acontecer de um jeito esquisito. Ocê mesma. Eu nasci no tempo da escravidão, e por isso num podia tornar verdade meus sonho do que devia ser e fazer uma mulher. Isso é um dos mal da escravidão. Mas nada impede que ocê queira. Ninguém pode rebaixar tanto uma pessoa com pancada que roube ela da vontade dela. Eu num queria ser usada que nem boi de carga ou porca parideira, e também num queria que milha filha fosse. Num foi por minha vontade que tudo saiu que nem saiu. Eu odiei até o jeito de ocê nascer. Mas mesmo assim dei graças a Deus, tinha outra chance. Eu queria fazer um grande sermão sobre as preta que ta lá no alto, mas num tinha púlpito. A liberdade me encontrou com um bebê nos braço . (HURSTON, 2002, p. 32)

Este depoimento foi feito por Babá, avó da protagonista Janie, na obra de Zora Neale Hurston e é enfática ao afirmar que a escravidão matou o sonho de ser uma mulher plenamente. O contrário do que ela deseja para o futuro da neta, pois nesse novo tempo é possível que ela tente fazer diferente, apesar de todos os castigos físicos recebidos, existe a crença de que a personalidade de uma pessoa não pode ser banida.

4.6.2 Amor conjugal

É necessário explicar que o casamento é uma instituição ocidental, de importância dentro das sociedades, acumulando dupla função, a religiosa através do sacramento, e a social com o contrato de matrimônio. Entendemos que não é por acaso que este desejo ressurja nas narrativas, até porque mesmo considerando todos os avanços das políticas emancipatórias conquistadas pelas feministas, o desejo de controle do corpo, emoções e sexualidades, isso não se traduz no cotidiano das mulheres de baixa renda, como uma mudança real no seu status de cor, e isso foi muito bem ilustrado pela feminista negra e escritora porto-riquenha Mayra Santos-Féberes:

> Muitas feministas pensam que essa história todo mundo sabe. E não é assim. Minha mãe, acho, nunca se interou. Ela, como muitas outras mulheres trabalhadoras e "escuras como um macaco"[47], usou a liberdade que lhe oferecia a pílula para introduzir-se ainda mais no espaço do trabalho, para sair do ciclo da pobreza e, às vezes, quando ficavam velhas as pílulas anticoncepcionais serviam para adubar as plantas. Mas o corpo seguia lhe escorrendo da mão, alheio, distante e ao mesmo tempo prisioneiro. Desfrutá-lo teria sido contrário a ter aspiração social. Para minha mãe, converter-se em uma boa mulher, fazendo-se de caseira, abnegada, delicada era um passo à frente: ver-se a si mesma como mulher, em vez de como burro de carga, empregada, mulher de uso, uma negra. Para mulheres de classes populares, o feminino era um luxo, um privilégio, um acesso a um sistema de valorização exclusivo para as mulheres de classe mais alta. Quando chegou a liberação feminina, minha mãe e muitas outras mulheres como ela tomaram pílula, mas não assumiram a liberação sexual. Primeiro, porque aquilo teria sido abandonar o sonho de converter-se algum dia em uma "senhora". Segundo,

[47] Escura como um macaco se refere ao conto de Clarice Lispector, "Pequena Flor", que a autora analisa em seu artigo, e por diversos momentos no conto Clarice se refere à protagonista como "Escura como um macaco".

> porque para poder gozar do corpo haveria de assumir a responsabilidade e o desafio de conhecer um corpo que lhes traria armadilhas: racial, de classe e social. (SANTOS-FÉBERES, 2010, p. 83)

Quando a autora se refere à possibilidade de converter-se em "senhora", na verdade, ela está apontando para a possibilidade de levar o nome do outro, de ter respeito pelo seu grupo social, além da estabilidade, para tanto, faremos os cruzamentos que já estão estabelecidos ao longo desta pesquisa, mas nossa ambição por ampliar sempre mais o diálogo, estamos trazendo também para ilustrar esta etapa do amor conjugal a escritora moçambicana Paulina Chiziane, pois localizamos em seu romance *Niketche: uma história de poligamia* (2004), ricos depoimentos que complementam ainda mais nosso trabalho, sobre amor conjugal:

> Mas onde anda meu Tony que não vejo desde sexta-feira? Onde anda esse homem que me deixa os filhos e a casa e não dá um sinal de vida? Um marido em casa é segurança e proteção. Na presença de um marido os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2004, p. 11)

Entendemos que saímos do foco diásporico e aportamos diretamente na África ao chamar Paulina Chiziane, primeira escritora moçambicana a publicar um romance em 1984, intitulado *Balada de amor ao vento*[48], para compor, também, o escopo deste capítulo, mas é interessante observar a riqueza de detalhes, que a possibilidade do amor conjugal traz para a vida da protagonista Rami. Segurança e proteção são os dois grandes pilares de importância da figura de um marido dentro de casa, pois, segundo a citação acima, existem várias questões da ordem do cotidiano da protagonista que a presença do marido impede de acontecer.

Encontramos o amor conjugal também como possibilidade de segurança e proteção dentro do romance de Zora Neale Hurston, porém esta escolha partiu de sua avó materna, Babá, responsável pela criação da neta Janie Crawford. Com a chegada da velhice para a Sra. Babá, e a possibilidade de morrer e não ver a neta bem encaminhada, fez com que a severa senhora organizasse o casamento da neta, nesta época com dezesseis anos, com o velho sr. Logan Killicks, pequeno proprietário rural das cercanias da casa da Janie e sua avó Babá:

> Eu já to velha. Num posso tá sempre guiando seus pé para longe do mal e do perigo. Quero ver tu casada logo logo.(...) Num é Logan Killicks que eu quero que tu aceite, menina, é proteção. Eu num tô ficando velha, querida, eu já to velha. Uma manhã dessa, breve, o anjo da espada vai passar por aqui. O dia e a hora ninguém me disse, mas num tarda muito. Eu pedi ao Senhor quando tu era bebê em meus braço que me deixasse ficar aqui até tu crescer. Ele me poupou para ver esse dia. Minhas prece agora, todo dia, é que Ele deixe esses dia dourado passar um pouco mais, até eu ver tu segura na vida.(...) E num posso morrer em paz pensando que os home, branco ou preto, ta fazendo de ocê escarradeira: tenha dó de mim. Me deixa à vontade, Janie, eu sou um prato rachado. (HURSTON, 2002, pp. 32-36)

[48] O romance Balada de amor ao vento ainda não está publicado no Brasil, da autora Paulina Chiziane. Desta, contamos apenas com Niketche: uma história de poligamia, pela Companhia da Letras.

Estes dois fragmentos sobre o tema da proteção aparecem de duas formas: na narrativa moçambicana como proteção em termos de segurança física, um lar é mais seguro, mais protegido com a presença de um marido; já no romance afro-americano, a proteção é econômica, o que nos remete imediatamente as narrativas do período do romantismo e do casamento burguês, onde a figura tutora da jovem se encarregasse de encontrar no círculo de convivência alguém com as posses para atender aos interesses familiares.

Já em *Ponciá Vicêncio,* de Conceição Evaristo, encontramos rastros do que poderia ser um ideal de amor conjugal, mas com propósitos absolutamente diferentes das duas autoras citadas anteriormente. O desejo de ter um homem era para realizar seus desejos, mimar um pouco a protagonista:

> A mãe da soleira da porta, abençoava o filho e desejava em volta alta que eles seguissem a caminhada com Deus. Voltava depois e cantarolando para o interior da casa. Ponciá Vicêncio sorria. O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo o que ela quisesse e teria filhos também. (EVARISTO, 2004, p. 25)

Este ideal de conjugalidade para constituir família e ter filhos, de fato fica mais evidente em Ponciá, mas na verdade o que foi possível realizar ao longo da narrativa foi um casamento frustrante, pois o que ficou evidente entre o casal era só subtrações, ora de afeto, ora de filhos, ou de comunicação:

> Ponciá Vicêncio acha que os homens falavam pouco. O pai e o irmão haviam sido exemplo do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela. (...) Muitas vezes quis dizer das tonturas do desejo de comer estrelas de que era acometida toda vez que estava grávida. (...) Quis que o homem também lhe falasse dos sonhos, dos planos, das esperanças que ele depositava na vida. Mas ele era quase mudo. Não chorava e não ria. Desde os primeiros tempos, nos momentos em que ela se abria para ele, o homem vinha emudecido, trancado de falas, sem gesto algum dizível de nada. Enquanto Ponciá vivia a ânsia do prazer e o desesperado desejo de encontro. E, então, um misto de raiva e desapontamento tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além da pele. (EVARISTO, 2004, p. 67)

O que se tem deste fragmento é a conjugalidade transformada em espaço de desencontros, principalmente afetivos, pois a ausência deles foi edificando entre o casal um distanciamento, fazendo que se constituíssem dois mundos dentro da mesma residência.

Nas duas obras de Carolina, a conjugalidade e o desejo de ter filhos tem outros contornos, por exemplo, em *Diário de Bitita* é seu período de infância e adolescência; em *Quarto de Despejo* ela já abre seu diário falando dos filhos. No entanto, foi possível recuperar o desejo de conjugalidade, a figura do marido da mãe de Carolina em relação à mãe dela:

> Diziam que a criança que ia nascer era filha do poeta boêmio. Quando eu nasci, comprovaram-se os boatos, e as más línguas sentiram-se meio proféticas. Minha semelhança com o poeta serviu de pretexto para o esposo da minha mãe abandoná-la. Ele era o tipo de homem irresponsável, que não mantém o lar e exige fidelidade. Não tinha idade para ser chefe de família. O que ele queria era casar-se para conseguir sua liberdade. Não teve consciência de minha mãe cuidando, zelando por sua felicidade. Disse:
> - Casei com uma negra só para sair da tutela.

> E foi morar com uma mulher branca. Uma velha com cinqüenta e dois anos, que poderia ser sua avó. Mas era branca. E ele dizia que mulher branca não tem idade:
> - É sempre jovem. (JESUS, 2007, p. 83)

Na verdade, a mãe de Carolina foi representada, pela autora, nesta etapa como uma possibilidade, através do casamento, de livrar "a cara" do marido de alguma forma. Mas, pela descrição, a convivência não revelava em nada que a figura dele trazia estabilidade para o lar, muito pelo contrário, a figura dele era irresponsável, tanto que na primeira oportunidade que teve abandonou justamente a casa.

4.6.3 Amor paixão

> nasço nas estrelas dos teus olhos
> vivo na geografia do teu corpo
> me afogo no calor dos teus lábios
> depois feliz da vida
> ressucito no céu da tua boca
>
> (Elizandra)

Sobre esta modalidade do amor encontramos na verdade o ideal mais difundido entre os amantes. Uma completude que cega, paralisa e dá muito prazer, mas também temos conhecimento de relatos que o extremo que uma paixão pode levar a alguma das partes, conforme as palavras de Mary Del Priore:

> Ah! O amor... esse milagre de encantamento, espécie de suntuoso presente que atravessa os séculos. Espécie de maravilhamento sobre o qual somente os artistas, e talvez os amantes, possam nos dizer alguma coisa. Feito de encontros inesperados ou de acasos favoráveis, ele é como um choque violento que eletriza, cega, encanta. Deixa-nos perdidos. E — tarde demais — perdidamente enrolados. O choque provoca reações em cascata: desejo ou paixão que se manifestam na impaciência dos olhos, do coração, de todo o corpo. Fabricada por aparições, cartas, telefonemas, essa concentração sobre um objeto, essa nostalgia de um lugar utópico, enfim, reencontrado, se traduz na descoberta de um ser que passa a ser o único bem, a pátria, enfim, o centro de tudo! (DEL PRIORE, 2005, p. 8)

De todo o conjunto de obras, a que mais revelou em sua narrativa o desejo por uma paixão arrebatadora foi Zora Neale Hurston. Ao todo são três tentativas de encontrar uma paixão arrebatadora, que só se concretiza em seu terceiro relacionamento. Esta busca nos remeteu a duas situações, com o mesmo nome, e refletem exatamente este desejo de tentar, ou seja, a música *Teresinha* de Chico Buarque, que também se desenrola em torno de três pretendentes de sua musa inspiradora. Aqui está a canção:

> O primeiro me chegou
> Como quem vem do florista:
> (...)

Mas não me negava nada
E, assustada, eu disse "não".
O segundo me chegou
Como quem chega do bar:
Trouxe um litro de aguardente
(...)
E, assustada, eu disse "não".
O terceiro me chegou
Como quem chega do nada:
Ele não me trouxe nada,
Também nada perguntou.
Mal sei como ele se chama,
(...)
E antes que eu dissesse não,
Se instalou feito posseiro
Dentro do meu coração.

Na verdade, no romance de Zora poderíamos trocar a posição de alguns dos amantes da composição de Chico Buarque. Caso fosse feito, seria retirada a essência do romance:uma tentativa de encontro pleno do amor. Um exemplo do modelo de amor romântico ao qual nos referimos, revela-se quando a protagonista Janie toma conhecimento de seu futuro marido, um homem bem mais velhos que o frescor de seus dezesseis anos, a frustação por não estar apaixonada é visível em sua fala:

> Alguns anos são de perguntas, e alguns outros de respostas. Janie não tinha oportunidade de saber de nada, por isso perguntava. O casamento punha fim à cósmica solidão do solteiro? O casamento trazia à força o amor, como o sol trazia o dia? (...) Sim amaria Logan depois de casados (...) Os maridos e mulheres sempre se amavam uns aos outros, e era isso que significava o casamento. Simplesmente era assim. Janie sentiu-se satisfeita com a idéia, que assim não parecia tão destrutiva e mofada. Não seria mais solitária (...) Era uma casa solitária, como um toco no meio do mato onde jamais estivera alguém. E falta-lhe gosto também. Mas de qualquer modo Janie entrou, para esperar o começo do amor. A lua nova já viera e se fora três vezes quando ela passou a ficar preocupada. (HURSTON, 2002, p. 38)

Seguindo os conselhos de sua avó, ficou aguardando a chegada do amor no interior de sua relação, mas este sentimento nunca chegou. Foi quando conheceu um dia Joe Starks, do estado da Georgia, que estava de passagem na cidade da protagonista e ficou admirado com a sua juventude, beleza e falta de cuidado que ela recebia de seu marido. A solução apresentada foi oferecer-lhe uma vida melhor, um casamento, e ela aceitou de novo, se casando pela segunda vez:

> - Janie, se tu acha que eu vô roubar tu e tratar que nem um cachorro, ta muito enganada. Quero fazer de tu minha esposa.
> - Ta falando sério, Joe?
> - No dia que tu botar a mão na minha, eu num deixo o sol se por com nós solteiro. Eu sou um home de palavra. Tu nunca soube o que é ser tratada que nem uma dama, eu quero ser o home que vai mostrar isso para tu. Me chame Jody que nem tu faz faz às vez.
> - Deixa os se e tudo mais por minha conta. Eu vô passar nessa estrada logo depois do sol nascer amanhã de manhã e esperar por tu. Tu vem comigo. Aí tu pode viver todo o resto de sua vida que nem deve. Me dá um beijo e sacode a cabeça. Quando tu faz isso, seu montão de cabelo rompe que nem o dia. (HURSTON, 2002, p. 46)

Este idílio proposto por Zora para Janie, sua personagem, também não durou muito tempo. O marido, dedicado e apaixonado, foi se mostrando um tanto quanto possessivo, e sua bela mulher, na verdade, só possuía aos olhos dele atributos físicos, uma beleza para impactar

aos outros casais da cidade. Com o tempo, o desinteresse de Janie também apareceu. Foi somente na sua terceira tentativa, com o forasteiro Tea Cake, que a plenitude do sentimento do amor aconteceu, mas seguido ao sentimento vieram todos os ingredientes que cercam uma paixão avassaladora:

> Janie acordou no outro dia sentindo que Tea Cake quase a sufocava de beijos. Abraçava-a e acariciava-a como se temesse que ela escapasse de seu poder e voasse. Depois teve de vestir-se às pressas para chegar a tempo ao trabalho. Não quis que ela lhe fizesse nenhum. Queria que descansasse. Obrigou-a a ficar onde estava. No fundo do coração, ela queria fazer o desjejum para ele. Mas ficou na cama muito tempo depois de ele ter partido. Tanta coisa havia transpirado pelos poros, que Tea Cake continuava ali. Ela o sentia e quase o via saltando pelo quarto, em pleno ar. Após um longo tempo de passiva felicidade, levantou-se, abriu a janela e deixou Tea Cake lançar-se e subir ao céu num pé de vento. Foi assim que tudo começou. Na fresca da tarde, o demônio que o inferno manda especialmente aos amantes chegou ao ouvido de Janie. A dúvida. Todo o medo que a circunstância podia oferecer e ao coração sentir atacou-a de todos os lados. Era uma sensação nova para ela, mas não menos angustiante. Se ao menos Tea Cake lhe desse certeza! Ele não voltou naquela noite, nem na seguinte, ela mergulhou no abismo e desceu até a nona escuridão, onde a luz jamais estivera. Mas no quarto dia ele voltou ao anoitecer, dirigindo um carro que caía aos pedaços. Com um sorriso pronto! Ela adorou-o e odiou-o ao mesmo tempo. (HURSTON, 2002, p. 129)

Diferente de todas as mulheres nas outras narrativas, Janie viveu intensamente todas as possibilidades, sua entrega de fato foi para o último homem que teve, mas a plenitude do amor foi temporária, pois o personagem morre, de raiva, pois for mordido por um cachorro, ao final do romance.

4.6.4 Outros amores e amantes...

Nesta etapa identificamos fragmentos de várias pequenas representações sobre afetividade, mas não necessariamente pudemos encontrar em outras narrativas. Então, fizemos este pequeno mosaico de emoções, desveladas, escondidas, duvidosas. Neste último caso o diálogo será direto com Maya Angelou, que vai tomando consciência de sua homoafetividade.

Um traço que apareceu em *Quarto de Despejo* foi que um encontro fortuito pode ser revelar em momentos de prazer, de relaxamento, mas nada com interesse de vínculos, e Carolina, revela esta impossibilidade:

> Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dêle. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe; Não!
> É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo, Viso com êsse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Êle disse:
> - Bate que eu abro a porta.
> Mas meu coração não pede para eu ir no quarto dele. (JESUS, 1960, p. 28)

Esta passagem de Carolina em negar a companhia de alguém para alguns momentos de prazer em detrimento do trabalho é ainda muito presente em algumas famílias. Elas

constroem a afetividade em oposição ao trabalho, e o que emerge é uma frase muito comum: “o primeiro casamento tem que ser o emprego”.

Em Maya Angelou aparecem alguns pontos interessantes que se revelam na prática como impossibilidade de se viver uma relação afetiva. Neste sentido, o elemento estético e o componente de sua aparência negra e sua tonalidade de pele, mostra-se como motivo para não ser escolhida por seus pares:

> Entre meus companheiros, não havia candidatos. Compreensivelmente, os garotos da minha idade e do meu grupo social eram cativados pelas garotas de pele marrom-clara ou amarelada, de pernas com pêlos e lábios pequenos e macios e cujos cabelos “pendiam como crina de cavalo”. E mesmo a essas garotas assediadas pedia-se que se entregassem. Elas eram lembradas numa canção popular da época, “se você não pode sorrir e dizer sim, por favor, não chore e nem diga não”. Se esperavam que as beldades fizessem o supremo sacrifício a fim de serem aceitas, o que poderia a mulher pouco atraente fazer? Aquela que estivera deslizando na periferia curva porém imutável da vida tinha de estar pronta para ser uma “companheira”de dia e talvez de noite. Ela era convocada a ser generosa somente se as garotas disponíveis não tivessem disponíveis. Acredito que a maioria das garotas feiosas são virutosas por causa da falta de oportunidade. Elas se protegem com uma aura de indisponibilidade (pela qual, depois de algum tempo, começam a ganhar crédito) em grande parte como uma tática de defesa. (ANGELOU, 1996, p. 225).

Esta realidade afro-americana apresentada pela autora faz parte do rol de reclamações de jovens e mulheres negras, sendo que o espaço escolar é uma época em que isso fica evidente para jovens adolescentes negras.

Já em Carolina, o que pudemos observar foi o desejo de ter uma paixão, de poder namorar, mas isso não se realiza, aí também tem a frustração, pois a autora diz que fisicamente não está com aparência agradável para arrumar um namorado pelas chagas que possui nas pernas: “Quando eu era pequena tinha saúde, e agora que estava mocinha é que fui adoecer. Ninguém me namorava, e o desprezo dos homens me mortificava. Deve ser bom beijar o rosto de um homem” (JESUS, 2007, p. 210)

Fica o desejo não realizado de Carolina de poder experimentar as carícias ao lado de um par em função de sua saúde.

As descobertas na adolescência também têm lugar na obra de Maya, pois o componente da homoafetividade dá os primeiros sinais em sua obra:

> Minha amiga teve de me lembrar que não tinha nada com que dormir. Eu lhe dei uma de minhas camisolas, e, sem curiosidade ou interesse, observei-a tirar as roupas. Em nenhum dos primeiros estágios do desnudamento eu tive a menor consciência do seu corpo. E então, de repente, pelo momento mais breve, eu vi seus seios, fiquei atordoada.
> (...)
> Se fosse mais velha, eu poderia ter pensado que era movida ao mesmo tempo por um senso estético de beleza e pela emoção pura da inveja. Mas essas possibilidades não me ocorreram quando eu precisei delas. Tudo que eu sabia era que fora abalada ao olhar os seios de uma mulher (...) de um modo fundamental, havia algo de estranho em mim. (ANGELOU, 1996, p. 255).

A dúvida da autora quanto a sua orientação sexual cria nela a necessidade de estar com um namorado, para “tirar a dúvida” se era lésbica ou não: “O que eu precisava era de um

namorado. Um namorado esclareceria minha posição para o mundo e, ainda mais importante, para mim mesma. A aceitação por um namorado me guiaria na terra estranha e exótica das afetações e da feminilidade.” (ANGELOU, 1996, p. 255).

E como a possibilidade de arrumar um namorado não foi solucionada dentro da narrativa, a autora optou por uma relação sexual como termômetro para medir suas inquietações pessoais frente à novidade de se ver atraída por uma igual:

> - Oi Marguerite.
> - Ei. – Eu mergulhei: - você gostaria de ter uma relação sexual comigo?
> (...)
> - Você quer dizer que vai me dar?
> Eu lhe assegurei que aquilo era exatamente o que eu estava prestes a fazer. Quando a cena ainda estava sendo representada, eu dei conta do desequilíbrio de valores dele. Ele pensava que eu ia dar-lhe algo, e o fato é que a minha intenção era tirar alguma coisa dele. (....) Nós fomos para um quarto mobiliado de um de seus amigos, que entendeu a situação imediatamente, pegou seu casaco e saiu.(...) Eu estava mais excitada do que nervosa, mais esperançosa do que assustada. Não havia considerado quão físico um ato de sedução seria. Previra longos beijos de língua e carícias suaves. Mas não havia nenhum romance no joelho que forçou minhas pernas, nem no roçar de pele cabeluda no meu peito. Desprovido de ternura mútua, o tempo foi passando em apalpadelas, puxões e empurrões laboriosos. (ANGELOU, 1996, p. 257)

Segundo a autora, o desfecho de tudo isso foi tentar encontrar o amor e a paixão nesta relação fortuita, mas não os encontrou. Na verdade foi um fracasso, pois não sentiu que nada transformador tivesse acontecido em termos emocionais, somente físico:

> O que aconteceu com o sentimento do luar sobre o prado? Havia algo tão errado comigo que eu não conseguia experimentar a sensação que fazia os poetas produzirem uma rima após a outra (...) Parecia não haver explicação para minha enfermidade particular (...) Três semanas depois, tendo pensado muito pouco a respeito do estranho e da noite estranhamente vazia, eu me vi grávida. (ANGELOU, 1996, p. 257).

Acreditamos que o desfecho da gravidez tenha resolvido na cabeça de Maya sua feminilidade e também trouxe para ela serenidade para viver o amor em sua totalidade, sem reservas. Esta biografia da autora termina aos 17 anos, período do nascimento de seu filho Guy.

4.6.5 Amor familiar

Como último ponto de análise dentro das narrativas, escolhemos o amor familiar, pois encontramos nas quatro narrativas em questão os mesmos traços de dureza e recrudescimento no trato familiar. Descobrimos também que não há coincidência neste comportamento no interior de famílias negras, na verdade, ao lado de algumas “sequelas emocionais” citadas

anteriormente, o reprimir emoções também tem a mesma origem comum, estratégia de sobrevivência durante a escravidão:

> A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte (...) Muitos negros têm passado essa idéia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida. (hooks, 2002, p. 4)

Encontramos na obra de Evaristo algumas passagens sobre este ponto de não expressar sentimentos, por isso escolhemos uma passagem que a protagonista Ponciá Vicêncio relembra o irmão:

> Ao se lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela? Teria morrido? Precisava levantar algumas histórias do passado. Mas como? E o irmão? Vivera pouco com ele na infância, muito pouco, mas das raras vezes que se encontraram, gostavam tanto. Eram secos de carinho explícito; entretanto, mesmo sem se tocarem nem se abraçarem sequer, se amavam muito. (EVARISTO, 2004, p. 23)

Por outro lado, em Carolina Maria de Jesus encontramos textualmente a passagem em que fala da hostilidade dos parentes por ela, mesmo depois de um período peregrinando, tentando arrumar fora de sua cidade natal um local para seu tratamento de saúde:

> Decidi seguir para Sacramento. Levei os livros velhos que estavam no quartinho para eu ler. Quando cheguei na minha cidade, fui recebida com hostilidade pelos meus parentes. Eu já estava mais inteligente e observava as fisionomias rancorosas. Pensei: “Eles não sentem saudades”.
> Minha mãe disse-me:
> - Quando você chega, eu já sei que vou ter aborrecimentos. Eu já lhe disse para você ficar por lá? Não é implicância, nem antipatia da minha parte, é para seu próprio bem. É um espetáculo duro para mim presenciar eles te judiarem.
> Mas e, que nas minhas andanças dormia debaixo das árvores e era humilhada, já estava ficando insensível. (JESUS, 2007, p. 217)

Neste fragmento fica evidente a falta de habilidade da mãe para ter afetividade com a filha, existe até um reconhecimento por parte da mãe, que não consegue reverter o quadro e dar carinho. É que a mãe, mesmo distante da filha por um período, revela que a única maneira que encontra para poupá-la dos maus tratos de parente e vizinhos, é vê-la longe.

4.7 Palavras Finais

Um traço interessante observado ao longo da pesquisa é que nas narrativas biográficas, nos diários e nas autobiografias, as possibilidades afetivas, com sucessos e frustrações, são

mais frequentes nos personagens que rodeiam as protagonistas, não nelas próprias, já nas narrativas ficcionais existe uma tentativa de viver algo com as protagonistas das mesmas.

Ao todo recolhemos vários fragmentos da vida vivida destas mulheres, mas não recolhemos a plenitude no amor, na maioria das vezes recolhemos frustrações. Vimos que existiu uma origem comum para a falta de habilidade com o amor por parte das personagens criadas pelas autoras ao longo desta pesquisa, mas o que fica para nós é que esta incapacidade de lidar com a questão da afetividade ainda assola o imaginário destas escritoras, pois em nenhuma das narrativas pesquisadas foi possível um final feliz, corroborando às observações de bell hooks.

5 NARRATIVAS LITERÁRIAS E A EMERGÊNCIA DE INTELECTUAIS NEGRAS

Muitas vezes eu estava num terrível deserto,
Sofrendo estranhas coisas e agonias... tinha como sombra
a solidão cósmica. Nada e ninguém em minha volta na verdade me
tocava. Uma das bênçãos deste mundo
é que pouca gente tem visões e sonhos.

(Zora Neale Hurston)

5.1 Afeto e solidão: percursos prováveis

Quando esta tese foi pensada, o tema da afetividade foi o fio condutor para que começássemos a pesquisar vozes literárias femininas, nacionais e internacionais, neste último caso afro-americanas, que pudessem combinar forma e conteúdo a atender aos interesses deste trabalho. Foi possível perceber que o tema da afetividade e mulheres negras, que foi aprofundado no quarto capítulo desta tese, traz como pano de fundo um outro ponto de análise que emergiu de diferentes facetas, que é a solidão. Entendemos que não é nosso foco principal, mas é um tema que aparece metaforicamente em diversos momentos de nossa análise, e principalmente se pensarmos sobre a presença de escritoras negras nos espaços de tradição intelectual, e no lugar da literatura produzida por estas mulheres dentro dos círculos acadêmicos e o posterior acolhimento pela crítica especializada.

Estes dois pontos – afetividade e solidão – estão sendo retomados neste momento, pois ao pensarmos na situação das mulheres negras intelectuais, percebemos que elas ainda se constituem em *ilhas de saber*, pois ainda não conseguiram ser incorporadas como produtoras de conhecimento dentro dos espaços acadêmicos, já que não se trata unicamente de um saber epistemológico, a presença de escritoras negras traz consigo cores, odores, sabores, matrizes religiosas, subverte a história oficial, enfim, forçam um deslocamento do lugar de subalternização cristalizado dentro dos meios acadêmicos e de produção de conhecimento que ainda percebem este grupo de mulheres como objeto de análise, e não como sujeito. Portanto, a presença de mulheres negras em espaços de produção de conhecimento precisa atravessar a

barreira da universalidade, embasada pela “pseudo-meritocracia” usada como blindagem antidiversidade, antialteridade, antidiálogo.

Este capítulo pretende uma vez mais cruzar, comparar, contrastar como a questão da autoria feminina negra dialoga com a questão do feminismo negro, fortalecendo a emergência de uma intelectualidade negra feminina. Para tanto, a ponte com a realidade das mulheres afro-americanas será crucial, já que estas avançaram significativamente em termos de consolidar e visibilizar uma produção literária e de gênero sobre o tema, que já serve de parâmetro para reflexão em boa parte da diáspora africana.

Resgataremos alguns temas dentro das obras selecionadas que possamos evidenciar um traço de seu ativismo, que as autoras traduziram no seu fazer literário.

5.2 Muito antes do papel

> Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam – o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes.
>
> (bell hooks)

Quando refletimos sobre mulheres negras e espaço literário no Brasil, o que emerge são os objetos de análise, tais como Bertoleza, Tia Anastácia, Rita Baiana, as várias mulheres de Jorge Amado, entre outras, todas tratadas como objetos, nenhum sujeito, e quando insistimos em querer provar que existem sim outras vozes do outro lado do papel na condição de escritoras e que não são personagens, encontramos com boa vontade Carolina Maria de Jesus, muito mais pela ousadia do conteúdo, e sua precária condição social, que propriamente pelo reconhecimento da insurgência de uma autora. Mais timidamente temos ainda Maria Firmina dos Reis e atualmente Ana Maria Gonçalves e seu romance *Um defeito de Cor*, muita vezes descolado, solto da figura da escritora negra; paradoxalmente temos Conceição Evaristo, uma unanimidade entre as(os) pesquisadoras(es) da área de relações raciais, mas ainda edificando seu lugar dentro dos espaços de tradições intelectuais brasileiras. Esta

presença opaca, tímida das escritoras negras, não é diferente dos impasses enfrentados nos outros âmbitos da vida pública e privada, para tanto, recorremos à feminista Jurema Werneck, que é enfática ao afirmar:

> As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (WERNECK, 2009, p. 40)

Em outras palavras, o que se tem estabelecido são os intermináveis obstáculos, frutos das lutas antirracismo e antissexismo travadas, também, fora dos espaços de produção de conhecimento. O que pretendemos observar e identificar são os traços, ou momentos em que as autoras escolhidas por esta análise, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston, com suas produções, conseguem construir uma identidade positiva para as mulheres negras e tentam sistematicamente sair da condição do que chamamos de *ilhas de saber* e se estabelecer como sujeito, produtor de conhecimento, principalmente no caso brasileiro, que ainda dialoga com as autoras afro-americanas em condição de desvantagem em termos quantitativos de inserção no mercado editorial e nos quadros acadêmicos.

Para tanto, entendemos que a realidade norte-americana exposta neste capítulo servirá de espelho, pois é através deste percurso que as mulheres afro-americanas conseguiram estabelecer que tentamos, também, nos inspirar, construir e aparecer.

5.3 Mulheres afro-americanas demarcando espaços

O pessoal como político
pode começar a iluminar
todas as nossas escolhas

Audre Lorde[49]

A abolição da escravização nos Estados Unidos data de 1863, promulgada pelo então presidente Abraham Lincoln, vinte e cinco anos antes do caso brasileiro, mas é desta data do pós-abolição que inicia um movimento de fortalecimento e surgimento de vários núcleos de ativismos, e as mulheres marcaram presença e registraram a sua percepção do que era o final

[49] In Omi Osun Joni L. Jones, v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010 (p. 39-51)

do século XIX nos Estados Unidos, e toda a segregação racial que se torna ainda mais acirrada no pós-abolição. Mas, a singularidade de tudo isto é que as mulheres negras já publicavam ensaios, produções literárias, artigos em jornais, como nos informa a ativista afro-americana Kia Lilly Caldwell:

> Durante o século XIX, houve uma emergência de militância social e política por mulheres negras e um aumento do número de publicações, tais como literatura, ensaios políticos e textos jornalísticos escritos por mulheres negras norte-americanas. As falas públicas e as obras escritas por essas mulheres durante o século XIX apontavam para as experiências particulares das mulheres negras em virtude da relação entre raça e gênero, durante a escravidão e em virtude da segregação racial no período pós-abolição. (CALDWELL, 2010, p. 20)

Analisando estas produções na perspectiva literária, um reflexo interessante deste período é possível ver na obra *Harlem Renaissance and Beyond: Literary biographis of 100 Black Women Writers 1900-1945(1990)*. Esta é uma publicação contemporânea, mas conseguiu reunir 100 mulheres negras escritoras já na virada do século 20.

Todo o período das lutas dos direitos civis nos Estados Unidos, compreendida entre a década de 50 e finais dos anos 60, teve duas grandes células dentro deste movimento que forjou significativamente o que conhecemos como o "Movimento Negro Brasileiro", que foram os Panteras Negras e o movimento Black Power, organizações negras radicais que atuavam ativamente dentro do cenário norte-americano, combatendo sistematicamente a segregação racial contra a população negra. Neste período também foi rica a participação das mulheres negras, entre elas o destaque especial para a figura de Rosa Parks (1913-2005), costureira negra, moradora da cidade de Montgomery, no estado do Alabama, um dos mais racistas do sul dos Estados Unidos, que se torna um dos ícones do movimento contra a segregação racial no país, pois se recusou a levantar de onde estava sentada no ônibus para ceder lugar a uma pessoa branca, o que desencadeou uma onda de protestos em todo território norte-americano.

Esta efervescência política que acontecia no país deflagrou uma enorme quantidade de estudos sobre a situação da população negra e as produções sobre a condição da mulher negra tiveram como positivo, ou seja, a criação de um campo de estudo específico sobre a temática, o *Black Woman Studies* nos anos 70 e teve Toni Cade Bambara, autora de umas das antologias pioneiras deste período *The Black Woman* (1970) (CALDWELL, 2010, p.20).

As décadas seguintes, 80 e 90, são marcadas por uma avalanche de textos sobre mulheres negras, e sua maioria no campo da História e da Literatura, pois havia uma necessidade por parte das historiadoras e literatas em revisitar o passado, o período da escravidão e do pós-abolição, (re)significar estereótipos, rasuras na história oficial e de personalidades afro-americanas.

A literatura afro-americana nesta época também se estabelece de forma definitiva, pois consegue entrar na grade de cursos das universidades como uma disciplina, o que acaba impulsionando uma cadeia de atividades ao seu redor, seminários, visibilidade de autoras e aumento do interesse de editoras, entre outras ações, recorremos de novo a Caldwell:

> Essas obras causaram um impacto muito grande nas universidades norte-americanas e iniciaram o processo de quebra da hegemonia branca e masculina na área de Literatura. A partir de então, os escritos das mulheres negras foram incluídos nos níveis de ensino equivalentes aos de graduação e pós-graduação, e os editores começaram a republicar obras escritas por mulheres negras durante o século XIX e início do século XX, que tinham sido esquecidas. Ao mesmo tempo, houve um aumento visível na quantidade de obras literárias de escritoras negras publicadas ou re-publicadas, a exemplo das novelas e das poesias de escritoras como Toni Morrison, Alice Walker, Maya Angelou e Toni Cade Bambara. Somado a isso, desde os anos 1970, notava-se a produção de teoria feminista por mulheres negras. As obras de feministas negras como Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins contribuíram para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política das mulheres negras nos EUA. (CALDWELL, 2010, p. 23)

O que podemos observar é que a distância entre o movimento de mulheres negras e a academia norte-americana, não configura uma distância tão abismal como no caso da realidade brasileira, pois foi possível observar que as ações realizadas por ativistas negros(as) conquistaram seu espaço dentro das universidades norte-americanas.

5.4 Ilhas de Saber

Colar

Colecionava amizades
Pendura corrente de sorrisos estáticos
No pescoço
Ostentava tantos e tantos
Sorrisos-dentaduras
Poli-os à noite com gostas de lágrimas
Retidas
Um dia o colar mordeu-lhe a jugular
Jorrou-lhe rios de ausências

(Miriam Alves, Cadernos Negros – Melhores Poemas)

A partir das reflexões sobre o movimento de mulheres negras nos Estados Unidos, entendemos que a entrada gradativa de intelectuais negras(os) nos espaços acadêmicos brasileiros tem também como proposta contribuir para a entrada e a (re)configuração de alguns marcos teóricos dentro das universidades. Sabemos que este processo não é automático, pois a travessia do lugar de objeto para o de sujeito produtor de conhecimento leva tempo, e temporalidade neste caso está diretamente relacionado, também, ao domínio dos códigos, de assenhorar sua fala e se empoderar de seus espaços, já que o que se tem como

referencial são os clássicos eurocêntricos sendo cartesianamente (re)lidos, (re)inventados, (re)interpretados, na vã tentativa de se buscar uma universalidade em situações tão particulares, para isso recuperamos o pesquisador Ari Lima e suas reflexões acerca do papel do intelectual negro dentro dos espaços acadêmicos:

> Acredito que um outro país possível para o negro é aquele esboçado no meio acadêmico brasileiro. Entretanto, quando ciente da sua subalternidade, o intelectual negro saberá dos limites da sua fala uma vez que antes de ser agente reflexivo é "objeto científico". Saberá que se sua consciência subalterna lhe autoriza a falar sobre a diferença negra no Brasil, por outro lado, espreita seu grau de incorporação de uma "objetividade" científica universal, de ajuste a tropos e apelos disciplinares. Ela é seu senhor, é a autoridade que o protege, como intelectual, do descontrole do sentimento de diferença e da insurgência que isto pode representar visto que se é possível registrar a diferença, há que se silenciar sobre as mais profundas compreensões, os mais profundos desejos de reversão da desigualdade racial e injustiça social. (LIMA, 2001, p. 282)

Concordamos com o silenciamento intelectual proposto por Lima, ainda mais no caso desta pesquisa, quando pensamos no que acontece com muitas intelectuais negras. Elas fazem o percurso partindo do ativismo em movimentos feministas, que apesar de alguns entraves políticos vem construindo sua compreensão do papel das mulheres negras no seu interior, como afirma Sueli Carneiro:

> Enegrecendo o feminismo é a expressão que vamos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p. 118)

Estas intelectuais que saem do movimento de mulheres negras trazem em suas bagagens um fortalecimento de autoestima e de empoderamentos, e conseguem vencer a barreira de chegar à Academia, na maioria das vezes em uma faixa etária bem diferente, bem acima da atual clientela universitária, que sai diretamente do ensino médio para as faculdades.

Este ponto é interessante, pois o que se observa é um desconforto para ambos os lados, pois fica evidente pelos levantamentos apontados nesta tese, que a presença de mulheres negras dentro da Academia acaba construindo um sentimento de estrangeirismo dentro destes espaços por parte destas mulheres, pois o professor(a), também, não está acostumado a lidar com as particularidades deste grupo, a necessidade de trabalhar faz com que muitas atividades acadêmicas, como seminários e congressos, faz com que estas mulheres não possam participar, o que acaba gerando uma falta de aproximação com colegas e professores, fazendo com que estas mulheres, em muitos casos, passem por uma instituição, mas não criem vínculos com ela.

Ao tomarmos de empréstimo as palavras de Sueli Carneiro, a academia brasileira ainda está sedimentando seu processo de "enegrecimento", o que gera dificuldades de constituir interlocutores(as) nas mais diferentes esferas, e o resultado na maioria dos casos é a solidão. Forçar adaptações, negociações, esbarra invariavelmente em (re)condicionamento ideológico, o que implica em muitas vezes em subtrações e até mutilações simbólicas, e bebendo da literatura um pouco mais para ilustrar, temos o poema de Cuti, "Saci":

> O saci tinha duas pernas
> Uma dava passo africano
> Com os anos
> A cultura
> Fez a ruptura (CUTI, 1978, p. 135)

Os avanços dos estudos sobre mulheres nos Estados Unidos já refletiram sobre a presença das mulheres negras nos espaços acadêmicos e o bálsamo que trouxe para o interior desta análise. A partir do que foi exposto acima em relação à solidão das ativistas, que também foi uma constante no interior de universidades americanas, as feministas Gloria T. Hull e Barbara Smith sugeriram, inclusive, condutas que poderiam facilitar a vida das intelectuais negras dentro da academia:

> (1) a situação política em geral das mulheres negras e o impacto disso na implementação de estudos da mulher negra; (2) a relação entre os estudos sobre a mulher negra e o feminismo negro e o movimento de feministas negras; (3) a necessidade de ter um campo de estudos sobre a mulher negra que seja feminista, radical, e analítico; e (4) a necessidade de ter professoras universitárias no campo de estudos da mulher negra que reconhecem nossa posição política *complicada / problemática* dentro da academia e a possibilidade que temos de trabalhar em condições *antagônicas / adversas.* (CALDWELL, 2010, p. 20)

Concordamos com os pontos sugeridos pelas duas teóricas, mas entendemos que ainda estamos construindo os nossos NEABS – Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros nas universidades, mas isso não significa uma intervenção direta nas grades de cursos das graduações e pós, já que ainda não conseguimos estabelecer nas universidades o curso de literatura negro-brasileira. Quando há o esforço de algum professor comprometido com a temática, depois de se indispor com o colegiado acadêmico, consegue-se inserir na condição de disciplina eletiva, mas o que é curioso é que, quando realizado, o sucesso da disciplina não significa possibilidade de inclusão como um curso permanente oferecido pelo departamento. Em algumas universidades o que se pode observar é o desenvolvimento de alguma pesquisa isolada dentro de algum centro ou a presença de alguns cursos de extensão, mas ainda estamos dependentes de professoras(es) comprometidos com a questão e que conseguem incluir dentro dos seus cursos a temática proposta por esta tese.

5.5 A escrevivência intelectual

Exatamente porque temos sido falados,
(infans é aquele que não tem fala própria,
é a criança que se fala na
terceira pessoa, porque falada pelos adultos),
que neste trabalho assumimos nossa própria fala.
Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa

Lélia Gonzalez[50]

Recuperando algumas reflexões do artigo "Intelectuais Negras", clássico da feminista negra norte-americana, bell hooks, sobre intelectuais negras, no qual ela chama atenção para a sociedade em que vivemos, temos que lidar com a pouca valorização do trabalho intelectual, ainda mais quando este está focado em torno de pesquisadoras negras e suas temáticas o problema se torna ainda mais complexo, já que dentro da população negra ainda está em curso a batalha pela alfabetização, visando não somente a formação do indivíduo, mas melhores condições de trabalho e, consequentemente, de vida. Sendo assim, optar em se tornar pesquisador(a) ou escritor(a) ainda é algo distante da realidade da população negra:

> Vivendo em uma sociedade fundamentalmente anti-intelectual, é difícil para os intelectuais comprometidos e preocupados com mudanças radicais afirmar sempre que o trabalho que fazemos tem impacto significativo. Nos círculos políticos progressistas, o trabalho dos intelectuais raramente é reconhecido como uma forma de ativismo; na verdade, expressões mais visíveis de ativismo concreto (como fazer piquetes nas ruas ou viajar para um país do Terceiro Mundo e outros atos de contestação e resistência) são considerados mais importantes para a luta revolucionária que o trabalho mental. É essa desvalorização do trabalho intelectual que muitas vezes torna difícil para indivíduos que vem de grupos marginalizados considerarem importante o trabalho intelectual, isto é, uma atividade útil.(...) Contudo, a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opção excepcional e difícil. Para muitos de nós, tem parecido mais um "chamado" que uma escolha vocacional. Somo impelidos, até mesmo empurrados, para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual. (hooks, 1995, p. 465)

As escritoras negras que escolhemos como base para pensar esta tese, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston, têm em comum o fato que são agentes formadoras e forjadoras da identidade dos seus pares, o que gera incondicionalmente o reconhecimento por parte de seu grupo de origem.

Este vínculo nasce do compromisso que estas mulheres têm, para o caso de Conceição Evaristo e Maya Angelou, e tiveram, para Zora Neale Hurston e Carolina Maria de Jesus, de (re)significar a história oficial do Brasil e dos Estados Unidos, e o que se percebe hoje com Conceição Evaristo e Maya Angelou, que são intelectuais presentes na condição de mulheres negras e em momentos decisivos para o fortalecimento da população negra, são intelectuais que não estão produzindo nos bastidores, estão diariamente reinventando o que significa ser

[50] In Elisabeth do Espírito Santo Viana v.1, n.1- mar-jun de 2010 (p. 52-63)

mulher negra na diáspora africana, cumprindo o papel ao qual Edward Said chamou de papel público do intelectual:

> o intelectual é um indivíduo com um papel público específico na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe que apenas trata da sua vida. A questão fundamental para mim, penso eu, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma faculdade para representar, corporizar, articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para [...] um público. (SAID, 2000, p. 28)

Partindo do que foi exposto acima, podemos (re)ler, também, as obras literárias destas mulheres como uma prática intelectual cotidiana de resistência, e ao estreitar um pouco mais o olhar, temos, no caso brasileiro, autoras que ainda não alcançaram os grandes circuitos editoriais, ainda não foram "eleitas" pela crítica especializada nacional como *musas*, mesmo no caso de Conceição Evaristo, que desde a publicação de *Ponciá Vicêncio*(2004) conseguiu ser tema do vestibular da UFMG, contribuindo de forma contundente para o fortalecimento da lei 10.639, que cria a obrigatoriedade desde de 2003 do ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, e foi a segunda escritora negra brasileira a ter uma obra publicada no exterior. E quem inaugurou este caminho há quase meio século foi Carolina Maria de Jesus:

> Em novembro de 2007 este romance foi lançado em New York, em versão inglesa, pela HOST Publications, o que torna Conceição Evaristo a segunda escritora afro-brasileira a ter uma obra publicada em terras estrangeiras. A primeira foi Carolina Maria de Jesus com o seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Outra conquista do romance de estréia de Conceição Evaristo foi sua indicação para o Vestibular/2007 da UFMG e da CEFET de Belo Horizonte. (LIMA, s/ano, p. 5)

É interessante observar, quase cinquenta anos depois, que o mesmo movimento que aconteceu com Carolina Maria de Jesus, de ser muito conhecida no exterior para depois forçar um movimento nacional, neste caso nos espaços acadêmicos, o mesmo está acontecendo com Conceição Evaristo, que tem assento marcado em diferentes congressos internacionais onde o tema é a questão de gênero com interseção na temática racial, mas não significa que tenha alcançado esta estabilidade, nem financeira e nem de reconhecimento fora dos circuitos que trabalham com o tema das relações raciais por aqui.

O recurso à memória tem sido um aliado importante para todas as mulheres citadas nesta análise, já que através deste exercício de (re)lembrar que a história oficial de seus respectivos países, Brasil e Estados Unidos, está sendo passada a limpo e com uma perspectiva feminina, pois existem temas banalizados, considerados *temas femininos*, como, por exemplo, falar de estética, ou afetividade, que as escritoras conseguiram imprimir o seu olhar sobre estes temas e trazê-los para o centro do debate, recuperando detalhes que talvez em narrativas masculinas, e neste caso, brancas ou negras, podem ter passado como

insignificantes, como um bom exemplo recuperamos aqui um flash da memória de Maya Angelou na autobiografia analisada nesta tese:

> Stamps, em Arkansas, era Chitlin´s Swithc, na Geórgia; Hang´Em High, no Alabama; Don´t Let the Sun Set on You Here, Nigger, no Mississippi; ou qualquer outro nome igualmente descritivo. As pessoas em Stamps diziam que os brancos em nossa cidade eram tão preconceituosos, que um negro não podia comprar sorvete de baunilha. Exceto no 4 de julho. Nos outros dias, ele tinha de satisfazer-se com chocolate. (ANGELOU, 1996, p. 51)

Alinhavando o pensamento de Maya Angelou que recupera nuances da segregação racial em sua cidade, inclusive com intervenção na dieta alimentar de seus moradores, e não é por acaso que o desejo de um sorvete de outro sabor emerge, já que em sua autobiografia, nesta etapa da narrativa é uma criança de sete anos que conta esta passagem que a marcou profundamente, pois, na idade adulta, este fato ainda volta nítido em sua memória.

Optamos em apresentar a encruzilhada de autoria feminina negra e feminismo negro através de dois temas selecionados por esta pesquisa, que é a questão da linguagem das autoras utilizadas em sua obras e o tema dos nomes. Como o ato de nomear e ser nomeada aparece em suas narrativas, para tanto, optamos em identificar nas obras selecionadas a presença destes temas e tratamos de perceber como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston exercerm seu ativismo literariamente.

5.6 Fala de preto

Palavras não são cascas
Mas às vezes é preciso ir descascando
Mentiras brancas
Colocar as cascas para secar ao sol
Revelando escurecimentos necessários.
(...)
Palavras não são cascas
Podem revelar o racismo à luz do dia

(Cristiane Sobral)

Um ótimo exemplo disto foi construído por Zora Neale Hurston, lá na década de 30, quando opta em escrever seu romance *Seus olhos viam Deus*, todo reproduzindo a fala dos negros do espaço rural do sul dos Estados Unidos, desenvolvendo algo singular para aquele momento histórico, pois, acrescentou à minuciosa pesquisa linguística aos elementos estéticos como marca de sua escrita:

> Todo mundo riu, até Seu Washburn. Dona Nellie, mãe dos menino, que voltou para casa depois que o marido morreu, apontou a pretinha e disse: Essa aí é você. Alfabeto, será que não conhece você mesma?
> Todo mundo me chamava de Alfabeto, porque muita gente tinha me dado um bocado de nome diferente. Fiquei olhando um tempão pro retrato e vi que era meu vestido e meus cabelo, e aí disse:
> - Oh, oh! Eu sou preta!
> Aí foi que eles riu memo. Mas antes de ver o retrato eu achava que era igual aos outros. (HURSTON, 2002, p. 26)

Sabemos que entre o texto original e a versão que temos em português existe a figura do tradutor, Marcos Santarrita, mas acreditamos que um de seus maiores desafios foi tentar reproduzir em português um dos principais traços do trabalho de Zora Neale Hurston, que é o sotaque da população negra rural do sul dos Estados Unidos. Afinal de contas, a autora já colocava uma intencionalidade ao valorizar a forma de falar daquela parcela da população negra, que certamente deveria despertar algum tipo de incômodo em relação ao "inglês" falado pela elite branca local. No posfácio que consta em seu livro, Louis Henry Gates Jr. afirma que:

> A redescoberta de escritores afro-americanos tem girado, em geral, em torno de critérios políticos mais amplos, dos quais se supõe que a obra do autor é um mero reflexo. O aspecto profundamente satisfatório da redescoberta de Zora Neale Hurston é que as mulheres negras a geraram basicamente para estabelecer uma ancestralidade literária materna.(...) A atenção dessas escritoras a Zora significa uma nova sofisticação na literatura negra: elas lêem não apenas pelo parentesco espiritual inerente em tais relações, mas porque ela usou a fala vernacular e os rituais negros de uma maneira sutil e variada, para orientar a consciência futura das negras, tão flagrantemente ausente na ficção negra em geral. Esse uso do vernáculo tornou-se a estrutura fundamental de todos os seus romances. (GATES JR., In HURTSON, 2002, p. 222)

A Autora ao reproduzir a fala vernacular em seus romances coloca de forma intencional a todas(os) falando da mesma maneira no ato silencioso da leitura. Se Zora Neale Hurston usou a linguagem como recurso para marcar a diferença, Carolina Maria de Jesus trinta anos depois, na década de 60, enfrentava resistência exatamente por sua linguagem, que recuperamos aqui trechos do prefácio elaborado pelo jornalista Audálio Dantas, pessoa responsável por ler, editar, corrigir, (des)arrumar os vinte cadernos que deram origem ao diário *Quarto de Despejo.* Chamamos atenção para este trecho, pois, o bom jornalista é enfático nas primeiras linhas ao afirmar que não alterou uma palavra, nenhum trecho, ou seja, não alterou nada. No entanto, no próprio texto inicial, o próprio vai explicando os elementos que ora incluiu, ora subtraiu em nome de uma melhor compreensão do trabalho. Os grifos em itálico no texto são nossos, já aqueles em negrito vieram do original:

> Os originais que contêm o diário agora publicado estão em vinte cadernos, quase todos encontrados no lixo. Há até um que antes serviu para registro de compras e outro para registro de despesas operativas. Lendo-os quando o tempo sobrava um pouco, demorei uns dois meses. Depois, selecionei trechos, sem alterar uma palavra, para compor o livro. Explico: Carolina conta o seu dia inteiro, com todos os incidentes, fiel até ao ato de mexer o feijão na panela. A repetição seria inútil. Daí, a necessidade de cortar, selecionar as histórias mais *interessantes[para quem?grifo nosso],(...)*Como esta história que conto e garanto é o exato acontecido, tenho de acrescentar que, em alguns poucos trechos, botei uma outra vírgula, para

> evitar interpretações dúbia de frases. Algumas cedilhas desapareceram, por desnecessárias, e o verbo **haver**, que Carolina entende apenas com um **a** assim soltinho, confundindo facilmente com um artigo, ganhou um **h** de presente. Se não podia haver confusão. E confusão e briga, há muita no **Quarto de Despejo**. De meu, no livro, há ainda uns pontinhos que aparecem assim(...) e indicam supressão de frases. Quando os pontinhos estão sozinhos, sem (), nos parágrafos, querem dizer que foi suprimido um trecho ou mais de um na narrativa original.(...) Quase no fim da história, devo dizer: há pronomes mal colocados e verbos um tanto quanto tortos, no que contei sobre nossa irmã Carolina. Me resguardo: peço desculpas e agradeço por elas. (DANTAS, 1960, p. 12)[51]

É claro que uma ação (não)deve descaracterizar toda uma trajetória construída e, neste caso, o trabalho de organizar os cadernos de Carolina, mas as contradições quanto à falta de neutralidade diante do que a autora produziu, são tão evidentes que ficam rastros de desconfiança do processo de edição que o livro sofreu, afinal de contas, salta aos olhos do organizador, "pronomes mal colocados verbos um tanto quanto tortos", sendo assim, nos apoiaremos em Fanon para tentar entender esta trança que foi feita na obra, em relação à linguagem: "Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização" (FANON, 2008, p. 33).

E neste caso específico, o que fica evidente é que o jornalista não soube lidar com o outro, numa combinação de preconceito com censura, arrumou, decorou, colocou com uma cara mais apresentável, para ele e para o seu grupo de origem, a linguagem de Carolina, inquietação que acompanha a outros pesquisadores, como é o caso de Mario Medeiros da Silva, da Unicamp, e sua recém defendida tese, *A descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura periférica no Brasil (1960-2000)*, que recupera também:

> Por um golpe de fortuna ou senso de oportunidade, aos 44 anos sua trajetória se cruza com a de Audálio Dantas, quando ele, enquanto jornalista, fora cobrir uma denúncia na favela do Canindé: o uso indevido de um parque de diversões por adultos. Após ter ouvido De Jesus gritar que ia por todos os homens em seu livro, ele se interessou pela mulher e seus 35 cadernos guardados no barracão. No prefácio ao livro, afirmou: "*Ninguém melhor do que a negra Carolina para escrever histórias tão negras"*. E ainda: *"o Manuel Bandeira escreveu um artigo no Globo em que ele tratava do assunto.*
> *E a certa altura ele dizia: "Há pessoas que dizem ter sido o Fulano de Tal que escreveu esse livro. Não foi. O texto era claramente de uma pessoa de – ele usou essa expressão – de instrução primária, mas que tinha brilho etc. E que alguém para escrever naquele estilo, não sendo aquela pessoa, era um gênio. Seria um gênio* [risos]*."*
> Contudo, *Quarto não* é uma construção individual. Ao selecionar o que viria a ser publicado, suprimindo o que considerou repetitivo ou excessivo, Dantas expôs a potência da narrativa de De Jesus. Recria-se, assim, o próprio quotidiano mas (...) teve de ser trabalhado para vir à tona com intensidade surpreendente. (SILVA, 2011, p. 246)

Zora Neale Hurston optou em reproduzir a fala dos negros do sul dos Estados Unidos, Carolina usou o que tinha e o que sabia, o que força uma retomada do controle da sua produção cultural, que não precisou da "língua oficial" para produzir. Fanon chama uma vez

[51] Este trecho é de autoria do Jornalista Audálio Dantas, e faz parte do prefácio do livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.*

mais atenção para este domínio dos códigos que muitas vezes se revela como mutilação cultural:

> Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 33)

Porém, o que percebemos na atitude tanto de Zora Neale Hurston e de Carolina Maria de Jesus, é visibilizar sua "negridão", tendo a ferramenta da linguagem como meio, consciente para Zora e (in)consciente para Carolina, mas, Glissant, teórico de origem antilhana, mais especificamente da Martinica, se dedicou a pensar sobre esta temática da língua e da linguagem, e traz uma importante reflexão sobre o tema tendo como foco a questão da poesia:

> A questão sobre a escrita e a oralidade gera, nos dias de hoje, uma situação de angústia vivificante para o poeta, o escritor. Estes necessitam enfrentar duas problemáticas que estão interligadas: a primeira é a expressão de sua comunidade dentro de uma relação com a totalidade-mundo, e a segunda é a expressão de sua comunidade dentro de uma busca de absoluto e não-absoluto, ou de escrita e oralidade ao mesmo tempo. O poeta necessita realizar a síntese de tudo isso, e é o que considero como exaltante e complexo no panorama atual das línguas e das literatura no mundo. (GLISSANT, 2005, p. 48)

Entendemos que Zora Neale Hurston por sua formação em antropologia, escolheu a linguagem em que se expressar, já Carolina usou as ferramentas que possuía, também, para se expressar, e esta tensões no ato da escrita, em dialogar com os dois mundos, as duas autoras fizeram também em seu tempo e a sua maneira:

5.7 (Não)Bota qualquer nome

O nome está, dessa forma,
ligado intimamente
à própria noção do que nos permite dizer
"Eu".

(Cuti)

Um tema que percebemos recorrente nos trabalhos de todas estas autoras é a questão do nome, existe um incômodo explícito na forma de nomear negros(as), e as autoras, em seus trabalhos, com suas singularidades, tocam no tema. Esta preocupação com a questão da nomeação é uma forma também de dar visibilidade, de não passar desapercebido, de existir. Nos Estados Unidos, uma das motivações de se criar a categoria Blacks Womans Studies, nasce do desejo de se ver nomeada:

> Como qualquer grupo a que faltam direitos políticos, as mulheres negras não poderiam existir de uma forma consciente antes de nós as nomearmos. O aumento no número de estudos sobre a questão da mulher negra é um aspecto essencial deste processo de nomeação. (CALDWELL, 2010, p. 21)

Vamos retomar a citação de Zora Neale Hurston e falar de algo que foi secundarizado em detrimento às questões de linguagens que apontamos anteriormente, que é o apelido *Alfabeto* que a protagonista do romance, Janie, teve durante a sua infância. Esta prática de nomear crianças negras de qualquer coisa, ao que parece foi uma constante durante o período da escravidão dentro das famílias brancas, já que os nomes africanos não tinham nenhum significado, e não deveriam ser repetidos nas Américas, e o ato de nomear de qualquer coisa também trazia em si a não identidade, a usurpação da identidade em si, retomando ao extrato do texto:

> Essa aí é você. Alfabeto, será que não conhece você mesma?
> Todo mundo me chamava de Alfabeto, porque muita gente tinha me dado um bocado de nome diferente. Fiquei olhando um tempão pro retrato e vi que era meu vestido e meus cabelo, e aí disse:
> - Oh, oh! Eu sou preta! (HURSTON, 2002, p. 26)

Curiosamente foi possível identificar a mesma prática representada por Monteiro Lobato em seu livro de contos *Negrinha*, que data de 1920, exatamente trinta e dois anos do pós-abolição, no conto homônimo ao título do livro, o mesmo ato de nomear uma criança negra de qualquer coisa, se repete:

> Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinha sem fim.
> Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a *bubônica*. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste... (LOBATO, 1994, p. 22)

Estes extratos também colocam para nós a dimensão que apelidos podem ter na vida das pessoas, a curto prazo e a longo prazo, pois as sequelas simbólicas de ser subalternizado, ridicularizado, atingem a vítima por um longo tempo, ainda mais se estas ações ocorrem no primeiro período da infância. Atualmente, este debate já ganhou outros contornos, atingiu outras esferas em relação às violências simbólicas e físicas contra crianças de distintas origens, mas, aqui nesta tese, damos uma atenção maior para as crianças negras, que é a questão contemporânea do *bullying*[52]. Sabemos que esta categoria tem como espaço de análise a escola, mas esta questão abre um debate para grupos que não estão inseridos no debate das

[52] Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais de estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006&script=sci_arttext acessado em 11.09.2011

relações raciais, a ideia de que ficar desqualificando continuamente um indivíduo tem impacto direto em seu emocional.

Carolina Maria de Jesus apresenta em *Diários de Bitita* uma série de apelidos nos quais ela era nomeada no seio familiar:

> - Dona Cota (mãe de Carolina)[53], espanca esta negrinha! Que menina cacete! Macaca!
>
> (...) Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu a mataria. (JESUS, 2007, p. 14)

Podemos observar que não é somente a injúria usada nesta passagem, mas, esta combinação adjetivada aumenta ainda mais o teor da ofensa, de uma prática comum ainda no interior de algumas famílias, e encontra no espaço da escola um terreno fértil para que isso possa se desenvolver, e Cuti chama atenção para a força que um apelido pode tomar:

> Nome e apelido são como eixos que permitem às relações interpessoais se movimentam para um lado ou para o outro, para respeitabilidade, tolerância, acolhimento, ou para o seu contrário. Quem tem inimigo não gosta de pronunciar-lhe o nome, evita. Quando tem necessidade de fazer isso, acrescenta ao nome uma palavra que o caracteriza negativamente ou apela para uma palavra nova que cumpra o mesmo objetivo, neste caso, um apelido. É como se, ao pronunciar o nome do oponente, fosse agredido por algo ameaçador que ele contém, a própria identidade do outro. (CUTI, 2007, p. 19)

É interessante perceber alguns reflexos desta aparente "desatenção" ao nomear as crianças negras, tendo em consideração a importância que o nome próprio tem para a identidade do indivíduo. Segundo Pierre Bourdieu, o nome próprio tem as seguintes atribuições:

> "...o nome próprio é o suporte daquilo que chamamos de *estado civil*, isto é, desse conjunto de propriedades (nacionalidade, sexo, idade, etc.) ligadas a pessoas às quais a lei civil associa efeitos jurídicos e que instituem, sob a aparência de constatá-las, as certidões de estado civil. Produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nominação através dos quais é constituída a identidade social: essas certidões (em geral públicas e solenes) de atribuição, produzidas sob o controle e com a garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que desenvolvem uma verdadeira descrição oficial dessa espécie de essência social, transcendente de flutuação históricas, que a ordem social institui através do nome próprio(...) mais genericamente, todos os atestados jurídicos que envolvem um futuro a longo prazo, quer se trate de certificados que garantem de forma irreversível uma capacidade (ou incapacidade), de contratos que envolvem um futuro longínquo, como os contratos de crédito ou de seguro...." (BOURDIEU, 2000. p. 188)

A reflexão de Zora Neale Hurston e Carolina Maria de Jesus vem diretamente dos vários apelidos que suas personagens receberam na infância, mas, o que pudemos observar é que o ato de nomear é uma preocupação das escritoras envolvidas nesta pesquisa, pois, Conceição Evaristo também se dedica a falar sobre a questão do nome em seu romance *Ponciá Vicêncio* quase um século depois de Zora e cinquenta anos depois de Carolina:

> O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome, continuava achando o próprio nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o

[53] Informação do nome da mãe de Carolina colocado por esta pesquisa.

> nome, a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se tivesse lançando sobre si mesma um lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô do seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Porquê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2004, p. 27)

Este fragmento da obra de Conceição revela a insatisfação da protagonista com seu nome ao descobrir a origem do sobrenome Vicêncio, do dono das terras que vivia com a sua família. Neste momento é a intervenção da ativista Conceição Evaristo, revelando o seu desejo de não querer ver sua protagonista e os seus ainda acorrentados em sobrenomes que evocavam a subalternização.

Já em Maya Angelou encontramos a Sra. Viola Cullinan, uma mulher branca, patroa da protagonista, que simplesmente resolveu pôr conta própria o nome Marguerite, naquela época a autora ainda não usava seu nome artístico, era muito grande e resolveu chamar de um que fosse mais fácil para ela, esta situação só foi resolvida com a intervenção da governanta negra da casa, Sra. Glory, vamos ao diálogo:

> Depois que eu coloquei a bandeja na mesa e me virei para ir para cozinha, uma das mulheres perguntou:
> - Qual o seu nome, menina?
> Ela não fala muito. Seu nome é Margareth.
> - Ela é muda?
> - Não. A meu ver, ela sabe falar quando quer, mas normalmente é calada como um ratinho. Não é Margareth?
> Eu sorri para ela. Coitada. Sem órgãos e não sabia sequer pronunciar meu nome corretamente.
> - Ela é uma doçura porém.
> - Bem talvez seja o nome é comprido demais. Eu não me incomodaria. Eu a chamaria de Mary, se fosse você.
> (...)
> - Mary?
> A Srta. Glory perguntou:
> - Quem?
> (...)
> - A senhora quer dizer Margaret, senhora. O nome dela é Margaret.
> - Esse nome é comprido demais. Ela é Mary de agora em diante.
> (...)Quando ouvi a sra. Cullinan gritar: “Mary”, peguei o prato de forno de duas xícaras de vidro verde imediatamente joguei, quando ela contornou a porta da cozinha deixei cair no chão, sua louça da Vírginia. A Sra. Cullinan gritou mais alto: Essa crioula desajeitada. Crioulinha desajeitada. Seu nome é Margareth, droga, seu nome é Margaret.(...) A sra. Cullinan estava certa a respeito de uma coisa. Meu nome não era Mary. (ANGELOU, 1996, p. 106)

Não existe aleatoriedade na temática dos nomes e sim preocupação, denúncia de arbitrariedade, recuperar o tema dos nomes, e o ato de nomear, dentro de suas narrativas, nós entendemos como mais que um traço, uma preocupação de mulheres negras em tentar revelar inquietudes que foram desprivilegiadas, desde que o(a) primeiro(a) africano(a) escravizado(a)

aportou nas Américas sendo “batizado” com o nome de seu dono, talvez uma das maiores mutilações simbólicas, de destituição de identidade que alguém possa sofrer. Ana Maria Gonçalves também dedica ao tema, em seu romance *Um defeito de Cor*, um bom capítulo sobre a questão do nome de sua protagonista que foi batizada em África por Kehinde e aqui se tornou Luísa Gama:

> Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas disseram antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil eles tanto teriam que usar os nomes novos, de brancos, como louvar aos deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. Ela tinha dito que seria através do meu nome que os voduns iam me proteger. (GONÇALVES, 2006, p. 63)

Neste fragmento a autora já demonstra, através de sua protagonista, as tensões da travessia nos tumbeiros, mostrando que no ato da apreensão no continente africano, já sinalizava às africanas e aos africanos que eles estavam indo não só em direção a novas terras, mas também que estavam “obrigados” a deixar seus signos africanos para trás.

Já em outro momento, a autora intencionalmente rasura a história oficial do país de pacificidade por parte de homens e mulheres escravizados neste país, e vai demonstrando seus atos cotidianos, simbólicos de resistência frente à imposição de outro nome e de outra religião:

> Quando eu disse que me chamava Kehinde, o nosso dono pareceu ficar bravo, e um dos empregados perguntou novamente, em ioruba, que nome tinham me dado no batismo. Eu repeti que meu nome era Kehinde e não consegui entender o que diziam entre eles, enquanto o empregado procurava algum registro na lista dos que tinham chegado no dia anterior. O que sabia ioruba disse para eu falar o meu nome direito porque não havia nenhuma Kehinde, e eu não poderia ter sido batizada com este nome africano, deve ter um outro, um nome cristão. Foi só então que me lembrei da fuga do navio antes da chegada do padre, quando eu deveria ter sido batizada, mas não quis que soubessem dessa história. A Tanisha me contado o nome dado a ela, Luísa, e foi esse que adotei. Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, por Nanä, por Xangô, por Oxum, pelos Ibejis e principalmente pela Taiwo. Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto. (GONÇALVES, 2006, p. 63)

Fechando o ciclo de todas as citações acima, temos uma preocupação intencional por parte das autoras com um elemento central para a identidade que é a questão do nome, pois o nomear de qualquer coisa, apelidos que desqualificam, ter que usar outro nome, constituem um tema de interesse de todas as autoras apresentadas neste trabalho, pois, segundo Cuti, ao ser nomeado, o indivíduo imediatamente aciona os meandros de sua personalidade em torno de confirmação (CUTI, 2007, p. 13), e o que se confirma sendo chamada de negrinha, macaca, Alfabeto ou por outro nome que não é o seu? Na verdade o nome neste caso, não acolhe, mas repele o indivíduo de sua própria identidade.

5.8 Literatura feminina negra e ativistas negras

> Um dia, minha mãe mostrou-me
> um pente de ferro dizendo que os sinhôs obrigavam os
> escravos a pentear os cabelos com aqueles pentes. Porque o
> cabelo do negro é rústico. Que pente horrível. Arrancava todo
> o cabelo.
>
> Carolina Maria de Jesus

Quando escolhemos a epígrafe de Carolina Maria de Jesus sobre cabelo, estamos querendo demonstrar como o diálogo das escritoras negras com o movimento de mulheres negras é uma constante, até porque existe uma pauta comum de demandas para o grupo, e a condição de mulher escritora comunga e dialoga com as outras mulheres negras do movimento feminista negro.

É uma agenda conjunta contra as várias invisibilidades nas políticas públicas, nas rasuras na escrita, na promoção de outros discursos, outra vozes, o que acaba se revelando na prática como um processo de retroalimentação, uma simbiose ideológica, pois ativistas respaldam escritoras, e vice-versa, a própria epígrafe é uma prova desta conexão, pois falar de estética de mulheres negras, que é um tema constante nos espaços feministas contra a ditadura da beleza, leia-se a eurocêntrica, em detrimento da origem negra. Um bom exemplo foram as manifestações recentes frente à vitória de Leila Lopes, pois, em todos os sites feministas foi um grande destaque, como no Portal Geledés, página na internet das ações desta organização não governamental que luta contra o racismo e o sexismo no país. Por outro lado, o tema do cabelo, é fonte recorrente para escritoras(es) negras(os).

Um bom exemplo disso que podemos retomar é o tema da linguagem que já foi tocado anteriormente quando tratamos de seu uso pelas autoras, Carolina Maria de Jesus e Zora Neale Hurston, mas não é demais evidenciar o suporte que as ativistas dão ao poder criativo das escritoras, quando a feminista Lélia Gonzalez, em depoimento em sua biografia homônima, passa a usar expressões populares, algumas de origem africana, como foi o caso do *pretuguês* – termo segundo ela utilizado pelos africanos lusófonos. E insistia nessa diferença do uso da linguagem: “Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria a gente não é tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português é “pretuguês”. (RATTS; RIOS, 2010, p. 72)

Esta comprovação na diferença do português sinalizado por Lelia Gonzáles, na verdade é mais um ponto de confluência destes dois movimentos, o literário e o de mulheres negras, o que gera também na prática, que existem deslocamentos por parte destas mulheres para usarem seus ativismos com as ferramentas literárias e vice-versa, um exemplo disto é Alzira Rufino, fundadora da Casa da Mulher Negra de Santos, organização governamental que tem como missão a luta contra o racismo e o sexismo, localizada na cidade de Santos, litoral paulista. Na página da ONG, além de todas as ações realizada por elas, tem um espaço específico sobre Alzira Rufino, onde a(o) visitante do portal pode pesquisar sobre sua biografia, seus poemas e seus artigos. Escolhemos aqui um poema para ilustrar a trajetória literária desta importante ativista do movimento negro:

RESISTO
De onde vem este medo?
sou
sem mistério existo
busco gestos
de parecer
atando os feitos
que me contam
grito
de onde vem
esta vergonha
sobre mim?
Eu, mulher, negra,
RESISTO

Em outra proporção, também temos a Criola, organização não governamental do Rio de Janeiro, que também atua na luta antirracismo e antissexismo, organizou o 1º Prêmio literário e ensaístico sobre a condição da mulher negra: Lelia Gonzalez, como homenagem, o nome do prêmio era o de Lélia, militante de referência, que já citamos anteriormente. O resultado foi um publicação intitulada *Oro Obinirin* (1988), organizado por Josina Maria da Cunha, Jurema Werneck e Lúcia Maria Xavier, que contou com a coordenação do projeto de Conceição Evaristo, e nomes como Matilde Ribeiro, ex-ministra da SEPPIR, Ione da Silva Jovino, pesquisadora da área de literatura afro-brasileira, Rosalia Lemos, ativista do Rio de Janeiro, Andréia Lisboa, ativista e pesquisadora da área de literatura.

Para concluir, um exemplo desta cumplicidade se revela em um dos poemas mais conhecidos de Conceição Evaristo, publicado em *Cadernos Negros n. 19*, "A noite não adormece nos olhos das mulheres", dedicado à ativista Beatriz Nascimento, assassinada no Rio de Janeiro em 1995:

A noite não adormece nos olhos das mulheres
(Conceição Evaristo)

Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

5.9 Palavras Finais

Consideramos hoje que se torna imperativo a garantia da entrada e permanência de mulheres negras, e as escritoras, em especial, dentro dos espaços acadêmicos, mas acreditamos que o “contato” é uma ferramenta transformadora de convivência, pois o que se pôde observar nas passagens acima, é que estes dois grupos que foram aparecendo em oposição dentro deste espaço acadêmico, leia-se corpo docente, funcionários em algumas instâncias, e uma parcela do alunado, e do outro lado mulheres negras, na verdade precisam estabelecer mais contatos, pois, tanto para os acadêmicos como as próprias mulheres negras escritoras, existe um lugar da intelectualidade, que na verdade foi inimaginado pelos dois grupos, um por falta de acesso e pelo outro por anos de manutenção de um lugar de hierarquia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso desta tese nosso objetivo foi visibilizar a fala feminina autoral negra, tendo como fio comum as relações afetivas e suas (im)possibilidades vividas pelas protagonistas das obras de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston.

Identificamos ainda um impasse entre o fazer literário e o feminismo negro no momento de pensar a questão da afetividade, pois mesmo com todo o acúmulo destes dois temas verificado nas produções literárias, não foi possível construir possibilidades afetivas de realização.

A motivação inicial era falar de amor no universo representado nas obras de escritoras negras, mas como pesquisar este tema sem levar em consideração o componente preconceito racial e seus desdobramentos? Ou seja, foi inevitável, o que no fundo revelava nossa intencionalidade para tratar o tema das relações raciais, mas usando uma outra abordagem, o campo dos sentimento, por isso dialogamos com o Prof. Muniz Sodré no primeiro capítulo, e uma reflexão sua retorna neste momento de conclusão do trabalho:

> há certas visibilidades que nos cegam. O sol, por exemplo, se tornado excessivamente visível (olhado de frente), nos impede de enxergar. Mas há também objetos sociais que, se tornados visíveis demais, podem bloquear a visão de quem antes acreditava ver. Parece-me ser este o dilema da cor, do fenótipo escuro, na atualidade brasileira, onde vislumbro um caso de cegueira cognitiva. (SODRÉ, 2009, p.1)

A cegueira tratada por Muniz Sodré é aplicavél à questão do afeto às mulheres negras, pois elas (ou melhor dizendo nós), em nome do medo de mais uma vulnerabilidade, do enfrentamento cotidiano do racismo e da sobrevivência, permitiu que se criasse um hiato nas vivências afetivas, o amor passa a ser secundário na vida destas mulheres, chegando ao limite inclusive de não existir.

O desafio que está posto para nós mulheres negras contemporâneas é conseguir quebrar este elo, pois nossas antepassadas eram reféns da solidão, fruto de um sistema escravocrata que controlava inclusive as emoções, conforme apresentamos ao longo da pesquisa, mas tem que haver um esforço inicialmente de percepção, que não se vive em nossa configuração social sem afeto, seja aqui ou no Estados Unidos, recorrendo a bell hookspara finalizar esta tese, é importante perceber que a solidão gera, também, uma autodestruição, o que é ruim para quem vive e acaba repelindo a todas(os) ao redor (hooks, 2002, p.7), há que se construir um horizonte diferente de somente acumular bens materiais, há que se exercitar e

construir bens emocionais, introduzir na rotina pequenos prazeres, e poder ter a autonomia de fazer isto sem culpa. Encerramos com mais esta reflexão que está análise partilha em sua totalidade:

> Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2002, p.7)

REFERÊNCIAS

THE ACADEMY of motion pictures arts and sciences. Disponível em: <http://www.oscars.org/awards/academyawards/82/nominees.html> Acesso em: 12 fev. 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio sol amarelo.* São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

_____. *Hibisco roxo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. 2011.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

AALBC.Com. #1 site for African American Literature. Disponível em: <http://aalbc.com/authors/sapphire.htm> Acesso em: 12 fev. 2011.

ALICE Walker. The official website. Disponível em: <http://alicewalkersgarden.com> Acesso em: 13 fev. 2011.

ALVES, Miriam. *Brasilafro autorrevelado*: literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. *Cadernos negros:* melhores poemas. São Paulo: Quilombhoje, 2008.

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

_____. *Cartas para minha filha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. *Ainda assim eu me levanto.* Disponível em: <http://www.palavrarte.com/poesia_mundo/poepelomun_eua_maya_poemas.htm> Acesso em: 04 jun. 2011.

ARAÚJO, Juliana Carvalho. Conversa entre senhoras: Ana Cristina Cesar e Angela Melim. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 3, n 1, jan./jul, 2011. Disponível em: <http://revlet.com.br/artigos/90.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2011

AZEVEDO, Aluízio. O Cortiço. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BERND, Zilá. *Literatura negra*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=print&link_id=929&tmpl=component&Itemid=2> . Acesso em: 20 maio 2011.

BLOOM, Harold. *The Harlem Renaissance.* Philadelphia: Chelsea House Publisher, 2004.

BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. (Filosofia passo-a-passo).

BOSCO, João. *Quando o amor acontece*. Disponível em: < http://letras.terra.com.br/joao-bosco/46532/>. Acesso em: 20 maio 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta Morais (Org.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

BOYD, Valerie. *Wrapped in rainbows*: the life of Zora Neale Hurston. New York: Lisa Drew Books, 2004.

BOYD, Valerie. *O tempo vivo da memória*: ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUARQUE, Chico. *Teresinha*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45180/>. Acesso em: 14 ago. 2011.

CAETANO, Anajá. *Negra Efigênia:* Paixão do Senhor Branco. São Paulo: Edicel, 1966.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, mar./jun. 2010.

CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista Estudos Históricos,* América do Norte, n. 11, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071/1210>. Acesso em: 23 jul. 2011.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Representações da mulher negra na literatura brasileira*. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2011.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo*: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf> Acesso em: 20 jun. 2011.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados,* v.17, n.49, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf> Acesso em: 20 ago. 2011.

CAROLINA Maria de Jesus. Vida. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina_vida.html> Acesso em 08 maio 2011

CAVALLEIRO, Eliane. *Discriminação racial e pluralismo em escolas da cidade de São Paulo.* Brasília: MEC, 2005.

CHIZIANE, Paulina. *Nicketche:* uma história de poligamia. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought*: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York: Routledge, 2000.

CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba, Feiticeira negra de Salem.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

COUTINHO, Eduardo F. Nota à 2ª edição. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia F. (Orgs). *Literatura comparada*: textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 9-11.

COX, Vicki. *Maya Angelou: Poet - Black Americans of achievement*: L e g a c y e d i t. New York: Chelsea House Publish, 2006.

CRUZ, Ana. *Guardados da memória*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008.

CUTI. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate).

_____. *Negros em contos.* Belo Horizonte: Mazza, 1996.

_____. *Poemas da Carapinha*. São Paulo: Ed. do Autor, 1978.

_____. Moreninho, neguinho, pretinho. In: APARECIDA, Gislene dos Santos (Org.). *Coleção Percepção da diferença:* negros e brancos na escola. São Paulo: Ministério da Educação, 2007. v.3Disponível em: <http://www.usp.br/neinb/livros/vol(3).pdf>. Acesso em: 14 set. 2009.

DANTAS, Larissa. O mercado editorial e a representação da mulher: uma análise dos romances de Marilene Felinto. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC, 11., 2007, São Paulo. *Literaturas, artes e saberes*. São Paulo: ABRALIC, 2007.

DANTICAT, Edwiges. *Adeus Haiti*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

DAVIS, Ângela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia.. *Cadernos do Ceas,* n. 210, mar./abr. 2004. Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luis (MA), na Iª Jornada Cultural Lélia Gonzalez, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza.

DEALTRY, Giovanna (Org.). *Alguma prosa*: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

DEL PRIORE, Mary. *A história do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. Disponível em: <http://api.ning.com/files/YvQwzif2nPn84fB7eNCAmrql1sFvrqy4WEzuE1Gj4vZJwrEClX9l5JM1HPdky7v4jy3qw5JZFynkMC3I3tZ0e0Uu8QoZGB1/MaryDelPrioreHistriadoAmornoBrasil.pdf> Acesso em: 11 set. 2011.

DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política e identidades*: ensaios. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

_____. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

_____. Na cartografia do romance afro-brasileiro: "um defeito de cor" de Ana Maria Gonçalves. In: LAHIN, Claudia Regina; DELGADO, Ignácio José Godinho; ROCHA, Enilce Albegarra Rocha; MENEGAT, Elizete M.; ANDRADE, Danubia (Orgs.). *Culturas e diásporas africanas.* Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Fala do outro* – literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

_____. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Terra Roxa e outras terras – Revista de estudos literários*, v. 17-A, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Aa.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2011.

ELIZANDRA. *Punga.* São Paulo: Edições Toró, 2008.

ESTUDOS LITERÁRIOS. Programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ppgletras.ufjf.br/profs/textos/textomc2.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2009.

_____. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgletras/files/2009/11/TRADU%C3%87%C3%95ES-LITER%C3%81RIAS-JOGOS-DE-PODER-ENTRE-CULTURAS-Maria-Clara.pdf> Acesso em: 11 fev. 2010

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. *Ponciá Vicêncio.* Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. Da Grafia – desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FACULDADE DE LETRAS. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/frame.htm>. Acesso em: 01 jul. 2010.

FELISBERTO, Fernanda. *Terras de palavras.* Rio de Janeiro: Pallas : Afirma Publicações, 2004.

FERREIRA, Nadiá P. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro. J. Zahar, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Brasil afro-brasileiro.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. (Orgs.) *Poéticas afro-brasileiras.* Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Édition du Seuil,1975.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Genealogía del Racismo*: De la guerra de las razas al racismo de Estado. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1992.

FRANCO, Jean. *Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005.

GALLE, Helmut. Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. *Matraga*, Rio de Janeiro, ano 13, n.18, p. 64-91, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro.* São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM-Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória*: uma leitura de Toni Morrison. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1997.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GOMES, Heloisa Toller. *A literatura afro-americana*: seus dilemas, suas realizações. Disponível em: <http://revistabrasil.org/revista/ingles/heloisa.htm> Acesso em: 05 jun. 2011.

GOMES, Ramonildes Alves; GOMES, Valdeci Feliciano. Laços matrimoniais, amarras tradicionais: a família como autoconstituição em Câmara Cascudo. *Caderno CRH*, Salvador, v.22, n. 55, p. 185-200, jan/abr. 2009.

GOMES, Silvia Regina. *Medidas interdisciplinares, pós-colonialismo e estudos literários*: contextos, problemas e propostas. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/eventos/moebius/arquivos/medidasinterdisciplinares.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2011.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.). *Educação, cultura e literatura afro-brasileira*: contribuições para a discussão da questão racial na escola. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura.* 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.

GUIMARÃES, Ruth. *Água funda*. Porto Alegre: Livraria O Globo, 1946.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALLEWELL, Lawrence. *A história do livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

hooks, bell. *Feminist theory*: from margin to center. Cambridge: South End Press, 2000.

_____. *Killing rage*: ending racism. New York: Henry Holt and Company, 1996.

_____. *Aint´t I a woman*: black women and feminism. New York: Henry Holt and Company, 1981.

_____. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maysa; EVELYN C. (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras*: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas Editora : Criola, 2006.

_____. Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.3, n.2, 1995. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-123904hooks.pdf>. Acesso em: 04 maio 2011.

HURSTON, Zora Neale. *Seus olhos viam Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Sacramento: Bertolucci, 2007.

_____. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria:* diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

_____.*Pedaços da fome.* São Paulo: Áquila Ltda, 1963.

_____. *Provérbios.* São Paulo: [s.n.], [19--].

_____. Onde estais felicidade? *Movimento,* 21 fev. 1977.

JONES, Omi Osun Joni. Vivendo a resposta: o legado de Hansberry. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, mar./jun. 2010. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/23/40> Acesso em: 04 maio 2011.

JUNKES, Lauro. Romancistas e a teoria do romance. In: *Anuário de Literatura*, 1997, p. 131-158. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5413/4837> Acesso em: 12 jun. 2011.

LAHIN, Claudia Regina; DELGADO, Ignácio José Godinho; ROCHA, Enilce Albegarra Rocha; MENEGAT, Elizete M.; ANDRADE, Danubia (Org.). *Culturas e diásporas africanas*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2009.

LIMA, Ari. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual*? Revista Afro-Ásia*, v.25-26, p. 281-312, 2001. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n25_26_p281.pdf> Acesso em: 11 jun. 2011.

LIMA, Christian Fernando dos Santos; LIMA, Reynúncio Napoleão. Nos desvãos de um mundo estrangeiro – a criação e trajetória do Teatro Experimental do Negro. *Revista Travessia*. <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007/ARTEECOMUNICACAO/NOS%20DEV%C3%83OS%20DE%20UM%20MUNDO.pdf> Acesso em: 10 jul. 2011.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LIMA, Omar da Silva. *Conceição Evaristo*: escritora negra comprometida etnograficamente. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/conceicaoevaristo/concei%C3%A7%C3%A3ocritica06.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2011.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LOPES, Nei. *Dicionário literário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

_____. *Enciclopédia da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOWE, John. *Zora Neale Hurston's cosmic comedy.* Chicago: Illiniois Book Edition, 1997.

LUCINDA, Elisa. *Mulata exportação*. Disponível em: <http://www.escolalucinda.com.br/bau/mulataexportacao.html>. Acesso em: 15 jun. 2011.

MARTINS, Bruno Guimarães. Paula Brito e a Petalógica: distorções na formação de uma cultura letrada no Brasil. In: COLÓQUIO DE COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE: instituições valores e cultura, 1. ,2008, Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/MARTINS_bruno.pdf> Acesso em: 30 abr. 2011.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*: o reino do Rosário no Jatobá. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

MATTA, Roberto da. *A casa & a rua*: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAYA Angelou. Global renaissance woman. Disponível em: <http://mayaangelou.com> Acesso em: 12 fev. 2011

MCMILLAN, Terry Lin. *Falando de amor*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. *Como Stella recuperou o rebolado.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

MERCADO editorial brasileiro cresce e fatura mais de R$3 bilhões. *Folha Online,* São Paulo,1 out. 2008. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u451063.shtml> Acesso em: 11 fev. 2010

MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana*: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas :Centro de Estudos Afro-Brasileiros, [19--].

MIRANDA, Wander Melo. A ilusão autobiográfica. In: _____. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p.25-41.

MOREIRA, Daniel da Silva. Reconstruir-se em texto: práticas de arquivamento e resistência no Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus. *Estação Literária:* vagão. v. 1, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art6.pdf>. Acesso em: 10 set. 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORRISON, Toni. *Amada.* São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. *Amor.* São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

_____. *Canção de Solomon.* São Paulo: Best Seller, 1977

_____. *Compaixão.* São Paulo: Cia. das Letras. 2009.

_____. *Jazz.* São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

_____. *O olho mais azul*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. *Paraíso.* São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. *Quem levar a melhor:* novas fábulas de Esopo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. *Estudos Avançados,* São Paulo, v. 18, n. 50, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2011.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do; PATRINI-CHARLON, Maria de Lourdes. As máscaras do feminino: o “eu” fragmentado no diário e na epistolografia do último ano de Florbela Espanca. In: CONGRESSO FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Diásporas, Diversidades e Deslocamentos*. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278301585_ARQUIVO_Asmascarasdofeminino.pdf> Acesso em: 05 maio 2011.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos Femininos,* v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 15 maio 2011.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões. *Traduções literárias*: jogos de poder entre as culturas assimétricas. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgletras/files/2009/11/TRADU%C3%87%C3%95ES-LITER%C3%81RIAS.pdf> Acesso em: 17 jun. 2011.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar*: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia.317 f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

PAIXÃO, Marcelo; ROSSETO, Irene; MONTOVANELE, Fabiana; CARVANO, Luiz M. (Orgs.). *Relatório Anual das Desigualdades raciais no Brasil 2009-2010: Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça.* Rio de Janeiro: Garamond; LAESER : Instituto de Economia, 2011.

PATTERSON, Tiffany Ruby. *Zora Neale Hurston and a History of Southern Life*. Philadelphia: Temple University Press, 2005.

PALMEIRA, Francineide Santos. Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: intelectuais negras, poesia e memória. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários,* v. 17-A, dez. 2009. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Ak.pdf>. Acesso em: 01 set. 2011

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Panorama da literatura afro-brasileira. *Callaloo,* v. 18, n. 4, p. 1035-1040,autumn 1995.Literatura Afro-Brasileira. Um Número Especial. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3298939>. Acesso em: 20 maio 2011.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. O TEN e a modernidade. *Revista Dyonisos*: Teatro Experimental do Negro, Rio de Janeiro, n.28, 1988.

PINHO, Osmundo. O Preço da noiva e homem novo em Moçambique. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS AFRICANOS DO NEAF/UFF, 2011, Niterói. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/em-debate/colunistas/10775-osmundo-pinho-o-preco-da-noiva-e-o-homem-novo-em-mocambique> Acesso em: 13 jul. 2011

RANDOLPH, Ruth Elizabeth; ROSES, Lorraine Elena. *Harlem Renaissance and Beyond*: Literary Biographies of 100 Black women writers 1900-1945, Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica:* trajetória e vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kwanza : Imprensa Oficial de SP, 2008.

RATTS, Alex. RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez.* São Paulo: Selo Negro. 2010.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

RUFFATO, Luiz. *Questão de pele*: Contos sobre preconceito racial. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (Org.). *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2005.

_____. Na luta pela visibilidade: a formação de professores e a literatura afro-brasileira. In: GONÇALVES, Maria Alice Resende. *Educação, Cultura e Literatura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007. (Sempre Negro; v.1)

_____. (Org.). *Feminismos, identidades, comparativismos*: vertentes nas literaturas de língua inglesa. Rio de Janeiro: Europa, 2006.

_____. *Escritoras Negras Contemporâneas*: estudo de narrativas – Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual*: as palestras de Reith de 1993. Lisboa: Colibri, 2000.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus*: a escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (Org.). *O negro em versos.* São Paulo: Salamandra, 2005.

SANTOS-FÉBERES, Mayra. Mais mulher que todas. *Revista da ABPN*, v. 1, n.1, p. 78-87, mar./jun. 2010. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/26/16>. Acesso em: 08 set. 2011.

SANTOS Jr., Renato Nogueira dos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. *Revista África e Africanidades*, ano 3, n. 11, nov. 2010. Disponível em: <http://www.africaeafricanidades.com/documentos/01112010_02.pdf>. Acesso em: 01 set. 2011

SAPPHIRE. *Preciosa*. Rio de Janeiro: Record. 2010.

SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. In: *Cadernos Pagu.* n. 8-9, p. 177-209, 1997. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-092748schpun.pdf>. Acesso em: 09 set. 2011.

SILVA, Ana Rita Santiago. A literatura de escritoras negras: uma voz(des)silenciadora e emancipatória. *Revista Interdisciplinar*, ano 5, v.10, p. 175-188, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_11/INTER11_15.pdf>. Acesso em: 05 set. 2011

SILVA. Mario Augusto Medeiros. *A descoberta do insólito:* literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 449f. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. *Paula Brito*: o precursor da imprensa negra e do conto brasileiro. Disponivel em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/paulabrito/paulabritocritica01.pdf> Acesso em: 14 abr. 2011.

SEMOG, Éle. Poetas negros, Movimento Negro e alguma vida. In: GONÇALVES, Maria Alice Resende. *Educação, arte e literatura africana de língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007. (Sempre Negro; v.2)

SOBRAL, Cristiane. Palavras não são cascas. In: *Cadernos negros*: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2010. v. 33.

SODRÉ, Muniz. Sobre a identidade brasileira. *IC - Revista Científica de Información y Comunicación*, n. 7, p. 321-330, 2010. Disponível em: <http://www.ic-journal.org/data/downloads/1292343056-43sodrebaja.pdf> Acesso em: 02 maio 2011.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade:* ensinamentos ancestrais africanos. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Memória e Performance nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

TERRY McMillian. Disponível em: <http://www.terrymcmillan.com/view/bio> Acesso em: 22 mar. 2011.

THORNTON, Shana. Alice Walker and Zora Neale Hurston: a re-discovery that helped preserve african-american culture. In: *Her Circle*: a magazine of women's creative art and activism, 26 fev. 2008. Disponível em: <http://www.hercircleezine.com/2008/02/26/alice-walker-and-zora-neale-hurston-a-re-discovery-that-helped-preserve-african-american-culture/> Acesso em: 10 jun. 2011.

VANZANT, Iylana. *A vida vai dar certo para mim.* Rio de Janeiro: Sexante, 2003.

_____. *Descubra sua essência espiritual*. Rio de Janeiro: Sexante, 2007.

_____. *Enquanto o amor não vem.* Rio de Janeiro: Sexante, 1999.

_____. *Esperando o amor chegar.* Rio de Janeiro: Sexante, 2002.

VANZANT, Iylana. *Ontem eu chorei.* Rio de Janeiro: Sexante, 2001.

_____. *Posso conseguir o que desejo.* Rio de Janeiro: Sexante, 2009.

_____. *Sei que vou sair dessa.* Rio de Janeiro: Sexante, 2004.

_____. *Um dia minha alma se abriu por inteiro.* Rio de Janeiro: Sexante, 2000.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. O romance como gênero planetário: a cultura do romance. *Novos estudos CEBRAP* , n.86, p. 187-195, 2010. ISSN 0101-3300. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a11.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2011

VEJA o perfil de Chimamanda Ngozi Adichie. *Folha Online*, São Paulo,1 jul.2008. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u416915.shtml> Acesso em: 08 abr. 2011

WALKER, Alice. *A cor púrpura.* São Paulo: Círculo do Livro, [19--].

_____. *De amor e desespero*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. *Ninguém segura essa mulher.* São Paulo: Marco Zero, 1987.

_____. *Vivendo pela palavra*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maysa; EVELYN C. (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras*: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas : Criola, 2006.

_____.(Org.). *Mulheres negras*: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Criola, 2009.

WERNER, Camila. O fluxo de traduções do Brasil para o exterior: seis estudos de casos. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2., 2009, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: [s.n.], [2009?]. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/camila_werner.pdf> Acesso em: 11 fev. 2010

ZORA Neale Hurston. The official website of Zora Neale Hurston.Disponível em: <http://www.zoranealehurston.com/books/their_eyes_teaching_guide.html> Acesso em: 27 out. 2010.

_____. By Jone Johnson Lewis, About.com. Guide. Disponível em: <http://womenshistory.about.com/od/hurstonzoraneale/p/hurston_bio.htm> Acesso em: 24 jun. 2011